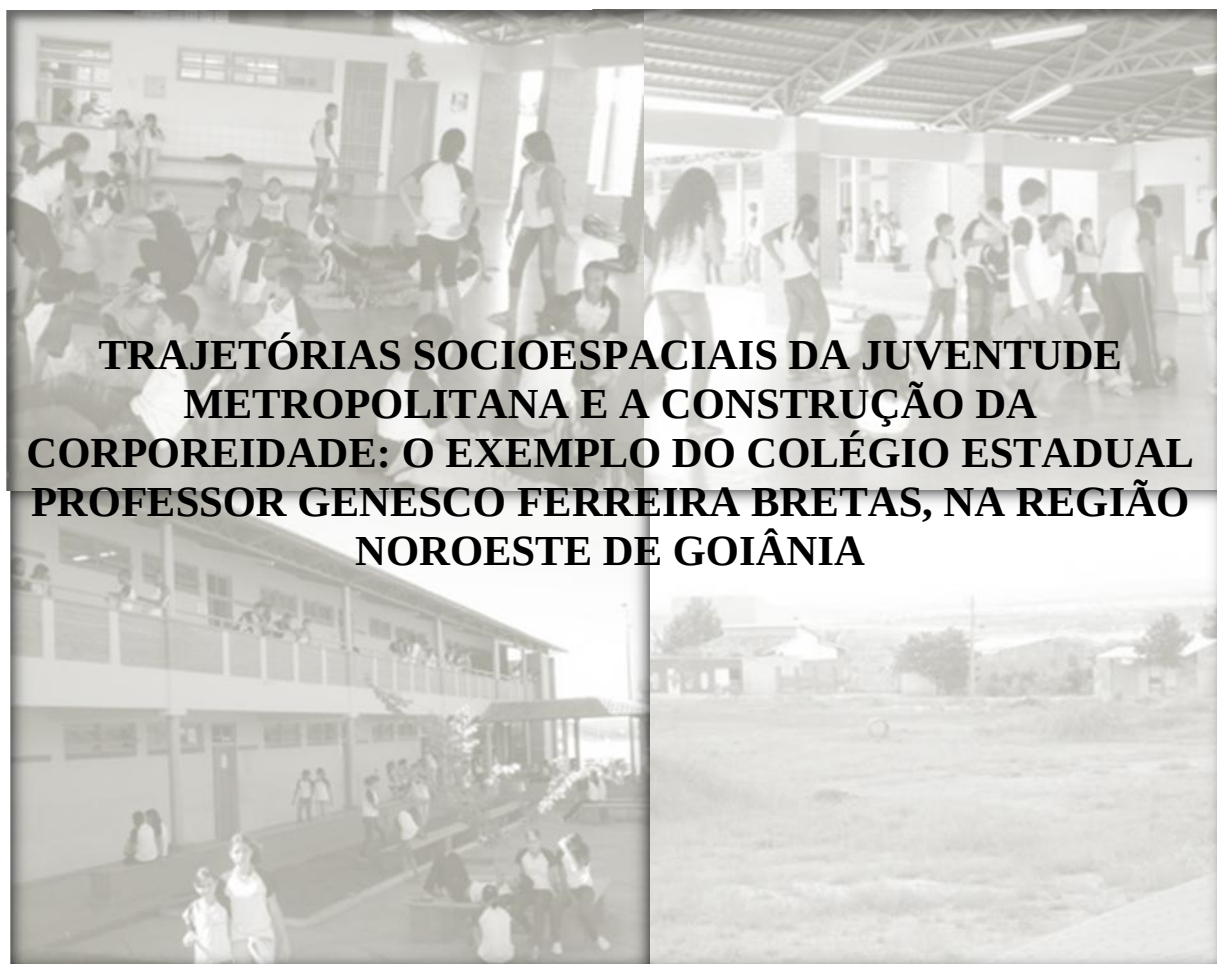


UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDOS SÓCIO-AMBIENTAIS
PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA



**TRAJETÓRIAS SOCIOESPACIAIS DA JUVENTUDE
METROPOLITANA E A CONSTRUÇÃO DA
CORPOREIDADE: O EXEMPLO DO COLÉGIO ESTADUAL
PROFESSOR GENESCO FERREIRA BRETAS, NA REGIÃO
NOROESTE DE GOIÂNIA**

Orley Olavo Filemon

Orientador: Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro

Goiânia
2011



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDOS SÓCIO-AMBIENTAIS
PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO
ORLEY OLAVO FILEMON

TRAJETÓRIAS SOCIOESPACIAIS DA JUVENTUDE METROPOLITANA E A
CONSTRUÇÃO DA CORPOREIDADE: O EXEMPLO DO COLÉGIO ESTADUAL
PROFESSOR GENESCO FERREIRA BRETAS, NA REGIÃO NOROESTE DE GOIÂNIA

Orientador: Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro

Goiânia
2011

ORLEY OLAVO FILEMON

TRAJETÓRIAS SOCIOESPACIAIS DA JUVENTUDE METROPOLITANA E A
CONSTRUÇÃO DA CORPOREIDADE: O CASO DO COLÉGIO ESTADUAL
PROFESSOR GENESCO FERREIRA BRETAS, NA REGIÃO NOROESTE DE GOIÂNIA

Dissertação apresentada ao Programa de Pesquisa e
Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Estudos
Sócio-Ambientais da Universidade Federal de Goiás,
para fins de obtenção do título de Mestre em Geografia.
Área de concentração: Espaço e Cultura
Orientador: Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro

Goiânia
2011

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
GPT/BC/UFG

F481t Filemon, Orley Olavo.
Trajetórias Socioespaciais da Juventude Metropolitana e a Construção da Corporeidade [manuscrito]: O Exemplo do Colégio Estadual Genesco Ferreira Bretas, na Região Noroeste de Goiânia / Orley Olavo Filemon. - 2011.
xv, 123 f. : il., figs, tabs.

Orientador: Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Sócio-Ambientais, 2011.
Bibliografia.
Inclui lista de figuras, abreviaturas, siglas e tabelas.

1. Trajetória Socioespacial. 2. Corporeidade e corpo. 3. Metrópole - Juventude. I. Título.

CDU: 911.3:796.011

ORLEY OLAVO FILEMON

TRAJETÓRIAS SOCIOESPACIAIS DA JUVENTUDE METROPOLITANA E A
CONSTRUÇÃO DA CORPOREIDADE: O EXEMPLO DO COLÉGIO ESTADUAL
PROFESSOR GENESCO FERREIRA BRETAS, NA REGIÃO NOROESTE DE GOIÂNIA

BANCA EXAMINADORA

Dissertação apresentada ao curso de mestrado em Geografia do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais da Universidade Federal de Goiás, aprovada em 28 de maio de 2011, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro – Orientador
Presidente da Banca

Prof. Dr. João Batista de Deus – IESA/UFG

Prof. Dr. José Henrique Stacciarini – UFG/Catalão

Prof^a. Dra. Lana de Souza Cavalcanti – IESA/UFG (Suplente)

Goiânia
2011

Dedicatória:

Dedico este trabalho a todas as pessoas de bom coração e que acreditam e lutam por um mundo melhor.

A marcha do ser humano em seu *universum* é infinita como a própria infinitude do universo. Ao longo de sua caminhada histórica, o homem, por meio do seu trabalho, vem construindo, para melhor, o seu espaço de vivência terrena. Na medida em que a realidade objetiva do mundo da natureza, da sociedade e do próprio homem vai sendo desvendada pelo contínuo avanço das ciências e das técnicas e transformada pelo saber filosófico em lei maior, o ser humano passa a atuar, cada vez mais racionalmente, em interação mútua com seu meio ambiente. Toda a estrutura do seu ser – material e espiritual – encontra-se submetida às leis da evolução dialética, portanto, inserida num contínuo processo de evolução.

(Horieste Gomes em “Reflexões sobre teoria e crítica em Geografia”)

AGRADECIMENTOS

A elaboração de uma dissertação de mestrado é longa, difícil, tensa, e ao mesmo tempo, cheia de alegrias, esperanças e crescimento pessoal. A realização de um trabalho como esse de pesquisa, marca a vida de seu autor. Trazem muitas alegrias e incertezas, desafios e descobertas, mas tudo isso se transforma em aprendizagem, em conhecimento e nos mostra novas possibilidades de ver o mundo em que vivemos.

Dessa forma, agradeço a todas as pessoas que contribuíram para a realização deste trabalho, direta ou indiretamente. Não posso citar os nomes de todos, pois seria impossível (são tantos) e correria o risco de esquecer um ou outro. Mas, mesmo me arriscando, citarei alguns nomes de pessoas que sempre estiveram bem próximas de mim e nestes dois últimos anos foram grandes incentivadoras e colaboradoras.

Ao professor e amigo de todas as horas Eguimar Chaveiro que me orientou de forma espetacular, mostrando caminhos possíveis quando eu já achava que não existia mais caminho a trilhar; a minha companheira Flávia pelo seu carinho, amor, respeito e pela sua fabulosa ajuda em todos os momentos deste trabalho, sua dedicação comigo é incomensurável; aos meus pais Senhor Dino João e Senhora Benedita que sempre me incentivaram nos estudos e acreditaram em minha capacidade de ser alguém na vida; aos meus irmãos que me ajudaram, incentivaram e pelo respeito que tenho deles; aos meus amigos que souberam entender minha ausência nos nossos momentos de lazer e que me apoiaram nesse trabalho; aos professores do IESA, em particular ao professor Manuel Calaça, à professora Maria Gearalda, à professora Lana Cavalcanti, ao professor Alex Ratts, à professora Celene Guimarães, ao professor João Batista de Deus pelas contribuições na qualificação e pelas orientações passadas em conversas informais; ao professor Ronan.

Também à professora Maria Luiza Batista Bretas Vasconcelos, que me apoiou e contribuiu de forma especial no exame de qualificação e em conversas sobre o tema, minha eterna gratidão.

Aos amigos e colegas de mestrado que em muitos momentos trouxeram contribuições marcantes.

Aos amigos e colegas de orientação e do grupo de estudos Dona Alzira, minha eterna gratidão pelas inúmeras contribuições no trabalho de pesquisa e pela cumplicidade nos momentos de estudos e incentivos nos momentos de tribulação.

Aos amigos e colegas do LABOTER, que me ajudaram muitos nos momentos de estudos e pesquisa, minha gratidão.

Aos companheiros de trabalho da Secretaria Estadual de Educação de Goiás, pessoas que me ajudaram e incentivaram muito nesses dois anos de estudos e pesquisas, minha gratidão e respeito.

Aos amigos e colegas de trabalho da Faculdade Padrão, que sempre trouxeram contribuições neste trabalho, minha gratidão.

Aos colegas de trabalho do Colégio Estadual Professor Genesco Ferreira Bretas, que proporcionaram minha pesquisa e me acolheram muito bem, em especial à senhora diretora Elândia e seu esposo Junior, meu muito obrigado.

Aos funcionários e colaboradores do IESA, que sempre nos trataram com muita presteza e atenção, em especial à Senhora Joraia e à senhorita Nathália, minha gratidão.

Em especial quero agradecer aos novos amigos que fiz no mestrado nesse período, pessoas que me apoiaram e incentivaram de forma espetacular e me ajudaram muito, a todos minha eterna gratidão, em especial a: Sélvia, Alexsander, Márcia Pelá, Sandro Sáfadi, Pablo, Aníbal, Helcio, Angelita, Rosana, Benjamim, Muriel, Marcela, Ana Luísa, Denis, Wilson, Gilmar, Lara Cristine, Rosane, Bruno, Leandro baiano, Weder, Uelinton da AGB, Jonatas e Eguimar Felício Chaveiro.

Aos professores João Ferreira e Jadir Pessoa da Faculdade de Educação da UFG, que me orientaram nesse trabalho e pelas conversas sobre o tema, minha gratidão.

Aos colegas do grupo de pesquisa sobre metrópole IESA-USP minha gratidão pelo apoio no trabalho de pesquisa e incentivo nos momentos difíceis.

Ao IESA, à coordenação de Pós-graduação em Geografia, em especial à professora Lana Cavalcanti, minha gratidão e respeito.

À Universidade Federal de Goiás-UFG, e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás-FAPEG, pelo suporte e ajuda nessa busca pelo conhecimento.

RESUMO

O presente trabalho objetiva demonstrar que há uma ligação indissociável entre corporeidade e espaço. A leitura integrada coloca o corpo como uma mediação de todas as esferas, desde as naturais, passando pelas sociais até as emocionais. Usou-se como procedimento metodológico componentes qualitativos especialmente a partir da noção de trajetórias socioespaciais dos jovens da periferia metropolitana de Goiânia. O pressuposto teórico que embasa o trabalho é: o espaço marca a trajetória de vida dos jovens e os jovens marcam e representam esse espaço com suas vidas. Destaca-se que a população jovem no Brasil se distribuiu em vários contextos sociais, formando assim o que se pode denominar “Juventudes”, termo que justifica as mais variadas condições socioculturais presentes nos grupos. Pelas profundas trajetórias socioespaciais vividas na periferia proletária da metrópole é que os jovens constroem a sua corporeidade. Problematicizou-se o seguinte: quais as influências que os jovens sofrem do espaço metropolitano a partir da periferia proletária? Como o jovem, a partir de sua cultura, apropria-se da escola e a transforma num lugar de sua vida? A escolha do Colégio Genesco Ferreira Bretas justifica-se pelo fato de que ele é referência para os jovens da região configurando-se como o local de maior concentração de jovens. Os jovens pertencentes ao segmento delimitado têm uma trajetória de vida marcada pela segregação socioeconômica e condições precárias de vida. Ao verificar os conflitos da juventude atual descobriu-se também potencialidades criadoras e criativas, bem como resistências e insurgências pelas quais estabelecem relações do seu corpo com o mundo mediado pelo espaço.

PALAVRAS-CHAVES: Trajetória Socioespacial, Corporeidade, Corpo, Metrópole, Juventude.

ABSTRACT

This paper aims to demonstrate that there is an inextricable link between corporeality and space. The integrated reading puts the body as a mediation of all levels, from natural, through the social to the emotional. It is used as a methodological procedure, qualitative components especially from the notion of social spatial trajectories of young people in metropolitan outskirts of Goiania. The theoretical assumption that underlies the work is: the space marks the trajectory of youth and young brand and represents this space with their lives. It is noteworthy that young people in Brazil are distributed in various social contexts, thus forming what might be called "Youth ", a term which explains the various socio-cultural conditions present in groups. By profound socio-spatial trajectories proletarian lived on the outskirts of the metropolis is that young people construct their corporeality. The problem we are following is: What are the influences that young people experience on the metropolitan area from the periphery proletarian? As the young from their culture appropriates and transforms the school into a place of their lives? The choice of the College Genesco Ferreira Bretas is justified by the fact that it is a reference to the youth of the region taking shape as the site of highest concentration of young people. Youths belonging to the segment have a limited life course marked by socioeconomic segregation and substandard living conditions. By checking the conflicts of today's youth is also found creative potential and creative as well as resistance and insurgency in which their body establish relations with the world mediated through space.

KEY WORDS: trajectory sociospatial, corporeity, body, metropolis, youth.

LISTA DE SIGLAS

CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CRER – Centro de Reabilitação e Readaptação Dr. Henrique Santillo

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IESA – Instituto de Estudos Sócio-Ambientais

LABOTER – Laboratório de Estudos e Pesquisas das Dinâmicas Territoriais

SEPLAM – Secretaria Municipal de Planejamento e Urbanismo

UFG – Universidade Federal de Goiás

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Alunos do Colégio Profº. Genesco Ferreira Bretas no intervalo de aula	22
FIGURA 2 – Entrevista com aluna do Colégio Profº. Genesco Ferreira Bretas	24
FIGURA 3 – Colégio Estadual Professor Genesco Ferreira Bretas	27
FIGURA 4 – Mapa da Região Noroeste de Goiânia	28
FIGURA 5 – Alunos no recreio do Colégio Genesco Ferreira Bretas	40

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Evolução demográfica da cidade de Goiânia de 1940- 2007.	30
GRÁFICO 2 – Principais características dos alunos do Colégio Profº. Genesco Ferreira Bretas.	66
GRÁFICO 3 – Os maiores problemas dos alunos em sala de aula.	67
GRÁFICO 4 – Características marcantes da região noroeste de Goiânia	67
GRÁFICO 5 – Relação Professor-Aluno segundo os professores e gestores do colégio Profº. Genesco Ferreira Bretas	68
GRÁFICO 6 – Desenvolvimento da corporeidade dos alunos dentro do colégio Profº. Genesco Ferreira Bretas.	69
GRÁFICO 7 – Maiores virtudes dos alunos do colégio Profº. Genesco Ferreira Bretas	70
GRÁFICO 8 – Problemas sociais vividos pelos alunos do colégio Profº. Genesco Ferreira Bretas	70
GRÁFICO 9 – Hábitos de lazer dos alunos do colégio Profº. Genesco Ferreira Bretas	71
GRÁFICO 10 – A visão dos alunos sobre os professores do Colégio Profº. Genesco Ferreira Bretas	73
GRÁFICO 11 – Significado da escola para os alunos do Colégio Profº. Genesco Ferreira Bretas	74
GRÁFICO 12 – Características marcantes da região noroeste de Goiânia para os alunos	75
GRÁFICO 13 – Relação aluno-aluno no Colégio Profº. Genesco Ferreira Bretas	76
GRÁFICO 14 – Relação aluno-professor segundo os alunos do colégio Profº. Genesco Ferreira Bretas	76
GRÁFICO 15 – Desenvolvimento da corporeidade dos alunos do Colégio Profº. Genesco Ferreira Bretas	77

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – População de Goiânia e faixa de renda média por região – 2000.	31
TABELA 2 – Goiânia: População Urbana segundo as Regiões – 1991 e 2000.	33

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
CAPÍTULO I – REGIÃO NOROESTE DE GOIÂNIA E O ESPAÇO METROPOLITANO: SEGREGAÇÃO E A CORPOREIDADE JUVENIL.....	26
1.1 Colégio Estadual Profº “Genesco Ferreira Bretas”: um lugar no mundo da periferia proletária da metrópole goianiense.....	26
1.2 A Região Noroeste de Goiânia: Espaço de Segregação e Resistência.....	28
1.3 A construção da corporeidade e o espaço metropolitano: perigos e possibilidades.....	34
1.4 Corporeidade Juvenil: a produção do <i>habitus</i> no espaço urbano.....	35
CAPÍTULO II – A CORPOREIDADE JUVENIL DE ALUNOS DO COLÉGIO GENESCO FERREIRA BRETAS NO CONTEXTO DA METRÓPOLE CONTEMPORÂNEA.....	42
2.1 O papel da escola segundo Bourdieu e a corporeidade juvenil.....	42
2.2 Geografia e sujeito: a reflexão da corporeidade	44
2.2.1 A construção da corporeidade nas sociedades de conflitos desiguais.....	46
2.2.2 A corporeidade como instrumento de intervenção.....	47
2.2.3 A corporeidade entre a alienação e a potência de libertação.....	48
2.2.4 A participação da geografia nos estudos do sujeito.....	49
2.2.5 A fragmentação do sujeito: corpos sob riscos no espaço da pressa.....	51
2.2.6 Em busca de uma corporeidade autônoma.....	52
2.3 O corpo na história, a história do corpo: uma perspectiva espaço-temporal da corporeidade	53
2.4 O corpo do jovem na metrópole	59
2.5 A representação dos professores do Colégio Genesco F. Bretas sobre os alunos e a escola.....	65
2.6 A representação dos alunos do Colégio Genesco F. Bretas sobre os professores e a escola.....	72
CAPÍTULO III – TRAJETÓRIAS SOCIOESPACIAIS DE ALUNOS DA REGIÃO NOROESTE DE GOIÂNIA: HISTÓRIAS DE VIDA, HISTÓRIAS DO CORPO.....	79
3.1 Os estudos geográficos das trajetórias socioespaciais	80

3.2 Os sujeitos e suas histórias de vida.....	84
3.3 Análise das representações dos jovens: a escola pública sob desafios.....	96
3.3.1 A cultura juvenil depois do muro da escola.....	97
3.3.2 Família e Trabalho: o jovem aluno no contorno dos conflitos.....	100
3.3.3 A saga do corpo: olhos e músculos do jovem aluno da região noroeste de Goiânia	102
3.4 Análises de textos dos jovens estudantes da região noroeste de Goiânia.....	104
3.5 Passeando nas representações do jovem sobre si mesmo.....	111
3.6 O que falam os jovens alunos do colégio?.....	112
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	115
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	119

INTRODUÇÃO

A pesquisa que se propõe resulta de uma interface entre a Geografia e a Educação Física. A Geografia, a partir do programa de pós-graduação do Instituto de Estudos Socioambientais - IESA, da Universidade Federal de Goiás – UFG, despertou-me às bases teóricas e metodológicas, usos e abordagem do tema. A Educação Física, cuja graduação e especialização cursei na Universidade Federal de Goiás – UFG, aproximou-me do tema “corpo e corporeidade”. Ainda na especialização em Educação Física Escolar descobri que o corpo possui sempre uma determinação espacial e temporal.

As duas áreas de conhecimento me levaram a perceber que no espaço da metrópole os diferentes corpos sofrem diferentes condicionamentos e impulsos que podem levar à compulsão por inúmeros fatores, desencadeando consumismo, modismos e “drogadição”.

Na especialização minha pretensão era fazer um estudo que abarcasse essas duas realidades em um único tema: Corpo e Cidade. Despertei-me, então, para estudos urbanos em Geografia que me levaram a procurar geógrafos que estudassem o tema. Conversei com professores na Universidade Federal de Goiás – UFG que estudam e pesquisam o assunto. Nessa busca reencontrei o professor Dr. Eguimar Felício Chaveiro, entre outros, que me mostrou um breve panorama do tema. Isso aconteceu antes mesmo da realização do exame de seleção para o mestrado oferecido pelo programa de pós-graduação do IESA-UFG.

Foi quando tive a grata surpresa em constatar que muitos geógrafos do Brasil já trabalharam e pesquisaram o tema “Corpo e a sua relação com o espaço”. Dentre os mais renomados, podemos citar Milton Santos, Ana Fani, Alex Ratts, David Harvey, Eguimar Chaveiro, etc.

A entrada no programa de pós-graduação oferecido pelo IESA – UFG levou-me a acrescentar aos estudos de “corporeidade e cidade” duas experiências significativas:

- A condição de estagiário da disciplina “Áudio Visual e Juventude”, ministrada no primeiro semestre de 2010, oferecida pelo núcleo livre do IESA – UFG.
- A participação no grupo de estudos “Espaço, Sujeito e Existência”, cuja temática “Corpo e Cidade e congêneres” é pesquisada, estudada e apresentada em seminários, simpósios e congressos.

A partir dessas atividades – e de outras juntamente com o grupo de pesquisa Cidades e Práticas Espaciais: Diferentes Dinâmicas em Metrópoles Brasileiras Nacionais e

Regionais, desenvolvido pelo IESA – UFG, que tem como linha de pesquisa Goiânia: Práticas socioculturais de uma metrópole regional Norma e Vida em Contrapontos – pôde-se definir e precisar pressupostos teóricos que nos levaram à compreensão da interface Corpo e Metrópole, entre os quais podemos citar:

- O corpo se coloca hoje como objeto imprescindível do sistema capitalista que transforma em instrumento para o trabalho alienado, recipiente para o consumo, componente para o desempenho e espetacularização – face sobre a qual agem a publicidade, marketing, propaganda, etc.
- Corpo, embora fazendo parte do processo de alienação, é o irredutível de um ser, pois ele é um lugar de força, insurgência, criação, gozo e libertação.
- Toda prática social de um indivíduo é também uma prática espacial que transforma corpo e corporeidade.
- Há diferentes apropriações dos espaços urbanos da metrópole de acordo com as diferentes apropriações que as corporeidades fazem; sendo assim, todos os corpos de metrópole se envolvem com as variáveis de metrópole de maneira diferenciada.

Com base nesses referenciais teóricos e desses princípios resolvemos desenvolver nossa pesquisa abarcando a corporeidade juvenil de uma região periférica de Goiânia. Essa escolha reuniria três elementos: o jovem e sua cultura, a periferia metropolitana e a escola pública.

Tivemos então que organizar uma metodologia que fosse capaz de unir esses três elementos. O que nos levou a ter uma melhor compreensão do que é a juventude contemporânea e o seu lugar no mundo.

Estudos que fizemos sobre jovem, juventude e cultura juvenil nos levaram a pontuar o seguinte:

Jovens das periferias das metrópoles desenvolvem trajetórias socioespaciais que são importantes na constituição dos lugares na periferia, como a escola pública, onde exercem os hábitos e símbolos da cultura juvenil do mundo globalizado atravessados pelas mudanças no seio da família e da subjetividade. Por isso são mal compreendidos, assim como têm dificuldades de entender a modalidade de funcionamento das instituições tradicionais.

No fio da navalha da vida metropolitana da sociedade global, de um lado a ideologia da eterna juventude, de outro lado a crítica de que o jovem está perdido no mundo. Na metrópole contemporânea os jovens são fragmentados e cheios de energia são a essência da escola e seus maiores problemas.

A cada dia aumentam os estudos e as pesquisas sobre os jovens e a juventude, em especial no campo das ciências humanas que sempre tiveram grande interesse nessa temática. Mas, atualmente, o assunto vem se tornando obrigatório a todas as ciências, pois é de grande relevância social, política, econômica e educacional. Dessa maneira, a Geografia deve se ocupar também do tema, pois ele marca, significativamente, a relação homem e natureza, ou melhor, sociedade e natureza. Além disso, de como a sociedade trata aos jovens e a juventude e a sua relação com o espaço, principalmente no espaço urbano, bem como de que modo o espaço interfere na vida dos jovens e da juventude.

Esta pesquisa tem como objetivo principal compreender a dinâmica da construção da corporeidade juvenil na metrópole goianiense, mais especificamente na região noroeste da capital, lugar este marcado pela disputa por moradia, pela segregação social e econômica, e por ser também uma região de periferia.

Busca-se, neste estudo, compreender como o espaço marca a trajetória de vida dos jovens e como os jovens marcam e representam esse espaço em suas vidas. Buscamos ainda compreender como os jovens se representam na sociedade, como a sociedade representa os jovens e como eles constroem sua corporeidade a partir de sua trajetória socioespacial.

Notadamente, as pesquisas sobre jovens e juventude mostram uma realidade no Brasil que é marcada pela ausência de políticas públicas voltadas a essa parte da sociedade que tem uma grande representação na população brasileira e que sofre das mais variadas formas possíveis. Segundo Kehl (2008, p. 6), os jovens sofrem sem saber disso e sem dispor de linguagem para expressar suas dores em um mundo que os confinou num lugar do prazer e da alegria.

Os jovens são, sem dúvida, uma parcela importante da sociedade, mas são deixados de lado pelos governantes brasileiros. Percebemos isso claramente pela fragilidade das políticas públicas para a juventude. Dessa maneira, o olhar da sociedade para os jovens é carregado de pré-conceitos e traz uma visão pejorativa da juventude. Há grande interesse da sociedade em debater o assunto jovens e juventude está focado, basicamente, em problemas nos quais os jovens são os principais responsáveis, a saber: a violência, o uso e o tráfico de drogas, a criminalidade, etc.

É dessa maneira que a temática sobre jovem e juventude e temas correlatos se encaminha na atenção dos meios de comunicação, assim como no meio acadêmico. Outro ponto importante para desenvolver estudos e pesquisas envolvendo os jovens está relacionado ao fato de eles representarem 20,7% da população brasileira.

Procuramos entender como os jovens, em seu cotidiano, relacionam seu estilo de vida com o espaço onde vivem e os possíveis desdobramentos dessa relação. Assim, é importante investigar questões como trabalho, escola, drogas, sexualidade, cultura, comportamento, família, entre outros. Destacamos que a população jovem, no Brasil, distribuiu-se em vários contextos sociais formando, assim, o que Gaudêncio Frigotto (2004) chama de “Juventudes”, termo que justifica as mais variadas condições socioculturais presentes nos grupos. Portanto, é importante delimitar quem é o jovem nessa pesquisa.

Ao falar de jovens estamos nos referindo ao jovem trabalhador e estudante que cursa o ensino básico em escola estadual da periferia da cidade de Goiânia, mais especificamente da região noroeste, com idade de 12 a 18 anos.

O estudo busca compreender a situação destes jovens que vivem na região noroeste de Goiânia – de como eles constroem sua trajetória socioespacial a partir do Colégio Estadual Professor Genesco Ferreira Bretas, no setor Recanto do Bosque; e como eles desenvolvem sua corporeidade – quais as influências que sofrem do espaço em que vivem e como eles marcam esse espaço, porque, afinal, é neste espaço em que estes jovens passam a maior parte do tempo de suas vidas.

A partir das relações estabelecidas por esses jovens nas mais variadas trajetórias de vida é possível compreender um pouco mais as suas representações, percepções e expectativas, seus valores e suas condições sociais e culturais, fatores capazes de explicar a especificidade do contexto social em que esses jovens estudantes estão inseridos.

Para o estudo sobre a corporeidade juvenil e sua representação, que passa principalmente pela escola, utilizaremos o conceito de *habitus* de Bourdieu, devido o *habitus* ser produto de diferentes condições de existência capaz de produzir práticas intrínsecas às condições objetivas, proporcionando diferentes representações da corporeidade e da própria juventude.

A pesquisa enfoca os jovens que estudam e moram na região noroeste de Goiânia, pois estes pertencem a um contexto social específico em relação aos jovens de segmentos privilegiados economicamente.

A escolha do Colégio Estadual Genesco Ferreira Bretas justifica-se pelo fato deste colégio ser referência para os jovens da região, configurando-se como o local de maior concentração de jovens. Como pertencentes ao segmento delimitado têm uma trajetória socioespacial marcada pela segregação socioeconômica, portanto condições precárias de vida.

Ressalta-se que uma parcela significativa desses jovens já ingressou no mercado de trabalho, provocando assim alterações na construção da corporeidade e representação dos mesmos.

Problematização

Nos dias atuais percebemos que todos os reflexos e nuances da construção da história do corpo estão presentes na sociedade. Mesmo com o progresso alcançado e o desenvolvimento tecnológico atingido convivemos com pessoas que têm seus corpos negados, mutilados pelo trabalho, dicotomizados, amorfos, quase estéreis. Isso tem grandes reflexos no modo de viver e de ser das pessoas.

O que observamos hoje é que corpos são vitimizados pela moda e pelos modismos da mídia e da televisão. Há uma construção da corporeidade, principalmente dos jovens, de forma artificial, onde se busca atender vários objetivos, quase sempre imediatos, não se tendo a verdadeira consciência do corpo. Ele é mais um produto, ou mesmo objeto, do que parte intrínseca do sujeito.

A ideia de corpo encaminha-se para a de interesses do consumo, do mercado. Existe uma infinidade de coisas para comprar, inclusive o corpo desejado. Nesse sentido, há um inculcamento nas pessoas de valores sobre o corpo que não são reais, valores que atendem fundamentalmente ao capitalismo, tais como: o individualismo, o competitivismo, o imediatismo etc.

A forma de se ver o corpo pouco avançou em relação a sua história. Grande parte da sociedade continua alienada em relação a sua corporeidade; os jovens, infelizmente, são as grandes vítimas neste processo. Isso começa quando ainda crianças e é bem perceptivo para nós – basta olharmos as roupas que vestem, os lugares que vão, as comidas que comem; tudo parece já ser engendrado para continuar assim, para conservar e reproduzir a sociedade tal qual ela se apresenta.

Os jovens tendem a consumir tudo o que possa satisfazer seus desejos, na ilusão de ter determinado tipo de corpo. Buscam construir uma identidade trazendo para seu corpo uma marca de pertencimento a algum grupo ou mesmo de identificação própria. Entender o corpo em sua totalidade é um caminho a percorrer para se chegar à construção de uma corporeidade que possa dar a real consciência do corpo ao sujeito, e assim ele possa usufruir de todas as suas potencialidades corporais.

É necessário conceber os jovens como sujeitos em transição e em constantes mutações, e que estão em um processo de construção enquanto sujeito. O seu acompanhamento é essencial todos os sentidos, pois é nesse momento que eles marcam e são marcados pela corporeidade e pelo lugar em que vivem.

A construção da corporeidade começa com essa busca de identidade, e nesse campo de disputas, que é o lugar onde ele vive. O corpo é onde todos os seus desejos, formas de percepção de mundo estão gravadas, trazendo alegrias e tristezas, beleza e feiúra, saúde e doenças, fazendo com que o corpo seja o registro histórico da fase de sua vida.

O problema, então, existe e a discussão é necessária conhecendo mais sobre os jovens que vivem na metrópole e compreendendo como eles veem e percebem seus corpos nessa dinâmica de construção de suas identidades. Pesquisar como eles vivem, onde eles vivem e as influências desse lugar no processo de construção da sua corporeidade; e as implicações dos usos dos espaços coletivos e individuais na formação de suas identidades é uma contribuição para a temática.

Algumas questões centrais serão respondidas ao longo do estudo:

- Quem é e o que é o jovem hoje na metrópole?
- Como as trajetórias socioespaciais dos jovens da metrópole podem desvelar a construção de suas corporeidades?
- É fácil uma instituição como a escola trabalhar com o jovem a partir da cultura juvenil urbana e metropolitana?
- Quais as implicações da corporeidade no processo de aprendizagem do adolescente da metrópole?
- Quais tipos de espaços coletivos e individuais são ocupados pelos jovens na construção da identidade corporal na metrópole?
- Como a instituição escola pode contribuir na mediação dos conflitos que estão impostos aos jovens, especialmente considerando a questão dos espaços onde ela está inserida e a relação desses espaços com as práticas pedagógicas desenvolvidas nessa instituição?

Objetivos

Esta pesquisa busca compreender melhor a interface entre corpo e metrópole, por meio do estudo da trajetória socioespacial dos jovens da região noroeste de Goiânia. Para

entender a dinâmica da construção da corporeidade juvenil serão observados o uso dos espaços públicos e privados da região, dados demográficos e sócio-econômicos, procurando caracterizar a dinâmica sócio-econômica relacionada à periferia proletária de Goiânia.

Pretende-se observar o potencial dos jovens em relação ao seu corpo e sua representação enquanto sujeitos de direitos. E, por fim, identificar e caracterizar os principais impactos sofridos pelos jovens no que diz respeito às suas trajetórias de vida e às suas práticas sociais nessa região.

Sujeitos pesquisados

Foram pesquisados os jovens que vivem e moram na região noroeste de Goiânia (muitos que moram no bairro Recanto do Bosque e outros nas proximidades deste bairro) e que estudam no Colégio Estadual Professor Genesco Ferreira Bretas, bem como professores e pais de alunos do colégio.

FIGURA 1: Alunos do Colégio Prof^o. Genesco Ferreira Bretas no intervalo de aula



Fonte: Filemon, 2010

Essa escolha foi feita primando pelos aspectos que julgamos serem importantes no desenvolvimento desta pesquisa, como: faixa etária, tempo de moradia, gênero, percepções e representações dos lugares que frequentam, o que fazem nos momentos de lazer, como

desenvolvem seus corpos, seu entendimento por sexualidade e a sua proximidade com a cultura juvenil metropolitana.

Neste trabalho foram pesquisados duzentos e trinta e dois (232) jovens, sendo que sessenta e dois (62) jovens foram diretamente inquiridos. E de forma indireta analisamos cento e setenta (170) textos de histórias de vida de jovens que vivem, moram e estudam na região noroeste de Goiânia. De acordo com os critérios acima mencionados selecionamos vinte (20) entrevistados e oito (08) redações sobre história de vida.

Compreendemos que a história de vida é um elemento importante na interpretação qualitativa das subjetividades e simbolismos presentes na vida dos jovens (MEIHY, 1996). Através da história de vida é possível captar percursos vividos pelos indivíduos e como eles interagem socialmente, como também compreender aspectos ligados à existência da cultura juvenil. E também compreender como a história de vida de cada um revela a construção da sua corporeidade.

Metodologia

Para a realização desta pesquisa foram necessários os seguintes procedimentos metodológicos: levantamento teórico sobre a temática jovem, juventude, corporeidade, periferia proletária, região noroeste de Goiânia e suas relações com os impactos sócio-econômicos; levantamento de dados da região e sobre juventude, visitas a campo com aplicação de questionários e entrevistas.

Vale ressaltar que esta pesquisa se integra em um estudo de caso pelo fato de se analisar os jovens e as suas trajetórias socioespaciais, bem como as suas possíveis influências e interferência na construção e desenvolvimento da sua corporeidade. A abordagem qualitativa, portanto, foi utilizada.

Segundo Ludke e André (1986), o estudo de caso é caracterizado por constituir uma unidade de um sistema mais amplo, ou seja, é uma parte bem restrita de um fenômeno que pode estar ocorrendo de forma muito mais ampla e diferenciada. Este é o caso dessa pesquisa pois, a partir de um grupo de alunos do Colégio Estadual Professor Genesco Ferreira Bretas, localizado na região noroeste de Goiânia, busca-se analisar a temática que ocorre em escala maior e é a realidade de vários jovens dessa área em diferentes situações.

O estudo de caso é, também, caracterizado pela precisa delimitação de seus contornos claramente definidos. De acordo com Ludke e André (1986), para que o estudo de caso contemple uma abordagem qualitativa na pesquisa educacional, devemos estar atentos

para as descobertas e novas questões a fim de retratar a realidade de forma completa e profunda. Usa-se, para tanto, uma variedade de fontes e informações com a finalidade de permitir que os resultados do estudo proporcionem ao leitor as “generalizações naturalísticas”, a fim de representar diferentes pontos de vista presentes numa situação social e promover a utilização de uma linguagem mais acessível.

Diante do objeto de estudo já considerado é de suma importância a utilização de mecanismos de coleta de dados. Sendo assim, utilizo como métodos de coleta a observação direta desses jovens em sala de aulas e, em outros momentos, dentro do colégio a análise das trajetórias de vida desses jovens, a entrevista semi-estruturada e a aplicação de questionário.

Ainda segundo Ludke e André (*Ibidem*), a observação é considerada o principal método na pesquisa qualitativa e caracteriza-se pelo contato direto do pesquisador com os sujeitos da pesquisa.

As autoras também argumentam que por meio da observação estamos sujeitos a negligenciar os resultados da pesquisa, caso não controlemos as interferências pessoais e culturais. Para que os riscos dessas interferências sejam minimizados, o pesquisador deve planejar toda sua observação, principalmente no que se refere ao “que” e “como” observar.

O recurso imagético é utilizado nesta pesquisa através das fotografias que contribuem como campo de símbolos e signos que veiculam mensagens sobre os jovens, seu corpo e sua corporeidade, não sendo vistas como apenas um requinte de adorno visual.

FIGURA 2: Entrevista com aluna do Colégio Profª. Genesco Ferreira Bretas



Fonte Filemon, 2010.

Observa-se que o uso da fotografia torna-se cada vez mais presente nas pesquisas, tanto na coleta e na análise de dados como na apresentação de estudos. Além de ser um instrumento de registro tem a função de atribuição de significados, sendo um elemento importante na construção de narrativas de linguagem visual, o que a converte em valioso recurso nesta análise em particular.

Construção dos capítulos

Desta forma, a presente dissertação será apresentada por meio de três capítulos que se inter-relacionam e se completam, no sentido de tecer uma pesquisa que seja capaz de elucidar e ampliar os conhecimentos sobre os jovens e juventude que vivem na região noroeste de Goiânia e compreender as trajetórias socioespaciais que marcam e são marcadas por suas corporeidades.

O primeiro capítulo: **Região noroeste de Goiânia: espaço de segregação e a corporeidade juvenil** apresenta a caracterização da região noroeste de Goiânia, abordando suas características principais, no que tange aos dados sócio-econômicos e de infra-estrutura, além de discutir sobre o processo de uso e ocupação da região; e finaliza fazendo uma abordagem geral sobre a relação entre a região noroeste e a trajetória socioespacial dos jovens que ali vivem e estudam, a construção de suas corporeidades perpassando pela infra-estrutura, cultura, educação, violência, trabalho, sexualidade, entre outras.

O segundo capítulo: **A corporeidade juvenil de alunos do Colégio Genesco Ferreira Bretas no contexto da metrópole contemporânea** apresenta a discussão sobre corpo, corporeidade na sociedade contemporânea e também um estudo sobre juventude em Goiânia e sua relação com a metrópole regional.

E, por fim, no terceiro capítulo com o título **Trajetois socioespaciais de alunos da Região Noroeste de Goiânia: histórias de vida, histórias do corpo** são apresentados os principais resultados das pesquisas de campo e da análise dos resultados: a compreensão de como a região (espaço) interfere na construção e no desenvolvimento da corporeidade do jovem que vive na periferia proletária de Goiânia, considerando as influências, negativas e positivas, do Colégio Estadual Profº Genesco Ferreira Bretas, em relação a esses jovens e sua corporeidade.

CAPÍTULO I

REGIÃO NOROESTE DE GOIÂNIA E O ESPAÇO METROPOLITANO: SEGREGAÇÃO E A CORPOREIDADE JUVENIL

Este primeiro capítulo tem como eixo central analisar e compreender a construção da corporeidade juvenil no espaço metropolitano, especificamente na região noroeste de Goiânia. Trata-se de uma região que é marcada pela segregação socioespacial, por ser periférica, com baixo poder aquisitivo. Dessa forma, o estudo das relações que se estabelecem entre o jovem da periferia proletária e a construção de sua corporeidade, tendo o Colégio Estadual Professor Genesco Ferreira Bretas, como lugar principal desencadeador de todo esse processo. Esse espaço será ponto de partida para tentarmos entender como acontece a formação da corporeidade juvenil e como o jovem marca e é marcado pela sua trajetória socioespacial. Para tanto, buscamos compreender como surge a relação entre colégio, bairro, região noroeste e a trajetória socioespacial dos jovens que vivem e circulam nesse espaço metropolitano; e também como é a relação entre o jovem e sua corporeidade partindo das noções de estética e corpo saudável.

A proposta aqui é que se estude a Geografia urbana partindo de elementos que constituem o cotidiano do jovem. Busca-se, assim, uma maior compreensão dos temas: cidade de Goiânia, a região noroeste, o bairro, as trajetórias socioespaciais juvenis.

É de fundamental relevância entender como é e como surgiu a região noroeste, o papel que tem na metrópole goianiense e a sua função na formação do espaço urbano enquanto região periférica. É, sem dúvida, um importante caminho a seguir.

Considerando esse pressuposto, busca-se compreender como a periferia proletária da região noroeste de Goiânia, com suas diferentes práticas sociais, influencia na construção da corporeidade juvenil, tendo o colégio como o lugar irradiador da trajetória socioespacial dos jovens que vivem nessa região.

1.1 Colégio Estadual Professor “Genesco Ferreira Bretas”: um lugar no mundo da periferia proletária da metrópole goianiense

O Colégio Estadual Profº Genesco Ferreira Bretas está localizado no setor Recanto do Bosque, Região Noroeste de Goiânia. O colégio foi inaugurado no dia 11 de

fevereiro de 2009 com o objetivo de atender a grande demanda de estudantes da região que tinham que se deslocar para outras regiões para ter acesso a uma escola.

A unidade educacional tem o nome em homenagem ao Profº Genesco Ferreira Bretas que foi professor nas Faculdades de Letras e de Educação da Universidade Federal de Goiás, onde prestou relevantes serviços. Fora também professor e diretor na rede estadual, marcando a trajetória do ensino público no Estado de Goiás no século XX.

Ele foi construído no modelo padrão século XXI (modelo de construção adotado pelo Estado de Goiás), possui 18 salas de aula, 04 banheiros, laboratório de informática, laboratório de ciências, biblioteca, cozinha, sala da secretaria, sala de professores, sala de coordenação, quadra esportiva, saguão coberto e pátio.

O Colégio Estadual Profº Genesco Ferreira Bretas atende aproximadamente 1.200 jovens do setor e dos bairros vizinhos. Funciona nos três turnos – matutino, vespertino e noturno. Oferece os Anos Finais do Ensino Fundamental - 6º ao 9º ano, em tempo integral; o Ensino Médio regular; e, ainda, a Educação de Jovens e Adultos.

FIGURA 3: Colégio Estadual Professor Genesco Ferreira Bretas



Fonte Filemon, 2010.

Ressalta-se que o colégio foi construída com o objetivo de atender aos estudantes em tempo integral, inclusive os estudantes do Ensino Médio que, atualmente, têm

aulas de Línguas Estrangeiras e de outros conteúdos específicos no período de ampliação da aprendizagem escolar.

1.2 A Região Noroeste de Goiânia: Espaço de Segregação e Resistência

Com o avanço do capitalismo industrial pelo mundo todo surge um grande movimento de urbanização que tende a concentrar uma porção crescente da população em metrópoles comerciais e industriais. O desenvolvimento econômico resultante da industrialização no Brasil e da agroindústria em Goiás está associado a dois fenômenos complementares e concomitantes: a constituição de grandes metrópoles e o aumento das desigualdades regionais. Tanto um como outro fenômeno implicam na formação de grandes correntes de migração interna, o que resulta no processo chamado fluxo migratório.

FIGURA 4: Mapa da Região Noroeste de Goiânia



Fonte Imagem Landsat ETM 2006 – Elaboração: Moreira.

A região noroeste de Goiânia, especificamente, é uma das principais receptoras desse fluxo de migração de Goiás, o que contribui de forma significativa no aumento de migrantes e, também, na potencialização da urbanização e seus desafios na cidade de Goiânia.

Os desafios da urbanização residem na pobreza urbana, na incapacidade do Estado de prover em todo o espaço urbano a infraestrutura do urbanismo moderno e de dar acesso a toda a população ao consumo coletivo, o que é sua atribuição.

Nas metrópoles e nas grandes cidades continua se concentrando a população pobre que busca uma oportunidade de trabalho na diversidade dos pequenos serviços de baixa produtividade – serviços estes que não garantem os direitos trabalhistas (FERREIRA, 2003).

Os fluxos migratórios que surgem no Centro-Oeste, mais especificamente em Goiás, passam a ter significância, pois eles trazem não só uma natureza social e econômica, mas sonhos e esperança dos migrantes em ter trabalho, moradia e um lugar melhor para viver. Todavia, trata-se também de mão-de-obra barata que alimenta o capitalista urbano em seu processo de acúmulo de capital.

Pode-se dizer que ao longo do tempo novas desigualdades foram geradas sem superar as velhas. A integração social, principalmente do migrante que chega do interior sem qualificação profissional, é quase impossível em termos de acesso à modernização tecnológica, ao mercado de trabalho, à participação social, ao exercício da cidadania e ao direito à cidade que se torna cada vez mais difícil e mais seletiva.

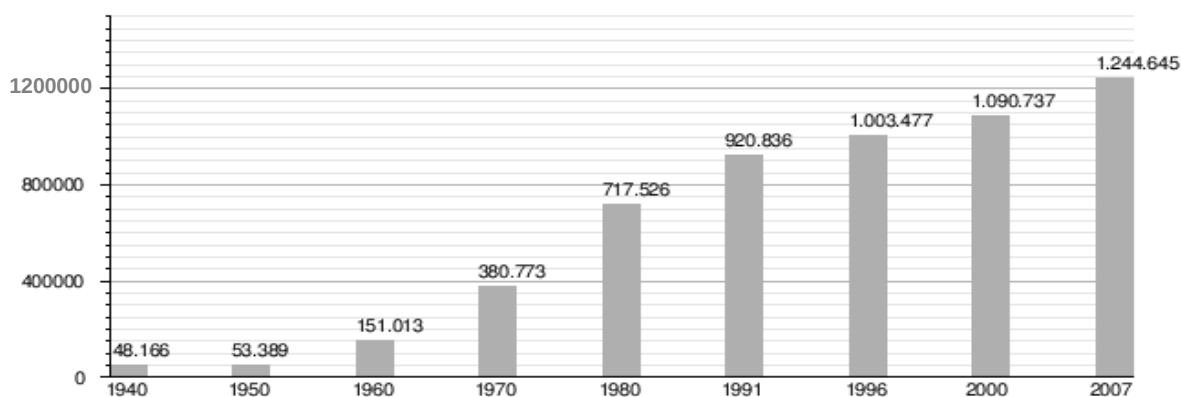
As desigualdades sociais se acentuam e as cisões e fragmentações espaciais se aprofundam. A estrutura urbana, herdada desses processos, apresenta-se com alto índice de concentração demográfica nas metrópoles e nas cidades maiores com fortes desigualdades sociais e elevada exclusão social (FERREIRA, 2003).

Goiânia vem atraindo cada vez mais pessoas. Existe uma grande expansão da área urbana, que se transforma em um campo de disputa socioespacial que se intensifica a cada dia com a metropolização da cidade (GOMES, 2007).

Podemos perceber, também, que nos últimos anos, Goiás e Goiânia desenvolveram muitos programas sociais que atraem inúmeras pessoas de outros Estados; elas vêm para Goiânia na expectativa de serem beneficiadas por programas, como as bolsas sociais (bolsa família, bolsa escola, bolsas universitárias etc.), cheque moradia, distribuição de lotes e casas, entre outros.

Nos últimos anos vem avançando cada vez mais esse processo de urbanização da cidade e assim, também, a desigualdade social e a segregação manifestada. Nessa perspectiva, a região noroeste de Goiânia apresenta um grande crescimento populacional, contribuindo com o aumento da desigualdade social e a segregação de Goiânia.

No gráfico a seguir pode-se observar a evolução demográfica da cidade de Goiânia nos últimos 67 anos.

Gráfico1: Evolução demográfica da cidade de Goiânia de 1940-2007

Fonte IBGE 2007.

Goiânia, apesar de receber o título de cidade planejada, apresenta um processo de urbanização que ocorreu e ainda ocorre de maneira irregular. Configura-se uma expansão urbana descontínua, com muitas áreas desocupadas entre um loteamento e outro. Há uma ocupação desordenada de áreas, como fundos de vales que são áreas de grande relevância ecológica. Também existe um avanço sobre os recursos hídricos. Os mais pobres são expulsos das áreas centrais, objeto de maior especulação imobiliária e, conseqüentemente, mais valorizadas, aumentando as ocupações do espaço público ou áreas particulares que se configuram em vazio demográfico entre um loteamento e outro, agravando a falta de infraestrutura básica.

Desde a fundação de Goiânia, na década de 1930, a ocupação do solo urbano é marcada por políticas discriminatórias que não favorecia a apropriação do espaço central da cidade pelas pessoas de baixa renda da época. “O rigor do plano arquitetônico impedia o usufruto de qualquer ente que estivesse fora das determinações traçadas no papel”, assim o espaço já nascia segregado (GOMES, 2007, p. 40).

O surgimento dos setores Nova Esperança, Jardim Boa Sorte e Jardim Boa Vista marcam o início do processo de ocupação da região Noroeste, cuja motivação fundamental centrava-se nas necessidades sociais a que muitas famílias envolvidas estavam submetidas. Também é nessa região que se iniciam as primeiras invasões do espaço urbano de Goiânia. As invasões nascem com a região e com o crescimento da cidade e passam a ser percebidas, pois o que já existia em relação aos seus moradores agora deixa de ser algo escondido e torna-se pertencente à paisagem da cidade (MOYSÉS, 2004, p. 233).

É importante ressaltar que essa região começa a ser habitada por pessoas que já tinham se mudado várias vezes em busca de um espaço para morar. Segundo Moysés (2004), três aspectos são explicativos dessa situação: a habitação, enquanto motivadora dos constantes

deslocamentos resultantes da pressão que os altos aluguéis exerciam sobre sua renda; a insuficiência da renda que, no máximo, permitia a essa população se auto-reproduzir, graças ao modelo econômico-educacional altamente excludente; o baixo nível de instrução que os impossibilitava de acessar melhores colocações no mercado de trabalho e, consequentemente, de obter níveis mais elevados de renda.

A Região Noroeste passa a ser vista não só como um espaço onde estão segregados os “menos favorecidos economicamente”, mas também onde a presença dessa população pode comprometer o equilíbrio da região sob o ponto de vista ambiental, ecológico e de recursos hídricos. Pode-se observar, na tabela a seguir, a relação entre o quantitativo de sua população juntamente com a disparidade econômica presente nessa região.

Tabela 1. População de Goiânia e faixa de renda média por região – 2000.

Regiões	População	1/2 a 3 SM	3 a 5 SM	5 a 10 SM	10 a 15 SM	15 a 20 SM	20 SM acima
Central	145969	24,70	12,90	22,20	8,90	8,90	17,00
Sul	168749	29,10	12,40	19,80	8,40	8,40	15,90
Sudeste	144184	45,40	17,80	18,70	3,20	3,20	3,30
Oeste	69391	56,90	18,60	13,40	1,00	1,00	0,90
Mendanha	55787	60,40	17,60	11,30	0,80	0,80	0,50
Noroeste	110839	70,50	13,40	5,40	0,20	0,20	0,20
Vale do Meia Ponte	51611	46,10	20,00	19,80	2,20	2,20	2,10
Norte	63072	41,90	16,80	20,37	1,00	4,00	5,00
Leste	106713	56,80	16,70	13,90	1,40	1,40	1,50
Campinas	122859	42,60	18,40	20,80	3,60	3,60	3,60
Sudeste	43699	43,80	18,20	20,50	3,60	3,60	3,30

Fonte: Secretaria Municipal de Planejamento/Departamento de Ordenação Socioeconômica, 2003.
SM=Salário Mínimo.

Pode-se observar que a Região Noroeste é a que apresenta a renda mais baixa de Goiânia, com uma população significativa (quinta maior de Goiânia) e que aumenta a cada ano. Os números, acima citados, mostram essa disparidade da divisão de renda entre as regiões com destaque para a Região Noroeste. Evidencia-se o avanço demográfico nessa região, que é composta por 35 bairros, segundo Moysés (2006). Esses bairros abrigam maciçamente uma população de baixo ou mesmo de nenhum poder aquisitivo.

De acordo com Moysés:

O crescimento exponencial da população pobre dos anos 1980 para os anos 1990 é desproporcional à oferta, tanto em quantidade como em qualidade de equipamentos sociais em geral. Vale considerar que o governo do Estado continuou assentando populações, sem a preocupação preventiva de oferecer condições mínimas de vida, ou seja, sem que houvesse políticas públicas que revertissem à situação de exclusão

dos antigos assentados e produzissem mecanismo de inclusão para os novos (MOYSÉS, 2006, p. 138).

A Região Noroeste, assim como outras regiões de Goiânia, é composta por loteamentos regulares, irregulares, clandestinos e posses. O processo de regularização vem sendo feito por etapas, por meio de decretos que, mesmo após assinados, não significam garantia da regularização, pois esse processo é sempre demorado. Muitos bairros continuam na ilegalidade, o que dificulta, ou mesmo, impossibilita a chegada de benefícios estruturantes por parte do poder público. Dessa forma, a região ainda há muita carência de infraestrutura e de Equipamentos Sociais, como: assistência social, educação, saúde e segurança pública.

Essa região carrega em sua história muitos conflitos, disputas e lutas relacionadas com a posse do lote na conquista por moradia, a superação da ilegalidade, o descaso do poder público e a falta de políticas de habitação direcionadas a essas áreas, marcando, de forma significativa, o uso e ocupação do solo urbano dessa região de Goiânia.

Outro aspecto importante da Região Noroeste é que ela se configura como uma área receptora dos migrantes, ou melhor, dos “chegantes” que veem em Goiânia um lugar possível para buscar a sobrevivência. Com pequena exceção de algumas áreas privadas que se tornaram parques, recreios e residenciais que são ocupados por pessoas de poder aquisitivo mais elevado no lado oeste da região. Segundo Moysés (1996), o povoamento da Região Noroeste de Goiânia começou a partir de 1979, com a ocupação do Jardim Nova Esperança, bairro hoje já consolidado e localizado na região Mendanha pela atual divisão das regiões. A ocupação e expansão ocorreram de maneira tumultuada com atos de violência e ação da polícia contra as ocupações.

Esses fatos, de grande relevância social e política, obrigaram o poder público a buscar soluções para o problema da moradia às pessoas de menor poder aquisitivo, principalmente aos proletários, que não tinham mais condições de comprar sua casa ou mesmo pagar aluguel nas regiões mais centrais da cidade.

Diante da pressão popular, não restou alternativa ao Estado a não ser dar início ao processo efetivo de regularização das ocupações da Região Noroeste de Goiânia. Percebemos uma mudança do discurso oficial do Estado, que antes era de retirar as pessoas daquele lugar e agora de estabelecer todos os pobres naquela região tornando-a uma área de segregação social. Destaca-se que a Região Noroeste sofreu um intenso processo de ocupação a partir de 1980 e se acentuou na década de 1990, assim temos o surgimento legal de loteamentos tais como: Finsocial, em 1981; Vila Mutirão, em 1983; Jardim Curitiba, em 1987; Jardim Novo Planalto, em 1988; denominados áreas de posse urbanas.

Na década de 1990, com um rápido aumento da população, crescem e se expandem as áreas periféricas da cidade embaladas pela necessidade de moradia da camada da população mais pobre, pois as áreas centrais são ocupadas pela camada social de médio e alto poder aquisitivo (GOMES, 2007). Nesse período, a Região Noroeste apresenta-se como uma alternativa possível de moradia, por ter lotes mais baratos e acessíveis, como também por políticas públicas de assentamento urbano naquela região. Mas, isso traz muitos problemas de todas as ordens, principalmente ambiental. Há um aumento acentuado do desmatamento de áreas de preservação e de nascentes, ocupação de fundos de vales, poluição de córregos; e, também, na área social, há um aumento vertiginoso da violência, falta de infraestrutura básica, de escolas, de postos de saúde, de lugares de convivência como praças, parques etc.

A Região Noroeste participa ativamente desse processo de ocupação das áreas periféricas de Goiânia, principalmente com a implementação de programas habitacionais do Governo do Estado de Goiás que permitiram legalizar muitas posses urbanas da região pela facilitação da aquisição de lotes a preços baixos.

Na tabela abaixo mostra-se a evolução da população nas doze regiões, segundo os dados do Censos Demográficos de 1991-2000, e permite identificar os vetores de crescimento da população.

Tabela 2 Goiânia: população Urbana segundo as Regiões -1991 e 2000

Região	População		Tx de Cresc. (%) Anual	Participação	
	1991	2000		1991	2000
Central	152.449	145.960	-0,5	16,7	13,4
Sul	157.938	165.288	0,5	17,3	15,2
Macambira/Cascavel	100.163	93.000	-0,8	11,0	8,6
Oeste	44.937	65.355	4,2	4,9	6,0
Mendanha	47.077	56.393	2,0	5,2	5,2
Noroeste	51.367	111.389	9,0	5,6	10,3
Vale do Meia Ponte	43.071	52.640	2,3	4,7	4,8
Norte	44.652	63.840	4,1	4,9	5,9
Leste	95.950	106.966	1,2	10,5	9,9
Campinas	123.338	123.530	0,0	13,5	11,4
Sudeste	34.780	43.807	2,6	3,8	4,0
Sudoeste	17.092	57.638	14,5	1,9	5,3
População Urbana	912.711	1.085.806	1,9	100,0	100,0

Fonte: IBGE, Censos demográficos 1991 e 2000/ Secretaria Municipal de Planejamento/Departamento de Ordenação Socioeconômica.

A partir de 1991, com o contínuo crescimento e expansão da região, são criados “novos” loteamentos. A área da então denominada Fazenda São Domingos, no ano de 1993, foi loteada dando origem aos seguintes bairros: São Domingos, Bairro Floresta,

Conjunto Primavera, Bairro Vitória, Bairro Boa Vista. Esse processo desencadeou a proliferação de vários loteamentos clandestinos na região do entorno. Região formada por chácaras localizadas nos parcelamentos do Sítio de Recreio Tremendão, da Morada do Sol e da Estrela D'alva. (MOYSÉS, 2006).

Assim, temos uma região marcada por conflitos de natureza social e ambiental que pode ter suas causas na concentração da população mais pobre de Goiânia, com renda familiar muito baixa, quase miserável, na questão social. E na questão ambiental, podemos dizer que a falta de consciência preservacionista faz com que utilizem de forma inadequada os recursos naturais, ou mesmo os destruam, como ocorre através de desmatamento da margem das nascentes de córregos, de queimadas e poluição.

Fazem parte das características dessa região a falta de infraestrutura e de acesso aos bens públicos, a pobreza, o baixo rendimento salarial, delineando um quadro de exclusão social e exclusão de direitos. Abrigam uma população que carece do básico para viver, possui baixa renda, convive com o desemprego ou emprego informal e bicos, com salários que configuram um quadro de exploração do trabalhador, ilegalidade trabalhista e subemprego.

Percebe-se então que o espaço tem grande influência na determinação do desenvolvimento do corpo, principalmente no meio juvenil e em uma região periférica de baixo poder aquisitivo de uma metrópole regional como Goiânia. Assim este estudo mostra como o espaço influencia o desenvolvimento corporal e como o corpo influencia o desenvolvimento desse espaço.

1.3 A construção da corporeidade e o espaço metropolitano: perigos e possibilidades

Os estudos que são feitos atualmente sobre metrópole, especialmente as situadas no mundo capitalista pobre, oferecem uma gama de entradas teóricas. Uma via é considerada no bojo deste trabalho: não há espaço urbano sem a prática de sujeitos que, ao desenvolverem a sua vida, estabelecem práticas sociais no espaço, e o faz condicionado também por este espaço.

Sendo assim, cabe destacar que há uma heterogeneidade de grupos juvenis na metrópole que se diferencia por componentes, como classe social e renda; etnia-raça; religião-formação cultural etc. Os diferentes grupos agem no espaço metropolitano a partir desses componentes que, inclusive, lhes permitem apropriar-se dos objetos e dos eventos metropolitanos.

Embora os grupos sejam diferenciados e também a sua relação com os lugares das metrópoles, o conjunto de movimentos de veículos, a organização do trabalho, a junção de diferentes símbolos e objetos, o regime de fluxo intenso, a mobilidade da cultura urbana etc., criam conflitos que se estendem, ao mesmo tempo, como perigo e como possibilidades.

O perigo da violência urbana causado pela poluição sonora, pelos acidentes de veículos se soma aos perigos do narcisismo, da drogadição, da vulnerabilidade das referências subjetivas, do impulso pelo consumo, da formação de grupos ou tribos sem projetos coletivos. Isso coloca a juventude como presa fácil para os arroubos da metrópole.

Por outro lado, a frenética circulação de símbolos e a oferta de diferentes estirpes e gêneros culturais criam possibilidades para que a juventude tenha uma autonomia em relação ao seu corpo, disponha-se para defender a si mesma, constitua *habitus* que aprende com o Outro e que, portanto, pode atualizar-se perante os acontecimentos do mundo.

No entroncamento dos perigos e das possibilidades, os diferentes grupos jovens adentram o espaço escolar, criam outros regimes de apropriações de seu espaço, estabelecem conflitos com o seu modelo institucional, enfrentam regimes duros e constroem desdobramentos em seus *habitus*.

Dessa forma, ficar atento à formação do *habitus* é fundamental para que a prática pedagógica não exima o real além da aparência que se mostra. Pode, também, ensinar a gestores e educadores que a voz juvenil e os seus corpos mostram o tempo do mundo de maneira sutil e profunda. Cabe enxergá-los, aprender com eles e chamá-los para enfrentar o mundo.

1.4 Corporeidade Juvenil: a produção do *habitus* no espaço urbano

A palavra corpo é tão frequente no contexto da vida moderna, principalmente entre os jovens, que aparentemente todos compreendem seu significado. É como uma moeda “cujo valor fosse conhecido e cujo conteúdo já não precisasse ser testado” (ELIAS, 1994, p. 13).

Os jovens são o grupo que mais explora o corpo. Mas, antes de abordarmos o corpo, devemos esclarecer quem é este sujeito, pois o termo “jovens”, o qual será utilizado com base na discussão do conceito de “juventude”, não apresenta contornos precisos, já que geralmente a juventude é concebida como uma etapa da vida privilegiada situada entre a maturidade biológica e a maturidade social e psicológica, o que permite lhe associar às ideias de tempo livre, desprovido de responsabilidades econômicas e familiares (DAYRELL, 2007).

Vale ressaltar que as mais variadas áreas do conhecimento também dedicam seus estudos à temática da juventude. Dentre elas destacam-se a Psicologia, a Sociologia, a Educação, a Medicina, a Economia, o Direito, a Demografia, entre outras. Estas modalidades do conhecimento interrogam a condição da existência da juventude diante de vários aspectos: dos modelos culturais, do desenvolvimento psicológico, da interação social, da etapa de aprendizagem, do desenvolvimento físico, da relação de consumo e produção, do trabalho, da maioridade, da autonomia, da independência, da proteção e acesso a direitos. Cada ciência fala de sua especialidade, isto é, do seu campo científico e referencial teórico determinado.

Na sociologia temos importantes contribuições de Pierre Bourdieu, que analisa os jovens como segmentos sociais com a especificidade concreta da classe social à qual pertencem e que se encontram vinculados às posições que ocupam nos espaços sociais; seus discursos expressam interpretações do mundo vivido a partir de um lugar.

Segundo Bourdieu:

A idade é um dado biologicamente manipulado e manipulável: e que o fato de falar dos jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e relacionar estes interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente (BOURDIEU, 1983, p. 112 e 113).

Dessa forma, torna-se uma necessidade compreender a juventude a partir de um determinado lugar no mundo, de sua condição social, econômica, cultural, política, entre outras. Devemos então considerar os jovens como sujeitos sociais, frutos de um processo histórico.

Este estudo tem como objetivo principal compreender e perceber a construção do *habitus* na formação da corporeidade juvenil e como foco espacial a área urbana (metrópole) em especial, por se tratar de uma área que tem por característica produzir, divulgar e disseminar valores das instituições dominantes, que hegemonicamente governam o mundo.

Segundo Sant'Anna:

As cidades revelam os corpos de seus moradores. Mais do que isso, elas afetam os corpos que as constroem e guardam, em seu modo de ser e de aparecer, os traços desta afecção. Há um trânsito ininterrupto entre os corpos e o espaço urbano, há um prolongamento infinito e, em via dupla, entre o gesto humano e a marca “em concreto” de suas ambições e de seus receios... (SANT'ANNA, 1995, p. 17).

Os jovens de áreas urbanas tendo o tempo para modelarem o corpo, e ainda, ficando inculcados com os padrões representados na mídia, procuram entender e mostrar o

corpo de maneira a se adequarem ao perímetro urbano, o qual o processo civilizador na modernidade os forçou a seguir.

Assim, a evidência do corpo em nossos dias, ao contrário de suscitar procuras no sentido de compreender o significado da corporeidade na formação do indivíduo, contraditoriamente vem servindo a sua banalização com base na noção de que, pertencente ao domínio da natureza, a dimensão corporal é algo pouco complexo e importante no contexto da vida social (SILVA, 2001).

Para este autor, o corpo, quando se pensa nos jovens, é objeto de um culto de base narcisista, a corpolatria, que no contexto da vida cotidiana provoca, também, uma explosão que pode ser percebida na exuberância das técnicas ligadas ao vestuário, à dança, ao teatro, aos esportes, ao mundo do trabalho, às práticas alternativas de saúde, alimentação e higiene, entre outras.

Percebemos que a juventude de hoje convive, cresce e se molda com base em valores ligados ao mercado, à mercantilização da natureza, do corpo, da vida e dos símbolos, o que faz com que a juventude urbana, principalmente, se sinta perdida na realidade em que vive por viver em uma realidade antagônica: o jovem da periferia proletária que quer usar roupas de grifes famosas e o jovem rico que usa o seu poder aquisitivo para aparentar ser um sujeito distinto, ambos deslocados no mundo, tentando, de alguma forma, inserir-se na sociedade.

Nesse contexto, as ideias de juventude, beleza e felicidade, ao possuírem, atualmente, uma profunda ligação com o corpo, trazem a necessidade intensa e urgente de elaborar e efetivar cuidados a ele dirigidos e de educá-lo, adequando-o a padrões éticos e estéticos coerentes com o modelo social vigente.

É por meio do corpo que todos os sujeitos se apresentam à sociedade, à família, aos amigos, aos afetos, aos amores, à sexualidade, enfim, se posicionam e intervêm no mundo. O corpo configura-se não somente como natureza, mas também como fenômeno social, cultural, motivo simbólico e objeto de representações, tendo seus usos físicos dependentes de um conjunto de sistemas simbólicos.

Ao pensarmos nas origens do controle social do corpo poderíamos invocar Foucault (2007), que entende o poder de dominação se manifestando no próprio controle do corpo, começando com o incesto, se convencionando no matrimônio e se materializando como a punição sobre o corpo nas prisões e manicômios. Mas, o processo civilizatório ocidental desenvolveu com mais intensidade a noção que o ser humano possui um mundo interior (alma/mente/espírito) que vive em isolamento, apartado do mundo exterior

(sociedade, natureza), o que resulta como consequência a valorização do indivíduo que vive, permanentemente, a sensação de isolamento e solidão, tão típicos dos dias atuais (ELIAS, 1994).

Estudos mais recentes mostram que o corpo não deve ser analisado apenas pelo olhar biológico, e sim pelos mais diversos olhares, como: pela subjetividade, pela cultura, pela psicologia, em síntese: a corporeidade é biopsíquicossocial, por isso, o seu controle ou a sua subordinação ocorre, desde sempre, por estratégias invisíveis.

Nesse sentido, o corpo e a gestualidade são cada vez mais conhecidos em suas particularidades e, ao mesmo tempo, ignorados quanto ao seu significado para e nas relações e interações sociais; assumi uma posição privilegiada na produção do indivíduo adaptado à vida urbana e, em dimensão mais ampla, ao sistema produtivo-econômico capitalista. Nessa concepção, podemos dizer que o corpo serve de estratégia de circulação e acumulação do capital, desse modo, ele é subvertido como força de trabalho pela classe dominante, detentora do poder.

É nesta fase que podemos entender o corpo juvenil a partir do(s) novo(s) *habitus* que se apresentam na modernidade. Bourdieu (1974), entende que o *habitus* é reflexo dos esquemas estruturados de percepção do meio social, do pensamento individual, da ação recíproca, formados a partir dos modos de viver e de pensar das diferentes classes sociais antagônicas.

Este processo, como acusa Elias (1994), acaba afirmando que a autoimagem é resultado dos modos e das condições de vida na sociedade onde cada indivíduo está inserido - e não está dependente apenas das capacidades de cada um - como também, está condicionada ao estado de conhecimento daquela sociedade, não sendo, portanto, algo natural e universalmente válido.

Este pensamento é melhor abordado em Bourdieu (2000) – ao compreender o conceito de *habitus*, o autor entende que a representação aceita na sociedade cria um sistema compartilhado de significados que convertem as estruturas-estruturadas e estruturantes, fazendo com que as práticas e ideologias que regem o meio social sejam legitimadas por um grupo de agentes sociais que possibilitem a interação dos membros. No caso da cidade, o corpo é um exemplo de padronizações estruturadas em práticas que garantam a reprodução dos corpos e (re) configuração da arquitetura e urbanismo, a qual comporta tais corpos e *ethos* que procuram a beleza, a saúde, a *performance*, o desporto, como essenciais ao coletivo.

Continuando esse raciocínio, os jovens também vão consumindo tudo o que possa satisfazer seus desejos de ter determinado tipo de corpo. Surge uma crescente

preocupação social e individual com as possibilidades de cuidado e modelação de um corpo saudável, institui práticas e participa na constituição de subjetividades.

A cada dia, cresce o número de produções discursivas sobre o tema fazendo proliferar práticas esportivas vinculadas a estilos de vida saudável, além de inúmeras técnicas como aquelas de emagrecimento e de dietética (suplementos, vitaminas, anabolizantes, regimes, etc.), materializados em produtos materiais e imateriais direcionados e especializados em determinados públicos. Buscam, assim, construir uma identidade trazendo para seu corpo esse pertencimento a algum grupo, ou mesmo de constituição de uma identidade de reconhecimento próprio.

Segundo Hall (2001), a identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade. Percebemos que a formação do *habitus* está intimamente ligada à formação da identidade. Nessa construção identitária do jovem é pelo seu corpo que ele existe no mundo e integra-o a partir de uma corporeidade - uma experiência corporal.

É importante ressaltar que a corporeidade é uma realidade mutante de uma sociedade para outra. As relações do ser humano com o próprio corpo e com o corpo do outro, além da própria definição constituinte do corpo, são infinitamente variáveis em seus usos na vida cotidiana, podendo funcionar como marcador de diferenciação de agrupamentos sociais e históricos. Os usos do corpo são diversos diante das múltiplas técnicas corporais existentes.

Na atualidade percebemos que todos os reflexos e nuances da construção da história de corpo estão presentes na sociedade, mesmo com o progresso alcançado, do desenvolvimento tecnológico atingido, convivemos com pessoas que têm seus corpos negados, mutilados pelo trabalho, dicotomizados, amorfos, quase estéreis. Isso tem grandes reflexos no modo de viver e de ser das pessoas.

Assim, temos a *hexis corporal* que é onde se exprime toda a relação do mundo social e toda relação socialmente instruída com o mundo. A *hexis corporal* é determinante do estilo de vida que se faz com o corpo.

Notamos, portanto, que a forma de agir do jovem em relação a seu corpo é determinada pelo seu envolvimento com seu grupo, onde já existe uma forma estabelecida de usar seu corpo, ou melhor, há um arbitrário do grupo que determina o modo de utilização do corpo.

Dessa forma, a construção da *hexis corporal* passa pela construção da subjetividade do jovem que é formada por seus valores, possibilidades, modelos, normas, argumentos, pelo modo como ele percebe o próprio corpo e pode conduzir sua corporeidade.

FIGURA 5: Alunos no recreio do Colégio Genesco Ferreira Bretas



Fonte: Filemon, 2010.

O *habitus* é o resultado histórico de uma integração do social, de uma interiorização realizada em algum ponto da primeira educação, que correspondia às homologias estruturais entre o espaço social e o grupo social no qual estava inserido o indivíduo. Dessa maneira, a atuação via *habitus* ocorre no presente, sob as luzes de um passado incorporado e que corresponde a um determinado momento histórico, tanto individual, como coletivo (BOURDIEU, 1996).

Hoje, o que observamos são corpos vitimizados pela moda e pelos modismos da mídia e da televisão. Há uma construção da corporeidade, principalmente do jovem, de forma artificial, onde se busca atender a vários objetivos quase sempre imediatos; não se tem, assim, a verdadeira consciência do corpo – ele é mais um produto, ou mesmo objeto, do que a parte intrínseca do sujeito.

Há ainda os medos interiores dos jovens como fobias, desmotivações, traumas, egoísmos, transtornos os quais agem no que é fundamental no corpo: contamina a sua capacidade de agir, de conviver, de potencializar forças no coletivo. O corpo doente encerra em suas dores, esmaece-se diante de obstáculos pessoais.

Nesta perspectiva Bourdieu (2004) afirma que o *habitus* é, na realidade, ao mesmo tempo princípio gerador de práticas objetivamente classificáveis e sistema de classificação dessas práticas. É na relação entre as duas capacidades que definem o *habitus*, capacidade de produzir práticas e obras classificáveis, capacidade de diferenciar e apreciar essas práticas e estes produtos (gosto) que se constitui o mundo social representado, ou seja, o espaço de estilos de vida.

A ideia de classificar o uso do corpo e a consciência e imagem que temos dele traz a reflexão de que o corpo se apresenta hoje atendendo aos interesses do consumo, do mercado. Assim, existe uma infinidade de coisas para se comprar para ter o corpo que se deseja. Nesse sentido, há um inculcamento nas pessoas de valores sobre o corpo que não são reais, que atendem fundamentalmente o capitalismo. Valores, como: individualismo, competitivismo, imediatismo, dentre outros.

Percebe-se que a forma de ver o corpo pouco avançou em relação à sua história. Grande parte da sociedade continua alienada em relação à sua corporeidade. Os jovens, infelizmente, são as grandes vítimas desse processo que já traz tudo definido e determinado para ele. Isso começa ainda quando criança e é bem perceptivo para nós: basta olhar as roupas que vestem, os lugares que vão, as comidas que comem, tudo parece já ser engendrado para continuar assim.

Jovens fazem seu deslocamento na cidade, nas trajetórias do morar, do conviver junto ao lazer; e na relação com as instituições como a escola, as igrejas, os partidos políticos etc. são conduzidos pela sua corporeidade. É aí que participam do mundo e que efetivam as suas ações e as suas potencialidades como conflito.

Os ambientes, também, se caracterizam com a cultura moderna; geralmente são os locais onde circulam e são (esculpidos) produzidos os corpos esculturais. Seus consumidores querem o que existe de mais atual, e aquilo que vai proporcionar ao corpo às sensações, o tônus, a densidade, enfim, a imagem em voga. Ora, esta situação gera o *habitus*, pois, o conjunto de padrões de comportamento, pensamento e gosto, são traduções das práticas individuais.

Na região noroeste de Goiânia, o colégio Professor Genesco Ferreira Bretas é o espaço desencadeador desse processo de construção do *habitus* e da corporeidade juvenil, pois é no colégio que eles se mostram uns para os outros, é lá que seus corpos são valorizados e, também, estigmatizados.

CAPÍTULO II

A CORPOREIDADE JUVENIL DE ALUNOS DO COLÉGIO GENESCO FERREIRA BRETAS NO CONTEXTO DA METRÓPOLE CONTEMPORÂNEA

Este capítulo tem por objetivo mostrar como os jovens da região noroeste de Goiânia constroem sua corporeidade e analisar a relação que existe entre o colégio Professor Genesco Ferreira Bretas, o papel de escola na perspectiva de Bourdieu, a construção da corporeidade juvenil e a trajetória socioespacial dos alunos dessa região.

Busca-se entender como os alunos do colégio Professor Genesco desenvolvem sua corporeidade dentro desse ambiente, quais as influências do espaço local e da região na construção da corporeidade desses jovens e como a metrópole se apresenta neste contexto.

Aborda-se a formação do sujeito na Geografia e os reflexos dessa formação na corporeidade dos jovens da região noroeste de Goiânia buscando-se entender essa relação dialética entre sujeito e corpo, na metrópole goianiense. Outro aspecto importante desse capítulo é a discussão levantada em torno da sociedade do controle, a qual estamos subordinados.

Neste capítulo apresentamos um importante debate sobre o corpo em vários aspectos dentro da sociedade contemporânea, como: o corpo como objeto de alienação, o corpo como potência de libertação, o corpo sob riscos na sociedade do controle etc.

Também discutimos o que é “ser” na sociedade de controle e a fragmentação do sujeito e de seu corpo, na perspectiva do espaço metropolitano. Amplia-se o debate, neste capítulo, sobre o corpo na história e a história do corpo na perspectiva espaço temporal da corporeidade. Conclui-se este capítulo com o estudo do corpo dos jovens na metrópole, apresentando a sua trajetória socioespacial na Região Noroeste de Goiânia e alguns dados sobre a pesquisa de campo sobre a representação dos professores sobre os alunos e a visão dos alunos sobre os professores com a utilização de gráficos e tabelas.

2.1 O papel da escola segundo Bourdieu e a corporeidade juvenil

A escola também tem um importante papel na formação do *habitus* juvenil, pois é nela que se manifestam as mais diferentes corporeidades: um corpo disciplinar, racional; outro corpo trânsfuga, escápil, indócil; corpos vitimados por preconceitos; outros,

narcísicos. “Os corpos dos alunos revelam muito mais do que indisciplinas, revelam os enigmas de suas existências”. (ARROYO, 2009, p. 126.)

Ainda sobre a escola, podemos dizer que, historicamente, ela é responsável pela reprodução da dominação das classes dominantes sobre as dominadas, mantendo certo conformismo entre as classes dominadas, usando as mais variadas estratégias, que vão da disciplinarização, inclusive, dos corpos, até a falsa ideia de que só através da educação podemos ter ascensão social. A escola está longe de ser libertadora, ela é conservadora e mantém a dominação das classes mais ricas sobre as classes populares.

Bourdieu pondera:

Ora, se consideramos seriamente as desigualdades socialmente condicionadas diante da escola e da cultura, somos obrigados a concluir que a equidade formal à qual obedece todo sistema escolar é injusta de fato, e que, em toda sociedade onde se proclamam ideias democráticas, ela protege melhor os privilégios do que a transmissão aberta dos privilégios (BOURDIEU, 1998, p. 53).

Esse *habitus*, em nossa análise, guarda implicações das quais destacou a lógica de *retenção*: trata-se da absorção de formas corporais e de posturas, que, em longo prazo, acabam por tornar-se um sistema operatório, um sistema visível de conhecimento e reconhecimento, uma *substância*, com qualidades sensíveis e explicitáveis capazes de dar uma visão de conjunto do indivíduo ou de um grupo de indivíduos.

Essa sedimentação pressupõe a ação no tempo e traz implícita a história. Pressupõe a incorporação, o tornar-se corpo, e este agrupa em si o *capital físico ou corporal*, correspondente a uma disposição e a uma trajetória individual, mas também a uma dimensão coletivizada, de grupo.

O que o *habitus* proporciona é que a organização e a reciprocidade dentro das estruturas estruturadas no meio social criem o capital simbólico, o qual reside no domínio de recursos simbólicos baseados no conhecimento e no reconhecimento, como a imagem da marca, a fidelidade à marca etc.; poder que funciona como uma forma de crédito e pressupõe a confiança ou a crença daqueles que sofrem com essa alienação.

A legitimação de tais capitais e a formalização do *habitus* dentro de um agrupamento social faz com que se crie um campo de saber, um campo cujos capitais culturais têm certo privilégio na orientação da vida social, na validação das práticas sociais e das estruturas sociais vigentes para o grupo (BOURDIEU, 1968). Para compreender o que se entende por campo pode-se imaginar uma disputa em que cada agente busca concentrar consigo certos capitais.

Observa-se neste trabalho que há uma relação entre o controle que o corpo tem dentro do espaço urbano, tendo os jovens como maiores promotores de mudança do *habitus* em relação ao próprio corpo e a do outro, provocando um conhecimento que se legitima no campo da cultura corporal.

2.2 Geografia e sujeito: a reflexão da corporeidade

Durante dois anos consecutivos o grupo de estudo “Espaço, Sujeito e Existência”¹, na tentativa de unificar uma leitura teórica e metodológica dos temas de pesquisa, desenvolveu estudos que tiveram como atenção principal o modo como a Geografia, notadamente a contemporânea, faz as suas reflexões sobre o sujeito. De acordo com a metodologia desse grupo de estudo e de orientação procurou-se, por intermédio da relação entre Geografia e Sujeito, envolver o estudo das corporeidades.

Os estudos tiveram que ultrapassar a seara apenas dos geógrafos. Vários autores da filosofia, da sociologia, da Educação Física, da psicologia e da antropologia tiveram presenças. De acordo com os estudos – e da prática textual da metodologia do grupo – foi se juntando pressupostos e também interrogações que ajustaram os pressupostos do sujeito e da corporeidade. Deleuze (1988) ao perguntar: “o que pode um corpo” chamou a atenção para ver a corporeidade dentro de uma relação entre “escravidão” e potência. Esta pergunta se desdobrou em outra igualmente provocadora: “de que afetos um corpo é capaz?”.

Certamente um corpo pode se curvar diante da quantidade de símbolos emitidos pelos meios técnicos da sociedade contemporânea e ceder aos objetivos desses símbolos, como consumir, competir, temer; pode também sofrer impulsos de cores, imagens, de sentidos quando transitam no espaço de uma metrópole pela ação dos *outdoors*, normas, letreiros. Pode ter a doença do mundo, ser objeto de diferentes formas de preconceitos, reduzir a sua potência pela baixa estima.

Ademais, “o corpo pode ser o centro estratégico da mira da nova acumulação capitalista”, como sentenciou Harvey (2004). Um corpo pode ser a única casa da dor – e de forças que a digladiam mental, físico e politicamente. Pode criar, gozar, conhecer, relacionar. Especialmente, “pode ser atravessado por forças invisíveis que capturam a sua vitalidade social”, tal como indicou Takeuti (2004) e, pode, nas gretas, nos interstícios e nas frestas, – de

¹ O grupo de estudo “Espaço, Sujeito e Existência” pertence ao LABOTER-IESA e é coordenado pelo professor Eguimar Felício Chaveiro. Além dos estudos, da orientação procede-se também o exercício da escrita.

acordo com Barcelos (2006), “ser o instrumento da insurgência criativa, ou território irreduzível mediante o qual transforma dor em arte como sinaliza a história do samba e a prática de peladeiros”; pode fazer da arte uma baliza de mudança – e da mudança uma justificativa de seu maior sentido.

Tais possibilidades indicam que o corpo é atravessado pelas forças do mundo; é a casa da vida e, portanto, usina de ação, de mudança e de transformação; é um lugar de disputa simbólica, de recriação de sentidos, de ressignificação. Vestido de subjetividade, estatuto de órgãos e de sua articulação, agente político que enuncia sinais o tempo inteiro, o corpo só pode existir numa relação de trocas, de convivências e de fusões.

A primeira dimensão dessas trocas quando se trata do corpo do ser humano é o campo social. Envolvido na gama social, daí histórica e espacialmente determinado, o corpo se enuncia pela correspondente relação com a história da família que o gerou, com os valores dos pais que o produziu, com a saúde da mãe ou a sua doença, com a linguagem que lhe dá nome, homenageia, com os hábitos alimentares, com o modo como é lançado no berço dos afetos e do cuidado.

Além disso, inclui a possibilidade social da moradia, a capacidade de custear o pré-natal, a inserção dos pais no mundo do trabalho etc. Pelo fato de que o corpo existe agindo num domínio incessante de permutas sociais, é esse sentido de ação que o leva a se transformar em corporeidade, pois de possibilidade universal do organismo – o sentido do corpo – transforma-se em identidade social, possibilidade cultural, determinação histórica, arena de conflitos.

No cerne desse trabalho, ao transladar a reflexão do corpo para a noção de corporeidade, a pergunta de Deleuze (1988) – “o que pode um corpo?” – pode ganhar tinos mais decisivos: o que pode a corporeidade de uma Pessoa com deficiência visual total? O que pode a corporeidade de um burocrata que, enredado na pressão dos negócios, pode esquecer o filho dentro do carro? O que pode a corporeidade de um trabalhador que corta cana numa jornada de 16 horas diárias? O que pode a corporeidade de jovens que estão com o pleito emotivo subordinados ao domínio da drogadição?

Mas essas perguntas, longe de invalidarem a outra – “de que afetos um corpo é capaz?” –, podem redirecionar o sentido da reflexão: como as diferentes corporeidades, irradiadas no espaço e sofrendo as ações do mundo nos lugares em que efetivam suas ações, podem assumir a condição de sujeito?

No trato específico do propósito dessas reflexões – e de sua ligação com o estudo da corporeidade juvenil da periferia proletária – vale-se de um pressuposto: ser sujeito

é, em meio aos conflitos sociais, ser capaz de ter determinação sobre a própria ação, dando a ela um sentido político de ressaltado coletivo, sendo, portanto, capaz de transformar a existência num pleito de geração de projetos. Sendo assim, a condição de sujeito enfronta a corporeidade nos propósitos do lugar, universalizando a ação para dar consistência à sua singularidade que, no mundo, transforma a singularidade em ação e faz da ação o modo de interferir nos lugares.

2.2.1 A construção da corporeidade nas sociedades de conflitos sociais

Os estudos efetivados sobre a corporeidade por meio das reflexões geográficas se baseiam, atualmente, em diferentes acepções. Muitos deles, originados do que se tem denominado etnodemografia, ao fazerem um diálogo com sociologia e com a antropologia, desenvolvem pesquisas envolvendo questões identitárias, de gênero, etnia, sexualidade.

A maioria dos trabalhos, além de procurar perceber como as identidades se tornam complexas, de acordo com a efusão de símbolos próprios deste tempo, direciona as reflexões para compreender as trajetórias socioespaciais dos diversos grupos identitários, percursos no espaço como percursos de vida.

A recusa posta à leitura da corporeidade – e também do sujeito – apenas pelo viés economicista e abertura de rumos, evocando táticas de vida esculpidas no espaço, ao envolver componentes como raça-etnia, identidades culturais, gênero etc., alarga a compreensão política das trajetórias dos sujeitos no espaço e demonstram como o controle hegemônico do espaço age sobre essas diversidades étnicas promovendo preconceitos, sequestros de voz e valores etc.

Isso tem levado os pesquisadores desse campo, como Cirqueira (2008), a não abandonarem a classe social como importante recurso mental de identificação da ação dos sujeitos e das corporeidades.

Outra direção amplamente trabalhada, especialmente nas últimas décadas, tem sido as pesquisas originadas do campo denominado Geografia Cultural. Em muitos casos, pretendendo desenvolver as reflexões baseadas nos aportes da fenomenologia – e criando aproximações da geografia com vários gêneros e campos da arte –, segundo Safadi (2009), surge uma leitura do sujeito, e também de corporeidades, ligada a uma noção psicológica. Antes de imiscuirmos neste debate, na ordem do que estamos propondo, vale sintetizarmos o modo como ponderamos as noções de corpo e corporeidade.

2.2.2 A corporeidade como instrumento de intervenção

A recomendação de Montel (2003, p 5), segundo a qual “ao tocar um corpo humano deve-se antes ter uma atitude de solenidade e respeito antecipado”, pois está se tocando no que é mais concreto e essencial da história do universo, da terra e da cultura, gera reflexões; por exemplo, ao se pensa que a trajetória de vida de um corpo, desde o corte do cordão umbilical, se faz num incessante cruzamento que remonta à genética, aos conteúdos culturais, simbólicos e sociais.

Além disso, a vida de um sujeito é inclusa da participação radical de sua corporeidade que, por ser assim, o transforma num grande arquivo infinito de sua própria história ligada à história social. Desde os contatos com a alimentação, com a moradia, com o trabalho, com as ligações simbólicas, com a educação e com o afeto dos pais, o desenvolvimento da sexualidade, as experiências de contato, os perigos das brincadeiras e do lazer, os sentimentos interditados ou os expressos e repulsados, demonstram que o corpo é, de fato, um guardador de mundos.

Essa memória aglutina cultura e genética, coaduna imaginários, desejos e carne, justapõem dor, superação e afetos. Qualquer corporeidade, assim, é, ao mesmo tempo, dispositivo da ação e testemunho de vivências. É um mundo no mundo que se exerce por meio de relações. Nas relações, por meio delas e dentro delas, os órgãos ou o organismo se traduzem na história por meio do espaço.

É essa condição que se transforma no mote essencial da análise geográfica da corporeidade. Se as desigualdades de classes sociais, as diferenças étnicas, as preferências sexuais, o gênero, ou os componentes imagéticos, narcísicos como a beleza, o tônus muscular, a cor dos olhos, a estatura, a capacidade de realizar determinadas ações culturais, participam decisivamente de valores como renda, trabalho, poder, é no espaço que isso se concretiza.

O deslocamento na cidade, as trajetórias do morar, do conviver junto ao lazer, a relação com as instituições como a escola, as igrejas, os partidos políticos etc. são conduzidos pela corporeidade, e é aí que participam do mundo e que efetivam as suas ações e as suas potencialidades como conflito.

Não é a toa que se diz que todas as instituições, como a escola, a fábrica, as igrejas, as punitivas, as de lazer etc., possuem prerrogativas para os corpos. É por isso que elas desenvolvem técnicas de controle, de esquadrinhamento, de hierarquização, de registros, de observação; e também de alienação, de subordinação e de tortura simbólica ou carnal.

2.2.3 A corporeidade entre a alienação e a potência de libertação

Os estudos recentes sobre corporeidades que apontam críticas a uma análise apenas biomédica do corpo ou de cunho dualista, separando genética de cultura, dimensão social da subjetiva ou psíquica da social, têm efetivado uma síntese: a corporeidade é biopsíquicossocial, por isso, o seu controle ou a sua subordinação ocorre, desde sempre, por estratégias invisíveis.

Uma educação baseada no medo, conforme foi a tradição goiana (CHAVEIRO, 2008), ou as técnicas punitivas aos heréticos, como ocorreram na Idade Média e de Inquisição pela Igreja Católica, os processos de padronização de valores, a tortura impetrada pelas ditaduras da América Latina, o silêncio ameaçador dos pais autoritários aos filhos num regime de consecução de valores da família patriarcal patrimonialista etc., pretenderam criar algemas interiores. Prisões mentais são, logo, táticas de subordinação do corpo.

Silenciosamente estavam esclarecendo o poder transformador que possui a comunicação, o pensamento, a emoção, o desejo e as paixões. E pretendendo cercear a capacidade disruptiva do corpo, sua possibilidade de insurgência, insurrecional. Assim, a história da tortura, da subordinação e da violência aos corpos no ocidente é, junto, uma história de blasfêmia, heresias, criatividade, de gritos de liberdade e projetos de emancipações.

As algemas interiores e seus desvelos em forma de medo, fobias, desmotivações, traumas, egoísmos, transtornos agem no que é fundamental no corpo: contamina a sua capacidade de agir, de conviver, de potencializar forças no coletivo. O corpo doente encerra em suas dores, esmaece diante de obstáculos pessoais. Deleuze, com ousadia pondera:

(...). Vivemos em um mundo desagradável, onde não apenas as pessoas, mas os poderes estabelecidos têm interesses em nos comunicar afetos tristes. A tristeza, os afetos tristes são todos aqueles que diminuem nossa potência de agir. Os poderes estabelecidos têm necessidade de nossas tristezas para fazer de nós escravos. O tirano, o padre, os tomadores de almas, têm necessidade de nos persuadir que a vida é dura e pesada. Os poderes têm menos necessidade de nos reprimir do que de nos angustiar, ou, como diz Virílio, de administrar e organizar nossos pequenos terrores íntimos. A longa lamentação universal sobre a vida: a falta-de-ser que é a vida (...) (DELEUZE, 1998, p. 49).

Percebe-se que uma subjetividade poluída ou uma consciência exilada de suas raízes e estranha às condições do sujeito, pode servir facilmente aos propósitos de quem a subordina. Atolada na doença do mundo ou no jogo de poder das instituições, o sujeito perde

a capacidade de criar insurgentemente, ou de insurgir criativamente, demole o poder de voar pela imaginação, de encontrar dentro de si soluções para o grupo e de encontrar no grupo a força de si.

É esse poder da consciência, do pensamento e da imaginação que pode dar ao corpo ou à corporeidade o estatuto de sujeito. Ser sujeito exige que o ser social enfrente a si mesmo, enfrentando o mundo; tenha na consciência o instrumento decisivo desse enfrentamento. Ao enfrentar intensifica o que é, irmana no espaço com esse Outro que junta forças em nome da emancipação.

2.2.4 A participação da geografia nos estudos do sujeito

Com base em estudos coletivos feitos com professores, orientandos de graduação, especialização, mestrado e doutoramento, têm sido possível inscrever coletivamente um conjunto de indagações sobre o modo como o sujeito vem sendo tratado pela geografia.

A roda de conversa, a elaboração de entradas teóricas, estudos sobre povos indígenas do Cerrado, territórios juvenis, corporeidades de mulheres obesas, sujeitos com deficiência, tal qual como enunciamos, tem revelado que há uma entrada culturalista psicologizante nos estudos do sujeito².

Ainda que as noções de territorialidade, sociodiversidade espacial, identidades híbridas ou similares se coloquem, as pesquisas dependem de uma comprovação empírica, o que pode conduzir a uma análise confundindo sujeito e indivíduo, uma vez que pode perder o sentido de universalidade.

Por outro lado, há outra via presa no economicismo que foi categoricamente avaliado por Santos (2006). O autor diz que:

O enfoque do modo de produção não permite estudar a realidade de dentro, é um enfoque externo à realidade, não permite reconhecer como se constituem as sociedades e, sobretudo, não permite incluir a questão do território, porque o modo de produção não é uma categoria capaz de fazer trabalhar o espaço visto a partir da totalidade concreta que é a formação social (SANTOS, 2006, p. 21).

² Foram feitas várias rodas de prosa que abordaram a relação entre Sujeito, Cultura e Metrópole. Essas rodas de prosa tinham como objetivo desenvolver interlocução com diversos autores. E eram metodologias advindas do projeto Casadinho/CNPQ – “Cidades e práticas espaciais – norma e vida em contrapontos”.

Na mesma linha de pensamento, Santos (2006, p. 21) ainda comenta que “nada tem sido mais terrivelmente prejudicial à elaboração das ideias neste continente que essa subordinação ao economicismo”.

As críticas do autor nos ajudam a compreender que a vinculação apenas de classe social e espaço, de um lado, ou de identidade e espaço de outro, podem se esbarrar em dois equívocos: enquanto a primeira via pode não perceber o valor da ação, da experiência, da emoção etc. e cair em generalizações pouco motivadoras ao pensamento de pesquisa, a segunda via pode, além de redundar ideologicamente numa nova algema invisível, transformar a subjetividade num adorno.

Em função disso, ao perscrutar a análise do sujeito ligado à subjetividade no atual período, estamos construindo a seguinte síntese, a partir da interrogação: por que as universidades, os movimentos sociais e outras instituições, se colocam interessados e preocupados hoje com os sujeitos?

Esse questionamento pode ser respondido por três vias, ou três caminhos – um pela via do mal-estar do sujeito contemporâneo, outro pela via do sujeito de direito, e, por fim, pela via da mercantilização da cultura do sujeito.

Por entre o mal-estar o sujeito contemporâneo manquitola sofre doenças, cisões, fragmentações, descentramentos; teme o futuro, às vezes é exilado e deserdado do presente. Esses sujeitos têm ainda preocupações com os afetos, não confiam nas instituições, possuem dificuldades de morarem em si mesmo e no mundo.

Por isso, o sujeito contemporâneo demanda conhecer a si mesmo, demanda por fazer reformas íntimas, por retocar os seus paradigmas, as suas feições e os seus conteúdos.

A respeito do sujeito de direito há um sentido político importante em aumentar o mapa da diversidade humana, no mundo, no Brasil e em Goiás. Isso é uma forma de inserir sujeitos silenciados pela forma de poder, é inserir povos indígenas, quilombolas, cadeirantes, lavadeiras, quebradeiras de cocos, ribeirinhos, cerradeiros, negros, moradores de rua, mendigos, grafiteiros, roqueiras, a juventude e trabalhadores de toda ordem.

A inserção desses sujeitos é uma forma de respeitar modos de vida, modos de visões de mundo – diferentes percepções. Por fim, e pela via da mercantilização cultural, à medida que o sujeito se coloca no centro e no apetite das instituições, há uma tentativa de se apropriar de sua cultura, de mercantilizar a sua memória e de transformar a sua simplicidade em enfeite suntuoso.

2.2.5 A fragmentação do sujeito: corpos sob riscos no espaço da pressa

Touraine (1998), ao dissertar pela via do que ele denomina “sociologia da ação” e situar o atual momento de “sociedade pós-industrial” e de defender que os conflitos sociais não são de cernes apenas econômicos, mas feminista, ambientalista, cultural etc., destaca que o sujeito em tempos de globalização tem como característica central a fragmentação.

Essa fragmentação é justificada pelas mudanças do mundo do trabalho, pela disputa dos postos de trabalho em vários países, pela intensa mobilidade a que o sujeito é compelido e pela profunda circulação de símbolos. Takeuti (2004), ao analisar a juventude no campo da subjetividade, além dos problemas sociais, da insegurança relacionada aos postos do trabalho, às mudanças rápidas dos modos de inserção, demonstra que há uma “vulnerabilidade nos sistemas simbólicos”. A autora diz que:

As diversas manifestações da agressividade destrutiva estariam intimamente relacionadas com a pobreza da experiência simbólica dos indivíduos contemporânea, Durand (1984, p.26) salienta que o obstáculo à simbolização, associado ao desenvolvimento das frustrações e das perversões, reside principalmente na clandestinidade em que se encontra hoje o poder da imagem. As mentalidades tecnocratas e racionalistas, estariam, segundo o autor, desembaraçando-se de tudo que é espiritual em prol dos aspectos materiais e da lógica do dinheiro, o novo ‘sagrado’, se assim podemos dizer. Nesse tipo de postura não há lugar para a manifestação da imagem criativa (no sentido bachelardiano) uma vez que a racionalidade presente tende a se afogar passivamente nas marés de imagens sufocantes (TAKEUTI, 2004, p. 263).

Ou seja, a existência de símbolos alheios às raízes dos indivíduos que formam o seu desejo e suas demais referências, e o sentido desses símbolos mirados para o consumo, para o narcisismo, para o sexismo, para a sedução e para representação de poder nos grupos, criam cisões interiores, o indivíduo, tal como enuncia Rolnik (1997) tem uma subjetividade defasada de suas experiências. Para a autora:

Não é tão simples assim: é que a mesma globalização que intensifica as misturas e pulveriza as identidades, implica também na produção de kits de perfis-padrão de acordo com cada órbita do mercado, para serem consumidos pelas subjetividades, independentemente de contexto geográfico, nacional, cultural, etc. Identidades locais fixas desaparecem para dar lugar a identidades globalizadas flexíveis que mudam ao sabor dos movimentos do mercado e com igual velocidade (ROLNIK, 1997, p. 20).

Esse alheamento passa a incorporar os seus diagramas e as suas referências, como se tivesse distante de si mesmo, em desacordo com a sua vida, perdendo a si próprios. O

corpo torna-se um território ruidoso, esquizofrênico, sempre aberto a linhas de fuga. Rolnik (1997) menciona que as linhas de fuga, num efeito de miragem, como é o caso da compulsão sexual ou por droga, ou um efeito de miraculagem, como é a inserção desatinada nas tendas metafísicas, religiosas, esotéricas, atestam uma única coisa, a fragilidade para criar insurgências com sentido.

Ao se colocarem dessa maneira, entregam-se à sociedade de controle, que invade o campo social inteiro mercantilizando a cultura, a subjetividade, a imagem e os modos de vida. Máquinas que produzem a subjetividade como as mídias eletrônicas, ou objetos técnicos que impõem uma recorrente vigilância às ações e às representações dos indivíduos, desenvolvem um controle, como se fosse um dado exigido pelo real.

Violência urbana e a perda da estabilidade possível transformam o espaço e a vida num risco. Assim, os indivíduos ao construir a corporeidade, desenvolver suas trajetórias de vida, suas relações no lugar – e com o lugar –, ao se depararem com a sociedade de controle, com um sistema simbólico vulnerável, com mudanças no mundo do trabalho, têm como resultado a doença corporal e social.

Instituições transpassadas por normas e por condutas burocráticas, clientelistas, lobistas, tornam-se pequenas máquinas de guerra. Tal como sentenciou Deleuze (1998), ao organizarem os grupos sob o comando da sociedade de controle, os transformam em arena de pequenas lutas narcísicas, de disputas por status, por lugares de prestigiamentos.

Em muitos casos, os indivíduos em determinados grupos possuem discursos similares, origens próximas, objetivos comuns, mas se digladiam em função de defesa de lugares de poder no território institucional. A luta egóica - e as táticas de controle -, além de subjugar a potência criadora e criativa dos corpos, desanima-os, dissolve-os de sua força afetiva. Daí é importante que a consciência apodere das forças da situação – e que a situação seja o condimento para o enriquecimento da consciência.

2.2.6 Em busca de uma corporeidade autônoma

Duas perguntas advindas dos preceitos existencialistas são basilares: como o sujeito pode ser livre em sociedade sendo que a sociedade o aliena, o condiciona? Como o indivíduo pode ser sujeito da história se ela determina suas ações?

Além de proclamar que a consciência é o fundamento pelo qual o sujeito humano constitui o sentido de mundo e dá significado à sua existência, os legados sartreanos

supõem que a existência de um sujeito é, indefensavelmente, ligada à ação que desenvolve a cada minuto, em cada situação.

Sendo assim, o sujeito apreende o mundo na mesma medida que constitui a sua consciência. E ao agir no mundo construindo a si próprio, relaciona com um mundo situado em determinado lugar e tempo. Por isso é que cabe à consciência estabelecer escolhas e decisões.

É no lugar que o mundo se encontra concretamente para cada sujeito. Em consonância com a lição de Santos (1999), o mundo é mundo nos lugares, fora dos lugares ele não existe. Dessa feita, o sujeito está sempre no mundo porque sempre está nos lugares, agindo em seus flancos, relacionando com a luz por sua mediação, lendo-o, interpretando-o, decidindo suas trajetórias.

Uma consciência do lugar é, assim, fator para que as suas escolhas possuam a lucidez que pode conduzir ao pleito da liberdade. Não pode haver uma corporeidade livre, por este raciocínio, sem que a sua consciência aja no lugar, decodifique-o, plante nele seus projetos, saiba produzir sentidos e significados que apeteçam a sua vontade de criação, a sua potencialização coletiva.

Cabe, pois, reconhecer a força que há no corpo – e o sentido que pode invocá-lo como potência insurgente e criativa – para enfrentar a desigualdade social, a pobreza, os símbolos que adoecem. Não participar dos afetos perniciosos, não ceder aos caprichos narcísicos das instituições, não ser vencido pela vontade de competir e, ao contrário, se valer da riqueza simbólica deste mundo, usá-lo como mecanismos de criação, de coletivização, de produção de alegrias, enredarem outras condutas sociais no campo da escuta, da percepção e dos encontros, exige a ligação da consciência com o mundo, mediado pelo lugar. O lugar sobre o qual todos agem, sobre o qual o sujeito se faz com a consciência, com os órgãos, com a sua memória e com a sua força e beleza.

2.3 O corpo na história, a história do corpo: uma perspectiva espaço-temporal da corporeidade

Fazer ou construir a história do corpo não é uma tarefa fácil e simples, até mesmo porque muitos já a fizeram. Buscamos aqui reconstruir um breve histórico que nos proporcione entender a trajetória do corpo na história da humanidade e como ele se encontra atualmente na nossa sociedade. Para isso, faremos uma incursão no passado da nossa civilização ocidental começando pela Grécia antiga.

Antes de qualquer coisa, é importante salientarmos que o corpo é biocultural, e que possui, portanto, dimensões culturais e biológicas, assim nossa reflexão abarca filosofia e valores que são relacionados à corporeidade dados pela sociedade, através dos tempos.

Para tanto, começamos pela sua origem semântica. Segundo Soares (2006, p. 7), corpo, ou melhor, *Corpus*, do latim, designava o corpo em oposição à alma, de onde vem o sentido de “cadáver”. Assim, corpo tem um sentido de objeto, ou melhor, de matéria, que ocupa um lugar no espaço; tem peso, volume e seria passivo e inerte sem o sopro divino do espírito, da alma.

Na sociedade ocidental cristã, cujo pensamento grego prevalece, o corpo aparece como uma sombra da alma, da consciência, do espírito. Dessa forma, instaurando uma dicotomia que chega até aos nossos dias, ou seja, a separação do corpo em corpo e alma. Essa dualidade é atribuída a Platão, com a célebre frase “Mente sã, corpo são”, que na verdade é propagada no mundo pelas ideias de Homero, que o homem vivo abriga em si um outro Eu e essa ideia seria atestada pelos sonhos, quando o outro Eu se desprende. É importante dizer que esses pensamentos, ainda hoje estão presentes em muitas culturas, no que se diz respeito à dualidade corpo e alma.

Segundo Medeiros (1998, p. 35), percebe-se que nesse momento histórico prevalece uma visão mítica de mundo e do corpo também, onde a dicotomia apresentada é na verdade uma oposição entre espírito e matéria.

De acordo com Medeiros (1998, p. 37), é Demócrito que concebe com mais clareza essa concepção materialista de corpo defendendo a ideia de que a felicidade estaria radicada na alma e trata de dois princípios de vida que estaria ligando os homens ao humano, que seria viver segundo o corpo (usufruir dos bens) ou segundo a alma (usufruir dos sentimentos). Demócrito ressalta que um homem não será feliz tendo ouro, e sim se na alma residir um espírito feliz.

Ainda, segundo Medeiros (1998, p. 38), é Sócrates que traz a ideia de corpo coisificado, mas como ele não deixa registro de seus pensamentos fica dessa maneira para seus discípulos essa incumbência, principalmente Platão. Assim, a concepção de Sócrates e Platão é a mesma.

Segundo Platão, “A alma humana, antes do nascimento, antes de prender-se ao cárcere do corpo, teria contemplado as ideias enquanto seguia o cortejo dos deuses” (in Medeiros, 1998, p. 38).

É importante percebermos que essa dualidade entre corpo e mente, que tem sua origem em Sócrates, chega aos nossos dias ainda com muita força, basta observarmos como

as pessoas tratam os atletas de academias de musculação e, até mesmo, algumas profissões como pedreiro, lavrador e outras, que utilizam a força braçal.

Dessa maneira, vale ressaltar que esse modo de ver o corpo merece uma reflexão mais aprofundada sobre corporeidade e seus desdobramentos na formação do sujeito, principalmente a percepção de corpo que a sociedade desenvolveu no percurso da história da humanidade.

O corpo na idade média é tratado como um elemento insignificante, pois naquele momento a fé, a razão e a alma são os elementos principais, da vida em geral. Mas também ocorre um grande conflito entre fé e razão, deixando de lado as outras questões da sociedade daquela época. Isso tem reflexos na forma de ver o corpo, que é visto como pecado e seria a causa de afastamento de Deus do homem. Há uma negação do corpo, tanto pela fé como pela razão.

Com o fortalecimento e propagação do cristianismo no mundo, também ganha força a ideia de corpo como prisão da alma. Segundo Medeiros (1998, p. 42), nesse período são eliminados da vida cotidiana das pessoas o teatro, o circo, o estádio e as termas. Dessa forma, são banidos da vida das pessoas da época os espaços de sociabilidade, de convivência e cultura, que de certa maneira utilizam o corpo.

O corpo, nesse momento, também é percebido como sede do pecado, é nele que se encontra o prazer da carne, da luxúria, da paixão, coisas ligadas ao profano e aos pensamentos mundanos, coisas que não são de Deus.

Esse período é marcado pela luta do sagrado com o profano, das coisas do céu e as da terra, dos prazeres proporcionados pelo corpo e a salvação da alma vinda do espírito puro.

Época também marcada pela servidão (escravidão) e subjugação do servo ao seu senhor, o corpo do servo passa a ser propriedade do senhor feudal, sendo verdadeira máquina de produção, que sustentava os nobres e suas famílias.

O servo utilizava seu corpo como ferramenta de trabalho (pode se dizer que a única utilidade para o corpo) que fazia parte da riqueza dos nobres como um objeto; desse modo, temos um corpo objeto, um corpo servil, um corpo máquina que é utilizado e explorado como modo de produção e acumulação de capital para os nobres.

Daí a necessidade de se pensar criticamente sobre o corpo na atualidade, como esse processo de desumanização do corpo se iniciou e chegou até nossos dias, continuando a ganhar força e espaço na sociedade atual principalmente como forma de acumulação de capital.

Essa volta às origens desses fatos nos propicia vislumbrar outros caminhos que podem nos levar a outras realidades que colocam o corpo no seu devido lugar, com o seu devido valor.

Na idade moderna a sociedade passa por momento de grandes transformações no mundo, principalmente pelas descobertas, o surgimento do protestantismo, dos pensamentos Empiristas e Racionalistas, trouxe uma nova forma de ver o mundo.

Nesse momento, surgem grandes personalidades da filosofia que formularam os princípios do Empirismo, como Francis Bacon, John Locke, David Hume, entre outros (MEDEIROS, 1998), que preconizam uma ciência que surge do mundo vívido e experimentado ou pela experimentação e observação.

Quanto ao Racionalismo, diz Medeiros (1998, p. 51), temos como principal expoente, considerado o criador da filosofia moderna, René Descartes que busca na razão os recursos para a recuperação da certeza científica e, também, apresenta o método dedutivo.

Descartes (1637) reafirmam a dicotomia entre corpo e alma que passa a ter um novo argumento: o pensamento. Dessa maneira surge a célebre frase “Penso, logo existo”, que marca a existência de um Eu pensante. Assim, a dualidade persiste e é fortemente defendida e difundida por muitos no mundo todo, chegando até nossos dias como uma verdade quase que absoluta; ouvimos muitos repetirem tal frase, em diversas ocasiões.

Pode-se notar que o dualismo está presente na filosofia de Descartes e é acrescido de outras explicações. Continua, ainda hoje, influenciando a nossa cultura e o modo de tratar o corpo na sociedade.

Percebe-se que a lógica da separação entre corpo, que é o modo de agir, ou melhor, de fazer, destituído do raciocínio, e a alma, que é o próprio pensamento, continua prevalecendo na nossa sociedade atual. Esse período é marcado pelo fortalecimento e engrandecimento da ciência, que se torna mais acessível aos estudiosos da época que iniciam inúmeras pesquisas, que reverbera até os dias de hoje.

Vale ressaltar que essa divisão da história é uma tentativa de melhorar o entendimento do corpo e sua trajetória ao longo dos tempos que se sucederam. Podemos encontrar alguns casos que indicam a junção entre Idade Média e Contemporânea, mas essa não é a nossa discussão no momento.

Então, iniciamos nossa descrição de corpo enfocando os pensamentos do Positivismo que marca de forma decisiva esse período da história (idade contemporânea). Tem como criador Augusto Comte, o qual aponta como características o desprezo por tudo aquilo que não for objetivo (MEDEIROS, 1998, p.55). O Positivismo dá à sociedade uma

nova forma de organização, onde a rigidez e a ordenação em nome do progresso é a diretriz central.

No Brasil, o Positivismo teve forte influência entre muitos republicanos, chegando ao ponto de termos como lema na nossa bandeira nacional os seguintes dizeres “ORDEM E PROGRESSO”, o que mostra como esse pensamento positivista foi e continua forte dentro da sociedade brasileira.

O Positivismo despreza, então, tudo aquilo que não é mensurável e não considera o que é subjetivo. Surge daí o pensamento de corpo máquina capaz de produzir trabalho, sendo também um corpo concreto e sem história.

Entretanto, é Karl Marx (1982) que busca resgatar a totalidade de corpo através do trabalho, pois é pelo trabalho que se estabelece a verdadeira relação entre homem e natureza e esta relação é a chave para compreender as estruturas psíquicas e morais do homem (MEDEIROS, 1998, p. 57). Ele também introduz o pensamento do materialismo histórico, em que se busca compreender a história como produto dos indivíduos reais, das suas realidades concretas e vívidas.

Outro filósofo de grande importância para esse período histórico é Merleau-Ponty. Os seus pensamentos marcam o resgate do corpo pela filosofia contemporânea, pois apresenta características de uma consciência reflexível acerca do mesmo. O ponto principal desse modo de ver o corpo é a necessidade de reunir sujeito e objeto, tornando-os coexistentes.

Ressalta-se que esse resgate apontado aqui é uma tentativa de romper com o dualismo cartesiano e de conseguir superar as visões distorcidas de corpo em nível de valores reais da nossa cultura.

É importante salientar que a dualidade continua existindo, embora com novas explicações e novos aportes. Na atual sociedade os valores religiosos tradicionais, ainda vigentes, estão presentes e preponderantes na nossa sociedade que ainda não concebe o homem com um sujeito indivisível, com todas as suas dimensões (físicas, biológicas, cognitivas, psíquicas, sociais, afetivas, morais e espirituais) em um só corpo, dessa forma tudo que sentimos e somos estão presentes em um mesmo corpo.

Nota-se que o corpo ainda é visto de forma dicotômica entre corpo e alma ou mesmo corpo físico e atividade intelectual, que um é desvinculado do outro. Mas isto não é verdade, pois a cognição se desenvolve pelo corpo.

Percebe-se hoje que todos os reflexos e nuances da construção da história do corpo estão presentes na sociedade, mesmo com o progresso alcançado, com desenvolvimento tecnológico atingido, convivemos com pessoas que tem seus corpos negados, mutilados pelo trabalho, dicotomizados, amorfos, quase estéreis. Isso tem grandes reflexos no modo de viver e de ser das pessoas.

Para Merleau-Ponty:

O corpo é nosso meio geral de ter um mundo. Ora ele se limita aos gestos necessários à conservação da vida e, correlativamente, põe em torno de nós um mundo biológico; ora, brincando com seus primeiros gestos e passando de seu sentido próprio a um sentido figurado, ele manifesta através deles um novo núcleo de significação: é o caso dos hábitos motores como a dança, a brincadeira, o jogo, o esporte. Ora, enfim, a significação visada não pode ser alcançada pelos meios naturais do corpo; é preciso então que ele se construa um instrumento, e ele projeta em torno de si um mundo cultural (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 203).

Hoje, o que observamos são corpos vitimizados pela moda e pelos modismos da mídia e da televisão. Há uma construção da corporeidade, principalmente do jovem, de forma artificial, onde se busca atender vários objetivos quase sempre imediatos, não se tendo a verdadeira consciência do corpo; ele é mais um produto ou mesmo objeto do que a parte intrínseca do sujeito.

A ideia de corpo que se apresenta hoje é aquela que atende aos interesses do consumo, do mercado; assim, existe uma infinidade de coisas para se comprar, com a finalidade de obter o corpo que se deseja. Nesse sentido, a um inculcamento nas pessoas de valores sobre o corpo que não são reais, que atendem fundamentalmente ao capitalismo. Valores, como: individualismo, competitivismo, imediatismo, dentre outros.

Percebe-se que a forma de ver o corpo pouco avançou em relação à sua história. Grande parte da sociedade continua alienada em relação à sua corporeidade. Os jovens, infelizmente, são as grandes vítimas desse processo que define e determina.

Ainda, nessa perspectiva, os jovens também vão consumindo o que satisfaça seus desejos de ter o tipo de corpo que lhes é determinado. Buscam construir uma identidade, trazendo para seu corpo essa identidade de pertencimento, seja referente a algum grupo ou mesmo a identificação própria.

Nesse sentido, a hipótese que se apresenta com maior força para confirmar esse tipo de comportamento é a grande influência da televisão na sociedade atual, que de forma incisiva e autoritária coloca para todos que a ela tem acesso os padrões de comportamento, o

que se deve consumir e como consumir. A televisão, via de regra, nos mostra que não temos o carro, a casa, o cartão de crédito, o corpo, etc.

Percebe-se que o corpo em sua trajetória na história da humanidade (civilizada) sempre foi colocado em segundo plano e que hoje temos grandes entraves na construção da corporeidade do homem de forma consciente.

Entender o corpo em sua totalidade é a possibilidade de um caminho que devemos percorrer para chegarmos a uma construção de corporeidade que possa dar a real consciência do corpo ao sujeito, permitindo a ele usufruir de todas as suas potencialidades corporais.

2.4 O corpo do jovem na metrópole

Atualmente a pergunta é recorrente: “Quem é o jovem da Metrópole?” Muitos sociólogos e pesquisadores buscam compreender esse sujeito que vive na metrópole, que tem uma identidade provisória, móvel, deslizante e descentrada (HALL, 2001). É um sujeito que traz referências de um mundo ligado ao consumo e ao prazer imediato, que busca ser notado mesmo estando em grupo, que quer deixar a sua marca e ter seu espaço no mundo.

Nesse propósito, é necessário definir ou tentar definir quem é jovem nos dias de hoje, pois muitos querem ser jovens para curtir a vida sem preocupações e sem responsabilidade, mesmo já não tendo uma aparência juvenil (Ah, que saudade dos meus 20 anos). Parece uma ironia, mas não é, pois nessa sociedade capitalista a ideia é de tornar todos consumidores. Todos os dias, assim, somos bombardeados pela concepção de sermos eternos jovens, de que podemos parar o tempo, consumir cada vez mais e mais.

Segundo algumas teorias a respeito de juventude, essa fase da vida é marcada por um processo de transição, passagem, percurso ou trajetória, onde se estabelece a construção social e subjetiva do sujeito (BRANDÃO, 2004). Assim, a delimitação de quem é jovem já não é pela faixa etária, nem por categorias ou grupos, mas é marcada pela sua autonomia pessoal perante a sociedade.

Seguindo esse raciocínio, os jovens buscam sua autoafirmação enquanto sujeito que pensa e age, que encontra em grupos, turmas, gangues, galera, uma forma de se relacionar em sociedade e construir sua cultura. Nesse contexto, o jovem sofre uma verdadeira tormenta de identidades, criando na maioria das vezes uma identidade artificial, ou melhor, uma identidade provisória que pode levá-lo de um grupo de jovens evangélicos a uma gangue de

pichadores. Para esses jovens essa flutuação de identidade é uma estratégia para a sobrevivência social e afetiva.

Dessa maneira, os jovens buscam uma forma de criar uma identidade, mesmo que provisória e inconsciente, para ter assegurada sua subjetividade enquanto sujeito, e também para ter um sentimento de pertencimento grupal, capaz de produzir uma sensação de autoestima e controle emocional.

As reflexões aqui feitas têm o objetivo de nortear a discussão sobre o jovem que vive na metrópole e como ele vê e percebe seu corpo nessa dinâmica de construção de sua identidade. Como e onde ele vive e as influências desse lugar no processo de construção da sua corporeidade, bem como as implicações dos usos dos espaços coletivos e individuais na formação de sua identidade.

É preciso conceber o jovem como um sujeito em transição, em mutações constantes. Há que se considerar que ele está em um processo de construção e precisa de ajuda e acompanhamento, em todos os sentidos, pois é nesse momento que marca e é marcado pela sua corporeidade e pelo lugar que vive.

A construção da sua corporeidade começa com essa busca de identidade e nesse campo de disputas, que é o lugar onde ele vive. O corpo é onde todos os seus desejos e formas de percepção de mundo estão gravadas, trazendo alegrias e tristezas, beleza e feiúra, saúde e doenças, fazendo com que o seu corpo seja o registro histórico dessa fase de sua vida.

Segundo Merleau-Ponty “O papel do corpo é assegurar essa metamorfose. Ele transforma as ideias em coisas, minha mímica do sono em sono efetivo. Se o corpo pode simbolizar a existência, é porque a realiza e porque é sua totalidade.”(MERLEAU-PONTY, 2006, p. 227).

Percebe-se que o corpo tem um sentido que vai além da sua materialidade humana, pois ganha uma dimensão que perpassa pela construção do sujeito, e esse sujeito tem uma identidade construída por si próprio, vive o seu momento no tempo e no espaço, imerso numa temporalidade urbana incorporando sentidos e significados, e cria seu modo de ser.

Nessa perspectiva, a metrópole dá sentido de pertinência que provoca um trânsito frenético desse movimento de incorporação social do jovem como sujeito, que dessa forma desenvolve esse processo de construção da sua corporeidade. Agindo no mundo das dicotomias e na formação da sua própria identidade, o jovem começa a construir sua corporeidade, e todo esse processo acontece numa velocidade vertiginosa na metrópole.

A construção da corporeidade do jovem passa pela questão estética que hoje é popularizada e difundida pela mídia a todo o momento tendo grande influência no meio

juvenil, até mesmo estabelecendo padrões de beleza, de formas de se vestir, de se comer, de se divertir, de cuidar do corpo, de se relacionar, entre outras. É a metrópole que traz o tempo do mundo para o lugar, colabora de forma decisiva para essa relação se perpetuar.

Entende-se que a metrópole não é apenas composta de formas e de fluxos de objetos, mas de signos, símbolos, modos de vida, de capitalismo globalizado, desejos, sonhos, costumes diferentes, ritmos variados, gírias, tribos urbanas, gangues, turmas, galeras, simbolização, de coisas da mídia e do dia-a-dia. E é nesse espaço de tensão e disputas, de relação de poder, que se constroem a corporeidade do jovem, que traz marcas e é marcada por essa selva de dicotomias.

É preciso tentar entender como acontece a inserção do cidadão (em especial o jovem) integralmente à cidade, com acesso à moradia, à educação, ao lazer, à saúde, à segurança, à cidadania, aos espaços públicos. Destacamos que existem poucas tentativas nesse sentido, de chegar até aos jovens possibilidades de espaços que contribuam efetivamente na construção da sua corporeidade. Observamos através de pesquisas sobre juventude, destacamos aqui Cavalcanti (2007), que os jovens almejam do poder público a construção de praças, ginásios de esportes, espaços de convivência como pontos fundamentais para a efetivação da cidadania, e que estes espaços são a oportunidade de desenvolver sua corporeidade e suas relações com outros jovens.

Sabe-se que as precariedades de muitos bairros de Goiânia, em particular os da periferia, necessitam de outros elementos mais importantes, segundo os próprios moradores, tais como postos policiais, postos de saúde, asfalto, esgoto, escolas com qualidade, empregos, moradia. Assim, percebemos que essa visão, sobre espaços públicos da juventude, é importante, demonstra que os jovens devem ser ouvidos, pois eles sabem da real necessidade deles. Então, podemos constatar que as principais necessidades dos jovens estão sendo diminuídas, substituídas ou recriadas. Mais uma vez, o espaço para desenvolver a corporeidade dos jovens continua sendo negada, de uma forma ou de outra.

Assim, pode-se interrogar: como a juventude urbana goianiense se relaciona com o espaço? Os conceitos construídos sobre os jovens são evidenciados sob alguns rótulos de “audaciosos, corajosos, inconsequentes, irresponsáveis, não querem nada com nada, futuro da nação, preguiçosos, vivem no mundo da lua, alienados, dominam a tecnologia, imediatistas, extremistas etc.” Ou seja, são colocados pela sociedade como sujeitos sociais transformadores e transformados pelo espaço, positivo ou negativamente.

Os jovens apresentam, conforme sua condição social e econômica, uma concepção de mundo que é indicada pelo tempo e espaço: o aqui e o agora. Dessa forma, ele

necessita consumir tudo a todo o momento – um consumo material cujo valor simbólico, que é muito forte, traz a ele um sentido identitário de pertencimento e de inclusão, mas a sua intensidade pode variar de acordo com a classe social, gênero, etnia e religiosidade.

Uma pergunta importante de se fazer é: como o jovem relaciona seu corpo com o espaço? Temos algumas proposições sobre essa relação, como o consumo exagerado de tudo por parte dos jovens, que deixa marcas indeléveis em seu corpo e é também um fator condicionante, às vezes determinante para frequência de alguns lugares, como boates, bares, restaurantes, clubes, academias de musculação, cinemas, teatros, parques, festas temáticas etc.

Isso pode acontecer pela condição econômica que o jovem tem. Os de classe média e alta podem usufruir de muitos lugares e com muita frequência, tendo uma ideia de corpo como sendo seu cartão de apresentação. Já os de baixa renda, que são a maioria, não participam desse fluxo contínuo de coisas e eventos em determinados espaços, seu acesso a esses espaços são bem limitados e sua fluidez territorial é mínima pela suas poucas opções e oportunidades.

Sua ideia de corpo está ligada à sua identidade pessoal e grupal – ela estampa em seu corpo quem ele é e a que grupo pertence; por exemplo, a forma de se vestir ou o corte de seus cabelos.

Outra questão essencial é a forma de acesso e a frequência a determinados lugares pelos jovens que é condicionada pela novidade, pelo modismo e pela quantidade de pessoas. Percebemos que o uso e a frequência de espaços públicos são feitos para lazer (convivência social, descanso, namoro, conversa com os amigos, passeio, práticas de atividades físicas, etc.). Isso mostra que os jovens gostam de movimento, de socialização e possuem envolvimento com práticas esportivas, cultura, dança e outras.

Tais atividades são evidenciadas, principalmente, em parques, com shows, com rodas de capoeira, caminhadas, exercícios físicos, aulas de yoga, de ginástica e outras. Porém, notamos que há pouco engajamento político entre eles, que não se organizam em prol do coletivo. Esse pouco envolvimento político é dado pelo fato dos jovens possuírem uma percepção dos problemas sociais com a preocupação em resolver apenas os seus problemas individuais, traços marcantes da sociedade contemporânea que não se restringe a essa faixa etária.

Sabe-se que para desenvolver nossa corporeidade, principalmente na sociedade atual, que cada vez mais está envolvida com muita tecnologia e que despreza o corpo, é necessário ter espaço para movimentar nosso corpo, para estabelecermos relações com os

outros, com o meio ambiente e, também, para desenvolver cultura, expressão corporal, consciência corporal e potencialização motora.

Portanto, o movimentar-se é essencial na construção da nossa corporeidade. Ter espaços é fundamental para se movimentar e construir relações com os outros e com o meio.

Dessa maneira, as cidades devem ser pensadas como um lugar de encontros e possibilidades, onde os cidadãos, em especial, os jovens, possam ser entendidos como sujeitos que carregam sua subjetividade em seu corpo e precisam dela na construção da sua identidade enquanto pessoa.

Para que se construa essa corporeidade, entretanto, é necessário haver consciência da importância do movimento e sua necessidade no desenvolvimento integral do ser humano, movimento aqui entendido como possibilidade de deslocar-se na vida, no meio em que há interações, em busca do melhor gesto, da melhor expressão corporal, da melhor comunicação, da melhor forma de socialização.

Destaca-se, ainda, que a corporeidade tem um importante papel na construção da cidadania, evidenciada pela forma de apropriação dos espaços públicos (quando isso acontece).

Dando significado a esses espaços (praças, parques, ginásios esportivos entre outros) como ponto de encontro, de socialização, de lazer e de desenvolvimento de sua corporeidade.

Aqui, o lugar é o espaço determinante desse processo de construção consciente da corporeidade juvenil, pois todas as relações, ou melhor, todas as ações acontecem em um determinado lugar; segundo Benno Werlen apud Silveira (2006), “é preciso olhar o espaço a partir da ação”. Dessa forma, é no lugar que se constroem a corporeidade do jovem.

O corpo tem uma representação que vai do simbólico ao real e que nos traz o sentimento, a alegria, o desejo, a imaginação, as emoções, os movimentos e precisam estar presentes no cotidiano da cidade para que os jovens possam aprender de forma integral, corporal, intelectual e prazerosa suas relações sociais.

Segundo Bruhns:

A vida do corpo é a vida das sensações e das emoções. O corpo sente a fome real, a sede real, a alegria real do sol e da neve, o prazer do cheiro real das rosas ou em olhar um arbusto de lilás; a raiva real, calor real, a paixão real, o ódio real, o luto real. Todas as emoções pertencem ao corpo e a mente apenas as reconhece (BRUHNS, 1994, p. 61).

Destaca-se que é através do corpo que tudo se inicia: a aprendizagem, a relação com o outro, a sexualidade, o prazer, a harmonia, o amor, a compreensão, o equilíbrio emocional, intelectual e profissional (na vida adulta), os sentimentos de raiva e de dor, os conflitos, as tensões, etc. Nesse sentido, o ser humano, em especial o jovem, deve se preocupar com a existência de um corpo que tem necessidades internas e externas, que busca uma harmonia, um equilíbrio e uma unidade consciente na forma de uso do seu corpo, na construção de sua corporeidade que necessita de um lugar para que isso ocorra.

Entende-se que o corpo, quando potencializado, tem uma função decisiva para a felicidade. Por isso, é de suma importância que se construa uma consciência coletiva e individual sobre corpo e corporeidade, e os trabalhos relacionados ao corpo sejam estimulados desde o nascimento da criança, intensificado na juventude e seguindo até a velhice. Todos devem trabalhar o corpo e conhecê-lo constantemente, tendo em vista que os “jovens” irão ficar “velhos” e, quando chegarem nesse período da vida, serão necessários ainda mais cuidados como, exercício físico, atividades lúdicas, dança, esporte, ginástica, alongamentos, e do principal: “amor e carinho”.

Dessa forma, as reflexões sobre corpo no mundo atual devem ser percebidas como algo capaz de construir relações sociais, cultura, identidade. E, portanto, devem ocupar as pautas de discussões no campo educacional, pois a história da humanidade nos transpareceu que o corpo sempre apareceu como forma de instrumento, mantendo-se uma visão de dualidade que ainda persiste na escola.

Nesse sentido, o papel do corpo na educação é o de construtor de atitudes e valores, que tem identidade, que produz cultura e que transforma a realidade do mundo em que vive. O corpo representa a liberdade pessoal. Implica, portanto, nas várias formas de cuidar e utilizar o corpo. Daí, a necessidade de se construir uma autoformação corporal, iniciando na escola que seja capaz de dar condições aos jovens de usufruir de sua corporeidade de forma consciente e possibilite sua inserção no mundo, em todas as suas dimensões.

Compreende-se que uma educação de qualidade social e comprometida com a formação de cidadãos críticos possa contribuir com a autorreflexão dos mesmos acerca de sua inserção na sociedade, não deve ignorar a representatividade somática presente nos modos de conceber o corpo na nossa sociedade.

Dessa maneira, ainda é um desafio para a nossa comunidade educacional construir meios para entender as relações entre os jovens, seus corpos e o lugar onde vivem, pois é nesse encontro harmonioso que se constroem o cidadão.

Tenta-se nessa pesquisa encontrar explicações sobre toda essa problemática chegando a uma forma de se pensar mais detalhadamente sobre os jovens urbanos na metrópole, estes que se apropriam de espaços públicos ou privados e que fazem deles espaços de disputas, de tensões e também de interação com outros jovens.

Tendo a ideia de lugar onde se desenvolve uma socialização fundamental e básica mais ampla que os laços familiares, mais densas, mais significativas, mais fraternas, mais sinceras, mais afetuosas que as relações formais impostas pela sociedade de modo geral busca-se entender como os jovens constroem sua corporeidade dentro da metrópole; como agem individualmente e em grupo sempre em circulação pela cidade de forma dinâmica, intensa e interessante; como essa forma de agir fica marcada em seus corpos, trazendo símbolos, significados e os reflexos desses comportamentos no seu modo de ser e viver.

Compreende-se que todas as formas de comportamento juvenil, no que diz respeito ao seu modo de agir com seu corpo, é uma pretensão enorme.

Porém, é o início de um diálogo possível e importante de se fazer para estabelecer relações entre espaço, corpo e metrópole que possam explicar e melhorar as práticas urbanas dos jovens dentro da metrópole e, por sua vez, trazer possibilidades de escolhas conscientes na maneira de usufruir de espaços públicos e privados na construção de sua corporeidade.

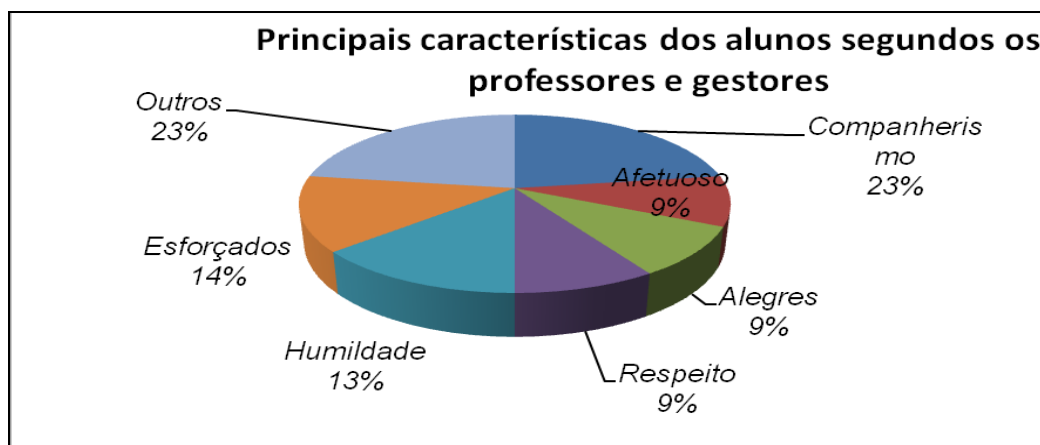
2.5 A representação dos professores do Colégio Genesco Ferreira Bretas sobre os alunos e a escola

Busca-se neste tópico compreender como os professores do colégio enxergam seus alunos dentro da sociedade goianiense, sendo sujeitos que carregam suas idiossincrasias, que marcam suas trajetórias com o corpo e ao mesmo tempo marcam seus corpos pelo espaço onde desenvolvem suas relações interpessoais e sociais.

Para colher as representações de professores sobre a realidade do aluno, após a aplicação do questionário, foram feita uma sintetização das respostas em forma de gráficos.

Essas representações nos mostram o ponto de vista dos professores em relação aos alunos do colégio, além de apresentar “o modo de ver dos professores” nos dão a perspectiva da relação constituída entre ambos – professor e aluno.

Segue os gráficos e suas respectivas análises.

Gráfico 2: Principais características dos alunos do Colégio Profº. Genesco Ferreira Bretas

Fonte: Filemon, 2010.

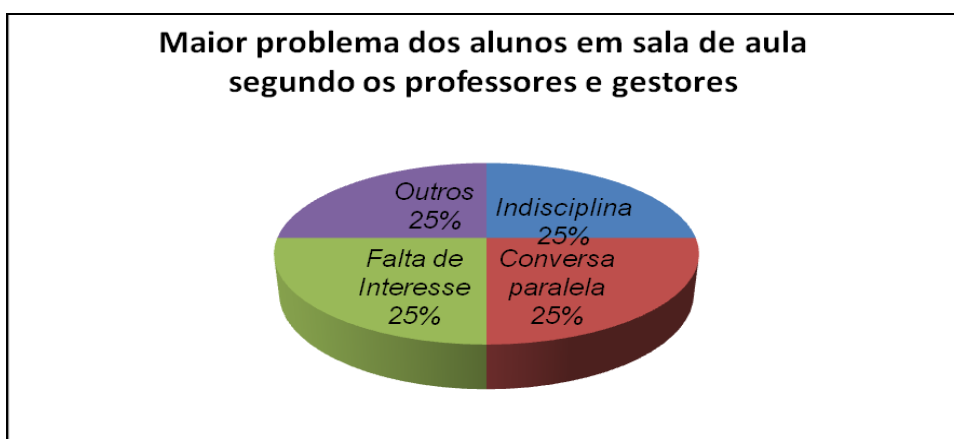
Pode-se observar que na visão dos professores e gestores do colégio Professor Genesco Ferreira Bretas os alunos apresentam boas características no campo da formação pessoal. Representados por alguns adjetivos que chamam a atenção por serem aquilo que muito procuram ter e ver em seus alunos, como humildes, esforçados, companheiros, respeitosos e alegres.

Por outro lado em nenhum momento os professores falam que seus alunos são estudiosos, inteligentes, que aprendem com facilidade ou com dificuldades. Que são bons leitores, que vão a teatro, que estão preocupados com a sua formação cultural, que gostam de estudar.

Assim percebe-se que esses alunos na visão de seus professores e gestores possuem uma boa formação pessoal (do ponto de vista sobre as relações interpessoais, ou seja, o trato com as pessoas de modo geral) e ao mesmo tempo não apresentam características de bons estudantes, no que se refere ao ato de estudar e ter boas notas.

Portanto eles são boas pessoas que possuem virtudes importantes para uma boa formação pessoal, mas não apresentam características de serem bons estudantes, não gostam de estudar de ler, de fazer as tarefas de casa, as vezes são indisciplinados. Sendo que uma coisa pode levar a outra, ou seja, para ser um bom estudante deve ser também uma boa pessoa, ser disciplinado, gostar de ler, de estudar.

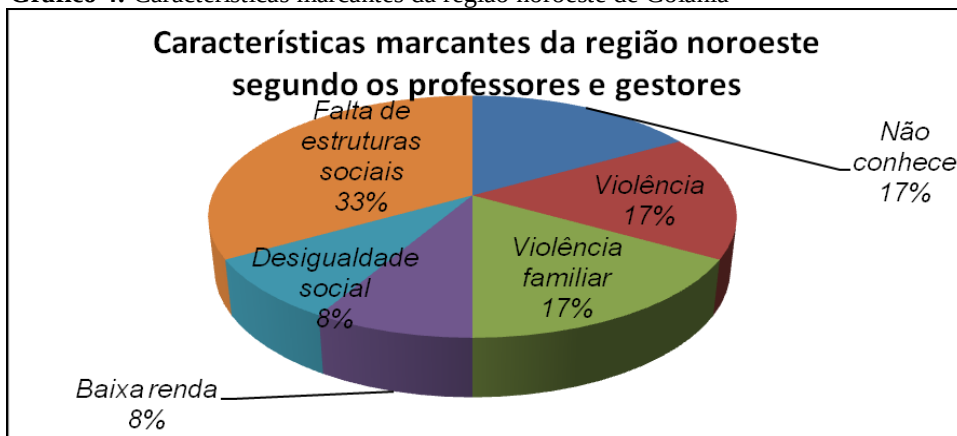
Isso não estimula muito os professores para desenvolver uma aprendizagem significativa e transformar seus alunos em bons estudantes, muitos professores acham que isso vem de berço, assim eles serão alunos esforçados, mas alunos fracos para o estudo.

Gráfico 3: Os maiores problemas dos alunos em sala de aula

Fonte: Filemon, 2010.

Nota-se que os maiores problemas que os professores enfrentam em sala de aula com relação aos alunos são a indisciplina, falta de interesse, conversas paralelas. Pode-se ver que não são muitos, mas que atrapalham bastante o andamento e rendimento das aulas.

Os alunos apresentam boas características enquanto pessoas, segundo os professores, mas que ainda provocam problemas para esses mestres em sala de aulas. Problemas que refletem na qualidade de sua formação enquanto estudantes, confirmando assim a resposta da questão anterior mostrando que os alunos não têm consciência da importância da escola enquanto uma instituição responsável por inseri-los na sociedade e no mundo trabalho. Dessa forma a escola deixa ou pelo menos faz um trabalho incipiente na aquisição de conhecimentos pelos alunos.

Gráfico 4: Características marcantes da região noroeste de Goiânia

Fonte: Filemon, 2010.

Percebe-se que as características marcantes na região noroeste de Goiânia, segundo os professores e gestores do colégio, estão relacionadas a problemas que têm estreita

ligação com a periferia das grandes cidades. Ou seja, as características dessa região são as mesmas ou quase as mesmas que ocorrem em qualquer região periférica de uma metrópole.

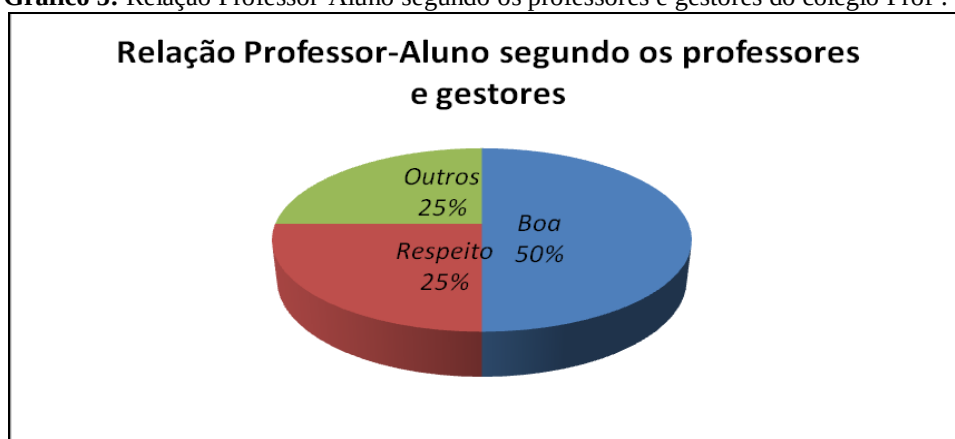
Segundo Rolnik (1986), a periferia surge de uma leitura da cidade, a partir da dos anos 1980, onde o desenvolvimento privou por faixas de menor renda de condições básicas de urbanidades e de inserção efetiva à cidade.

Mas é preciso lembrar que a periferia é marcada muito mais pela precariedade e pela falta de assistência e de recursos do que pela localização. Também é comum associar à periferia as regiões urbanas de infraestrutura precária, sendo frequentemente usadas como sinônimo de zona suburbana, embora uma região periférica não seja necessariamente pobre. Temos algumas regiões periféricas de Goiânia onde se localizam os grandes condomínios fechados e mais caros da cidade, como Alphaville, Grandville, Aldeia do Vale, entre outros.

Assim, destaca-se na região noroeste de Goiânia segundo os professores e gestores do colégio, a falta de estruturas sociais, violência, violência familiar, desigualdade social, baixa renda; nota-se que são problemas comuns às regiões periféricas de qualquer cidade grande brasileira.

Há também alguns professores que não conhecem a região, pois estes professores só trabalham no colégio e residem em outras regiões da cidade de Goiânia. Conhecem apenas o colégio e trajeto que os leva ao colégio. Neste caso, percebe-se que há um divórcio entre a ação educativa – do campo do professor - e o espaço sobre o qual ocorre a produção da existência dos alunos.

Gráfico 5: Relação Professor-Aluno segundo os professores e gestores do colégio Prof. Genesco

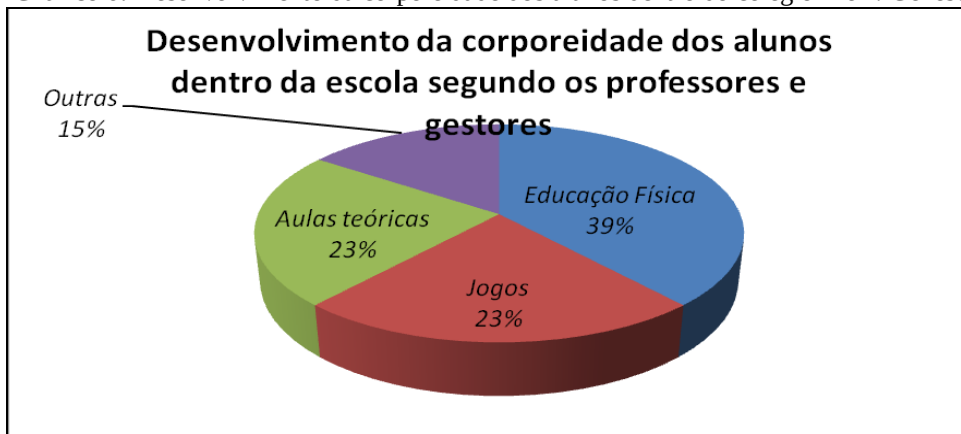


Fonte: Filemon, 2010.

Verifica-se que há uma boa relação entre os professores e os alunos do colégio. Como descrevem os professores, essa relação se dá pelo respeito mutuo, pelo afeto, pelo diálogo; relações baseadas, sobretudo, pelo respeito. Todos garantem ter uma boa relação com

seus alunos. Reforça-se aqui a boa formação pessoal que, segundo os professores, os alunos possuem, mesmo morando e vivendo numa região periférica de uma cidade grande como Goiânia. Quebrando dessa forma alguns paradigmas ou mitos que são propagados pelo senso comum de que muitos ou quase todos os moradores de periferia são marginais ou bandidos.

Gráfico 6: Desenvolvimento da corporeidade dos alunos dentro do colégio Prof. Genesco F. Bretas.



Fonte: Filemon, 2010.

Nota-se que o desenvolvimento da corporeidade dos alunos se dá na sua maior parte dentro das aulas de educação física. Principalmente nas aulas práticas, onde eles podem desenvolver sua motricidade a partir de atividades físicas planejadas e orientadas pelos professores de educação física.

Outro momento de grande desenvolvimento da corporeidade dos alunos acontece quando eles estão jogando e brincando, principalmente durante o recreio escolar e em outros momentos como nas aulas de Educação Física, nas festas que acontecem na escola, nos jogos interclasse e intercolegial promovidos pela Secretaria Estadual de Educação e nas gincanas que a escola organiza como dia das Mães, dia dos estudantes e das Crianças, entre outras e as festas juninas onde todas as turmas da escola dançam “quadrilha”.

Há também, segundo os professores, desenvolvimento da corporeidade de seus alunos nas aulas teóricas, pois estão sempre fazendo trabalhos individuais e em grupos, que devem ser apresentados em sala aula. Participam ativamente das aulas e também andam muito, conversam bastante, muito ativos em sala de aula. Isso, segundo os professores, possibilita o desenvolvimento da corporeidade dos alunos. Eles ficam mais tempo em sala de aula do que em outros espaços da escola como pátio, quadra, laboratórios, cantina, etc.

Mas os professores e gestores acreditam que os alunos desenvolvem sua corporeidade com mais ênfase nas ruas do bairro, nos parques, nas praças, na lida de casa, em suas brincadeiras e esportes como o futebol de várzea, que na escola.

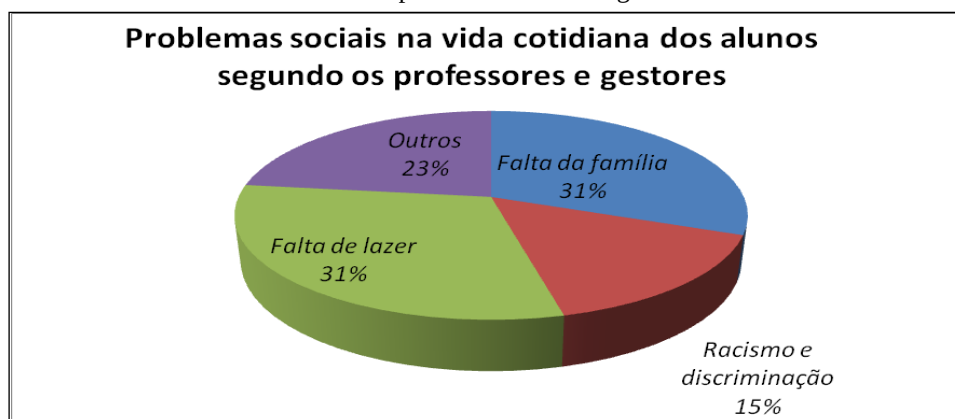
Gráfico 7: Maiores virtudes dos alunos do colégio Prof^o. Genesco Ferreira Bretas

Fonte: Filemon, 2010.

Observa-se no gráfico acima, segundo os professores, que os alunos possuem algumas virtudes. Destacam-se a humildades, a simplicidade, a alegria, e principalmente são muito esforçados na busca por educação. Percebe-se que estes alunos procuram compensar de alguma forma as deficiências ou precariedades dos estudos que tiveram anteriormente. Empenham-se mais por ainda acreditar na possibilidade de ascensão social ou mesmo na melhora de vida por meio dos estudos.

Outra virtude que se evidencia é a humildade. Eles apresentam essa virtude por serem filhos de pais que vieram do interior do estado ou mesmo de outros estados, onde os pais receberam uma educação mais rígida e tradicional e passam essa educação aos filhos. E também pela situação de subserviências que a família passa até chegar à cidade grande.

Assim, os reflexos se dão nessa postura de humildades que às vezes é bom para estabelecer um dialogo, mas, por outro lado, pode fazer com que estes alunos se acomodem e não desenvolvam a sua capacidade de criticar, de debater, de participar ativamente do processo educacional.

Gráfico 8: Problemas sociais vividos pelos alunos do colégio Prof^o. Genesco Ferreira Bretas

Fonte: Filemon, 2010.

Destaca-se que os problemas de ordem social enfrentados pelos alunos, segundo os professores, são decorrentes da situação social em que vivem – as mesmas enfrentadas por quase todos que vivem em regiões periféricas proletárias na maioria das cidades grandes brasileiras. Cita-se a falta de aparelhos sociais (praças, parques, hospitais, centros de convivências, postos policiais, centros de formação profissional, etc.), falta de infraestrutura (água tratada, esgoto, energia elétrica, asfalto, moradia, etc.), e principalmente a falta de políticas públicas voltadas para o desenvolvimento da região e de inclusão social. Essas regiões são marcadas pela segregação social e espacial, não recebendo investimentos e a atenção necessária ao seu desenvolvimento e atendimento à população por parte do governo.

Observa-se também que muitos se sentem discriminados por morarem na periferia da cidade. Recebem rótulos, como “na periferia só tem marginais, na periferia só tem traficantes, a periferia é lugar de pobres e de negros”.

Assim, há uma deturpação da realidade que causa uma baixa estima nesses alunos, que ainda sofrem com o racismo por terem a cor da pela escura. São muitos, infelizmente, que sofrem com esse problema até mesmo dentro da escola recebendo apelidos cruéis e sendo discriminados em muitas atividades pelos próprios colegas da turma.

Gráfico 9: Hábitos de lazer dos alunos do colégio Prof.^o. Genesco Ferreira Bretas



Fonte: Filemon, 2010.

Verifica-se que os alunos têm poucos hábitos de lazer, segundo os professores e gestores do colégio. Pode-se observar que a principal atividade de lazer dos alunos é o futebol. Isso se explica por ser uma prática bem acessível e muito difundida no nosso país, e na região por possuir vários campos de futebol e quadras poliesportivas, contribuindo para que o esporte, no caso, o futebol, seja a principal atividade de lazer desses alunos.

Ressalta-se que nessa região o futebol também é praticado por meninas, não sendo uma prática exclusiva dos meninos, ou seja, é praticado por todos sem distinção de gênero.

Outra atividade de lazer que os alunos mais acessam são os jogos e brincadeiras. Por serem ainda adolescentes ou pré-adolescentes eles tem a cultura dos jogos e brincadeiras, que podem ser feitos em qualquer lugar, como as ruas, as praças, os lotes baldios, dentre outros. E ainda, por não ter gastos, é muito comum nessa região ver os jovens jogando e brincando nas ruas e na porta de suas casas.

Nota-se que as possibilidades de lazer para esses jovens são reduzidas ou mesmo quase inexistentes. As atividades de lazer são construídas por eles mesmos, pois não há uma política pública voltada para o lazer desses jovens nessa região. Isso pode talvez explicar porque muitos jovens procuram a marginalidade ou mesmo o mundo da drogadição.

Em síntese, a representação dos professores sobre os alunos e a escola apresenta pequenas contradições que a modalidade de pergunta de questionário não permite desvendar. Entre essas contradições situa-se a que “enxerga o aluno humilde, mas é indisciplinado”.

Outro dado importante é a falta de conhecimento de parte dos professores do lugar em que trabalha. Ora, assim demonstra que a ação pedagógica supõe não necessitar de conhecer “as densas trajetórias sociais” dos alunos, o que parece não corresponder aos preceitos curriculares em voga. Deve-se destacar que o denominado “preconceito espacial” sobre a região noroeste de Goiânia, por se tratar de um lugar em que possui um alto índice de migrantes e de pobreza, não coaduna com a realidade apresentada pelos alunos. Há que se refazer, então, a imagem da periferia proletária. No campo educativo fica a possibilidade de se desenvolver ações otimistas e valorativas com o jovem aluno deste lugar.

2.6 A representação dos alunos do Colégio Genesco F. Bretas sobre os professores e a escola

Neste trabalho busca-se compreender também como os alunos do colégio veem seus professores além da sala de aula, como sujeitos de direitos e deveres participantes da sociedade goianiense e formadores de opinião e que papel eles tem na sociedade de modo geral e a função social da escola na formação das pessoas e da sociedade brasileira na perspectiva dos alunos.

Apresentamos em seguida o questionário que foi aplicado para dez (10) alunos que estudam no Colégio Estadual Professor Genesco Ferreira Bretas.

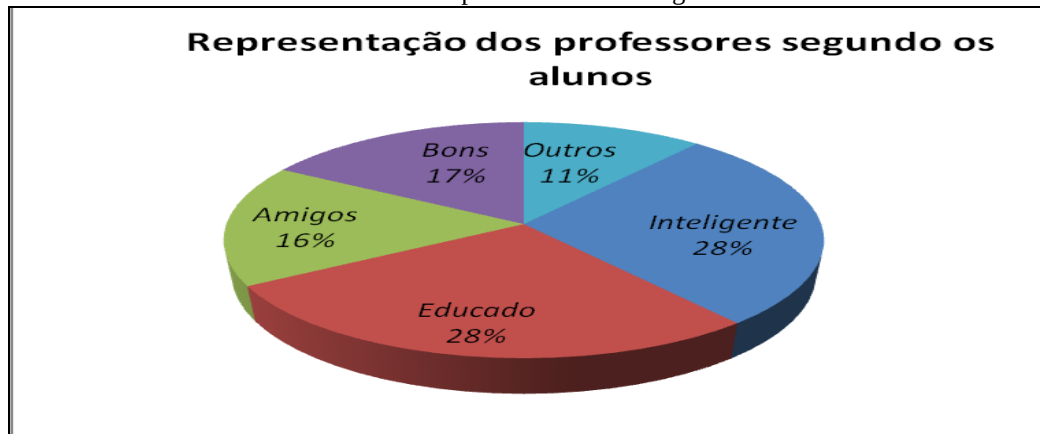
Questionário:

- 1- Qual é a representação dos professores (como você vê os professores) para você?
- 2- O que significa escola (Prof. Bretas) para você?
- 3- Quais as características marcantes da região noroeste para você?
- 4- Como vocês (os alunos) se relacionam na escola (Prof. Bretas)?
- 5- Como é a relação aluno-professor?
- 6- Como vocês (alunos) desenvolvem sua corporeidade (desenvolvimento do corpo em todas as dimensões) dentro da escola (Prof. Bretas)?

De acordo com as respostas dos alunos no questionário aplicado no colégio Professor Genesco Ferreira Bretas, com o tema: Visão dos alunos sobre os professores e a escola, apresenta-se a exposição em gráficos que ilustram as principais respostas e em seguida suas respectivas análises.

Gráficos das respostas dos alunos conforme o questionário aplicado na pesquisa:

Gráfico 10: A visão dos alunos sobre os professores do Colégio Prof^o. Genesco Ferreira Bretas



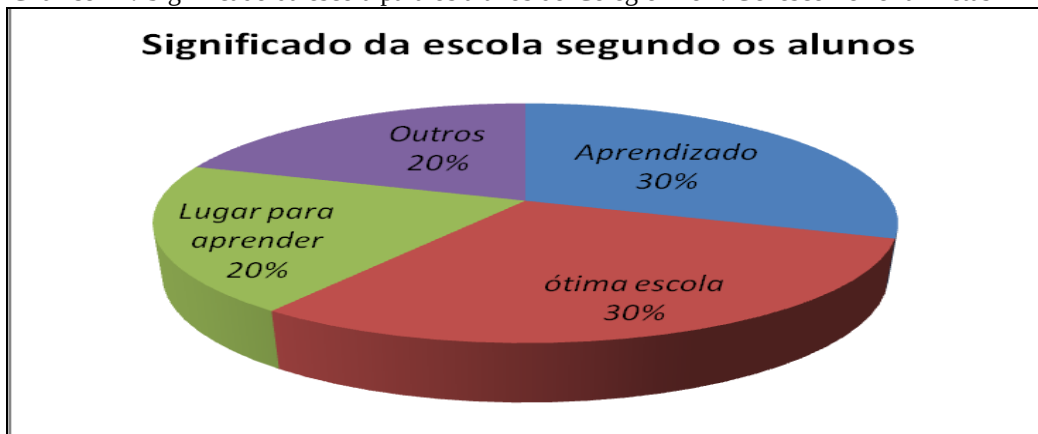
Fonte: Filemon, 2010.

Observa-se no gráfico acima que os alunos têm uma boa representação de seus professores e que estes são referências para muitos alunos. Isto pode ser notado quando se expressam que desejam seguir carreira no magistério ao se formarem.

Pode-se notar também que os professores são vistos pelos alunos como educados, inteligentes, bons e amigos. Isso mostra que eles possuem uma boa formação pessoal e que seus alunos reconhecem essas virtudes que são consequentemente incididas neles, como foi mostrado anteriormente.

Os alunos, portanto, têm uma visão boa de seus professores. Percebem que eles possuem características de bons profissionais e que os tratam muito bem, mas às vezes o tratamento não é recíproco por parte de alguns alunos e essas virtudes dos professores não refletem em boa qualidade de ensino.

Gráfico 11: Significado da escola para os alunos do Colégio Prof^o. Genesco Ferreira Bretas



Fonte: Filemon, 2010.

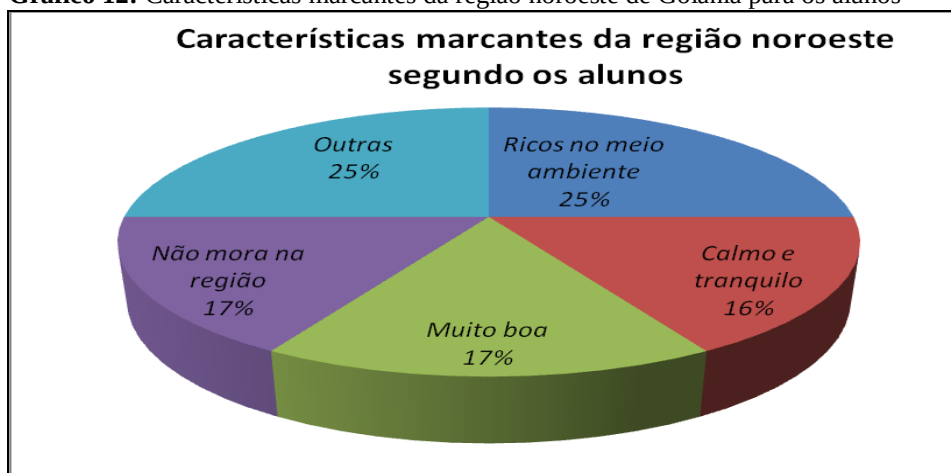
Verifica-se que os alunos possuem uma boa percepção da escola e que a escola tem um importante significado para eles. Segundo os alunos do colégio, lá é o lugar para aprender e desenvolver conhecimentos, construir cidadania, fazer amigos. O colégio é um ótimo lugar para isso acontecer.

Percebe-se que a escola ainda é o lugar privilegiado para o desenvolvimento da aprendizagem e formação das pessoas, tanto nos aspectos sociais, afetivos, cognitivos e físicos. A escola resguarda o mérito de ser o lugar para o desenvolvimento da aprendizagem. Ela faz isso muito bem, pois segundo os alunos estudar e a forma de ser alguém na vida e estudar naquele colégio é ótimo.

Isso mostra que a escola ainda tem um papel essencial na sociedade e que a educação nesse espaço possibilita o desenvolvimento da aprendizagem e a formação de pessoas, principalmente para os jovens, adolescentes e crianças.

Entretanto, na formação dos alunos o aspecto físico é ineficaz quando se fala de corpo, pois ele é visto pelos alunos apenas a partir do organismo e da motricidade. Há uma ideia reduzida do corpo.

A educação não conseguiu trabalhar o corpo e a sua relação com a cultura, com o espaço e com a história, ou seja, não conseguiu desenvolver a consciência de corporeidade dos alunos no colégio Professor Genesco Ferreira Bretas.

Gráfico 12: Características marcantes da região noroeste de Goiânia para os alunos

Fonte: Filemon, 2010.

Destacam-se pelos alunos as principais características da região noroeste de Goiânia: os riscos no meio ambiente. Esses riscos se referem aos problemas que essa região sofre constantemente, como queimadas, inundações, excesso de lixo, ocupação desordenada das margens dos córregos e das matas que ainda existem, ocupação de áreas de risco, dentre outras.

Por outro lado, muitos têm uma representação da região diferente desta exposta acima. Para estes trata-se de uma ótima região para se viver, é um lugar calmo e tranquilo, parece muito com cidades do interior, onde é comum ver as pessoas sentarem na porta da sua casa e ficar conversando por horas com seus vizinhos. Isso pode explicado por muitos terem nascidos na região, outros chegaram com pouca idade, até mesmo bebês.

Outra explicação é que muito conseguiram realizar o sonho da casa própria naquele local comprando lotes que eram a bem pouco tempo baratos e em condições facilitadas pelas imobiliárias ou mesmo ganhando do governo suas casas por morarem anteriormente em invasões de áreas públicas ou em áreas de risco de Goiânia.

E por fim existem alguns alunos (bem poucos por volta de 1%) que não moram na região e não conhecem ou não tem opinião formada sobre a mesma. Isso se dá pelo fato do colégio ser de tempo integral e muitos pais preferirem deixar seus filhos o dia todo na escola, recebendo três alimentações e em um lugar seguro ao deixá-los em casa, correndo risco de serem alvo dos traficantes e assaltante da região.

Dessa forma há uma grande procura por esse modelo de escola na cidade, até mesmo por pais de outras regiões de Goiânia.

Gráfico 13: Relação aluno-aluno no Colégio Prof^o. Genesco Ferreira Bretas

Fonte: Filemon, 2010.

Percebe-se que a relação existente entre os alunos do colégio, segundo os próprios alunos, é muito boa. Eles são bem próximos uns dos outros, e isso é evidenciado quando relatam que seus melhores amigos são do colégio, e ainda é interessante manifestar que muitos são amigos antes mesmos de estudarem juntos no colégio.

Outra possibilidade de explicação para essa boa relação é o fato de muitos serem vizinhos ou morarem na mesma rua ou bairro.

Em contrapartida, uma parcela significativa de alunos relata que são tratados de forma desrespeitosa por seus colegas e que às vezes chegam a sofrer agressões. Pode-se notar que muitos alunos não se relacionam bem com seus colegas e às vezes são até discriminados pelos mesmos.

Gráfico 14: Relação aluno-professor segundo os alunos do colégio Prof^o. Genesco Ferreira Bretas

Fonte: Filemon, 2010.

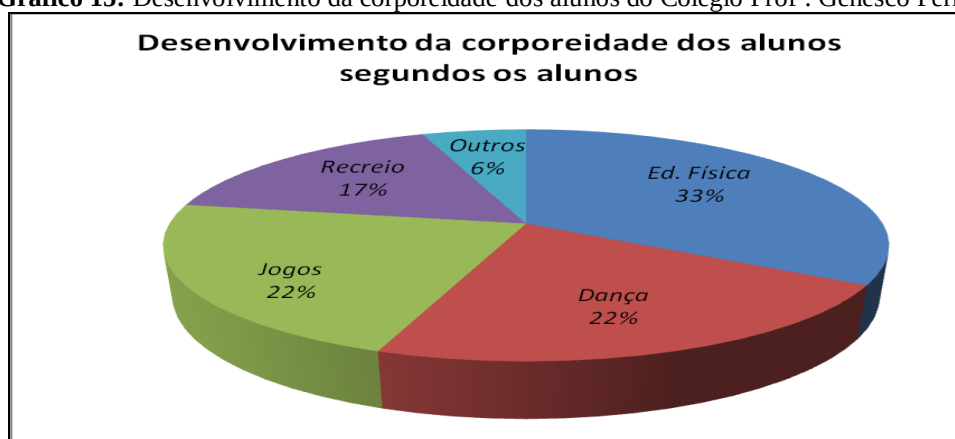
Observa-se no gráfico que a relação entre alunos e professores do colégio, segundo a metade dos alunos pesquisados, é muito ruim e desrespeitosa. Eles relatam que

muitos professores os tratam com pouco caso – não dão atenção necessária, gritam com eles e até os ofendem com palavras de baixo calão.

Entretanto, muitos alunos também dizem que alguns alunos tratam os professores de forma desrespeitosa, são sem educação, falam mal dos professores e até os ameaçam de agressão.

Observa-se também que muitos alunos, cerca de 40% dos alunos pesquisados, responderam que tem uma boa relação com seus professores e que essa relação é recíproca e baseada pelo respeito mútuo, diálogo e carinho entre eles.

Gráfico 15: Desenvolvimento da corporeidade dos alunos do Colégio Profº. Genesco Ferreeira Bretas



Fonte: Filemon, 2010.

Destacam-se pelos alunos do colégio que o desenvolvimento da sua corporeidade se dá principalmente nas aulas de educação física, pois eles têm mais oportunidades de trabalhar com seus corpos. Isso é demonstrado pelos alunos por meio de atividades que são feitas nas aulas – jogando, brincando, praticando esportes, fazendo ginástica ou mesmo participando de lutas, tudo isto sob a orientação do professor de educação física do colégio.

Outro elemento importante no desenvolvimento da corporeidade relatado pelos alunos é a dança. Segundo os alunos, a dança acontece sempre nos intervalos de aula e no recreio, e em outros momentos por grupos de dança que existem no colégio.

Os jogos são outro elemento meritório no desenvolvimento da corporeidade dos alunos. Ocorrem sempre nas aulas de educação física e no recreio. Há também os jogos organizados pelo colégio e pela secretaria de educação, como as gincanas, os interclasse e intercolegial.

Observa-se também que o recreio é sem dúvida outra ocorrência que contribui muito no desenvolvimento da corporeidade. Visto que é no recreio que os alunos se

relacionam com alunos de outras salas. Brincam, dançam, jogam sem interferência dos professores, ficando livres para trabalhar seus corpos e sua corporeidade, da forma que eles acham melhor. Dessa maneira possibilita um desenvolvimento mais equilibrado, onde corpo, sentimentos, afetos e a forma de lidar com isso se encontram e se fundem desenvolvendo sua corporeidade.

Há uma demonstração que o aluno enxerga o corpo apenas em atividades físicas. Ou seja, o aluno não vê a atividade do pensamento, da imaginação, da percepção como sendo o corpo responsável por isso. Há uma concepção dualista de corpo, próprio da cultura cristã ocidental.

CAPÍTULO III

TRAJETÓRIAS SOCIOESPACIAIS DE ALUNOS DA REGIÃO NOROESTE DE GOIÂNIA: HISTÓRIAS DE VIDA, HISTÓRIAS DO CORPO

Neste capítulo abordam-se as trajetórias socioespaciais de jovens alunos. Essas trajetórias serão registradas por meio de suas histórias de vida. Tomar-se-á como pressuposto: a história de vida de um sujeito, em um mesmo processo, possui ligação com o espaço e expressa a construção da corporeidade desse sujeito. Também será discutido o conceito “trajetória socioespacial”. Apresentar-se-á a pesquisa de campo e toda metodologia utilizada, bem como os critérios de escolha dos entrevistados e, por fim, os resultados encontrados com interpretação sobre eles.

Assim, nesse tópico mostram-se as narrativas de histórias de vida dos sujeitos que vivem e estudam na região noroeste de Goiânia, como também suas trajetórias socioespaciais. Buscamos compreender, neste capítulo, os aspectos sociais, subjetivos e relacionais do jovem aluno de uma região periférica de uma metrópole regional como é o caso da Região noroeste de Goiânia.

Percebe-se que esses aspectos estão presentes na construção da corporeidade de jovens dessa mesma região, por isso será estabelecida a relação entre vida do jovem aluno e o lugar. Questões relacionadas à cultura juvenil e sua relação com a educação serão problematizadas.

Para a concretização dos objetivos os relatos dos sujeitos entrevistados foram divididos em dois momentos distintos, sendo no primeiro apresentadas as entrevistas, ou seja, as narrativas de vida dos sujeitos pesquisados, contextualizando-as com as discussões sobre cultura juvenil e trajetórias socioespaciais, etc.; e, no segundo, os relatos de vida em forma de redações escritas pelos sujeitos pesquisados. As redações foram feitas livremente sem nenhuma sugestão. A seleção das entrevistas foi aleatória e o tema único para todos – “a sua história de vida”.

O caminho metodológico foi seguido com o plano lógico mediante análise e interpretação desses relatos, tendo sempre o cuidado de não interferir no resultado final da pesquisa. Acredita-se que a história de vida é capaz de capturar o acontecido e o que pode acontecer nas relações e interações sociais e individuais do jovem aluno, o lugar e a escola.

Por fim, serão descritos e analisados anotações do caderno do campo. Em forma de observação participante procurou-se aproximar dos jovens alunos de maneira que fosse capaz de capturar informações sutis de seu mundo, especialmente dos assuntos que lhes mais tocam e do modo como reagem diante dos acontecimentos que os cercam.

3.1 Os estudos geográficos das trajetórias socioespaciais

Para entender os posicionamentos por parte dos sujeitos (pessoas) é de suma importância compreender sua trajetória de vida. Entretanto, deve-se alertar que a esse respeito, como salienta De Certeau (1984: xi), cada indivíduo deve ser entendido como “um lócus no qual uma incoerente e frequentemente contraditória pluralidade de determinações relacionais interagem”.

Esse mundo de informações díspares, múltiplas, recorrentes que se atualizam a cada dia não pode ser absolutizado, uma vez que se trata apenas de um modo de um sujeito ver a si mesmo. E essa representação, além das defesas de sua individualidade ou das táticas de edificação de sua identidade, pode ter lacunas da memória, ou ocasionadas pelo momento ou pela situação em que é narrada.

Proporcionando maiores esclarecimentos sobre essa afirmação de De Certeau, o autor francês Bourdieu (1996, p.182), que faz crítica às metodologias que tratam de narrativas de histórias de vida, pondera sobre esse tipo de procedimento afirmando que pode esbarrar no que chamou de “ilusão bibliográfica”. Para Bourdieu, os pesquisadores que usam essa metodologia geralmente partem de uma noção de identidade “entendida como constância a si mesmo de um ser responsável, ou seja, previsível ou pelo menos que se entende”, contrapondo ao sujeito fragmentado, múltiplo da realidade.

Dessa forma, Bourdieu (1996, p.186) nos dá um bom exemplo ao mostrar que as trajetórias são “uma série de posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente ou mesmo grupo, em um espaço dele próprio em devir e submetido a transformações constantes”.

Ao seguir esse raciocínio, pode-se entender a vida como um caminho, um percurso ou mesmo como um curso dotado de sentidos que comportam etapas tendo sempre um começo, um meio e um rumo numa constante sucessão de fatos e acontecimentos, numa profusão de possibilidades, de tentativas, de condicionamentos e de surpresas bem como projetos e ações. Mas convém compreender que esses caminhos não são desprovidos de significados por quem o viveu e o disse.

Percebe-se que estes autores - Bourdieu e Certeau - mencionam o espaço como um elemento figurativo que compõe as trajetórias; que o espaço apesar de conter certo sentido nos percursos de cada indivíduo se perde na multiplicidade e amplitude de uma trajetória de vida.

Segundo Certeau (1994), a trajetória é marcada por um movimento temporal no espaço, a unidade de sucessivos “pontos” percorridos, compreendidos como a casa, a escola, a rua, as praças, ou seja, todos os ambientes frequentados. A trajetória é delineada por seus agentes sociais em questão. Portanto, os jovens da região noroeste de Goiânia traçam perspectivas de vida, sonhos, visões de mundo, esperanças e desesperanças.

Por meio dos autores mencionados, mas valendo-se de outras contribuições, como Santos (2000) e Cirqueira (2008), as intenções desse estudo sobre trajetórias socioespaciais e história de vida é a de tentar compreender e traçar os trajetos, os percursos, enfim os caminhos feitos e seus significados pelos sujeitos desta pesquisa. E esmiuçando mais esta explicação, como os jovens da região noroeste de Goiânia percebem a representação do olhar a si mesmos/as e aos/às outros/as. E isso não pode colocar o espaço apenas como figuração. Pelo contrário: viver é experimentar o espaço a partir das possibilidades e das condições sociais de cada indivíduo que, por sua vez, se organiza em grupo por afinidade de renda, classe social, divisão social do trabalho etc.

As trajetórias socioespaciais demonstram, assim, as histórias de vida dos jovens que vivem e estudam na região noroeste de Goiânia, abarcando as dificuldades socioeconômicas, a luta pela sobrevivência, pela moradia, por emprego, por lazer e os deslocamentos espaciais realizados. E sua vida é condicionada pelo lugar em que vive na mesma medida que a espacialidade de suas práticas cotidianas são variáveis que constroem os lugares, lhes dão significados.

Dessa maneira, é importante compreender, inicialmente, a relação que existe entre espaço e tempo, que pressupõe que as pessoas avançam sempre por um enorme repertório de lugares no decorrer de suas vidas os quais apresentam significados e experiências históricas. Quando se fala, por exemplo, em jovem aluno, cultura juvenil, dificuldade da escola em lidar com a cultura juvenil, dificuldades dos jovens em lidar com a escola etc, está se colocando no pleito da análise a situação histórica desses fenômenos concretizada no espaço em que se dá.

Nesse sentido, Souza (2007, p.50), fundamentada em Certeau, ressalta que as trajetórias evocam um movimento temporal no espaço. Esse pressuposto permite afirmar que os lugares são definidores das trajetórias das/os estudantes da região noroeste de Goiânia.

Como ficou registrado anteriormente, a região noroeste de Goiânia possui uma história peculiar no conjunto da metropolização de Goiânia.

Outro aspecto importante que marca a trajetória socioespacial é a história de vida das pessoas, suas experiências dentro de uma temporalidade e espacialidade, que não se apresentam de forma linear ou continua. O espaço se faz muito importante na medida em que as experiências acontecem em algum lugar, ou seja, esses lugares demarcam momentos e limites dessas trajetórias. Atuam também como referência simbólica e experimental para os indivíduos.

Como bem observa Massey (2008, p. 29), “o espaço como a esfera da possibilidade da existência da multiplicidade, no sentido da pluralidade contemporânea, como a esfera nas quais distintas trajetórias coexistem”, o espaço está sempre em construção; ele é produto das inter-relações e das intersecções entre variáveis externas e internas (SANTOS, 2000). Assim, é importante destacar o papel do sujeito na relação entre o lugar e a materialidade espacial, pois ele faz parte da constituição do lugar num processo de ação contínua, de ligação com o subjetivo, com o cultural, com o econômico e com o político. Ou seja, o lugar não está apenas nos “objetos”, mas na ação vivência-significação desenvolvida pelo sujeito.

Constata-se, por isso, que um sujeito mesmo que compartilhe um lugar ou uma espacialidade apresentará sempre uma forma única, própria, subjetiva de se relacionar com este lugar. Outro ponto importante é a intensidade e a qualidade das vivências do sujeito no espaço, fatores que fortalecem a constituição dos lugares.

Apesar de o lugar ser constituído a partir do indivíduo e de sua inserção social, incluindo o seu modo de significá-lo, deve-se fazer algumas ressalvas. Os lugares que conhecemos e gostamos são todos lugares únicos e suas particularidades são determinadas por suas paisagens e espaços individuais, e assim por nosso cuidado e responsabilidade, ou ainda, pelo nosso gosto ou desgosto por eles.

Então os lugares apresentam um significado importante para nós e são os centros desencadeadores de todo o processo de vida de um sujeito, a partir dos quais pode representar a si mesmo e o mundo.

Desse modo, para compreender as trajetórias socioespaciais deve-se construir os estados sucessivos do campo dentro do qual elas se desenvolvem; os vários lugares e experiências pelas quais as pessoas vivenciam, unindo o individual ao social, cujas vivências se desenvolvem no mesmo campo e no mesmo conjunto de possibilidades.

Destaca-se outro fator que interfere nas experiências dos indivíduos no lugar e que marca significativamente essa ação – o corpo. Este é, sem dúvida, produtor do espaço. Como nos diz Maia:

É através de seu corpo, de seus sentidos que ele [o ser humano] constrói e se apropria do espaço e do mundo. O lugar é a porção do espaço apropriável para a vida – apropriada através do corpo – dos sentidos (...). A tríade cidadão-identidade-lugar aponta a necessidade de considerar o corpo, pois é através dele que o homem habita e se apropria do espaço (através dos modos de uso). A nossa existência tem uma corporeidade, pois agimos através do corpo (...). Modos de aproximação da realidade, produto modificado pela experiência do meio, da relação com o mundo, relação múltipla de sensação e de ação, mas também de desejo e, por consequência, de identificação com a projeção sobre o outro (MAIA, 1996, p. 20).

Dessa maneira, acredita-se que o processo de construção da corporeidade influencia na constituição dos lugares que definem as trajetórias socioespaciais, uma vez que é aí onde o corpo do jovem está e é percebido/percebe, é significado/significa e é colocado em encontro/confronto que as suas representações e a sua vida são edificadas. Segundo Le Breton (2003, p. 190), “a cada instante, o indivíduo interpreta seu meio por meio de seu corpo e age sobre ela de acordo com as orientações provenientes de sua educação ou de seus hábitos”.

Em linhas gerais, é no Lugar que se convergem as experiências e vivências determinadas pelo corpo e atuam como fator influenciador na constituição das trajetórias socioespaciais desses jovens que vivem e moram na região noroeste de Goiânia.

Em suas trajetórias os jovens alunos percorrem os mais variados caminhos socioespaciais, mas vão para a mesma direção em grupos ou individualmente por alguns fatores relacionados à sua vida. No caso das/os estudantes jovens da região noroeste de Goiânia isso é marcado pelas relações étnicas, socioeconômicas, culturais, educação, expectativas de vida, ligação com a família, migração etc.

Apesar desses jovens vivenciarem o lugar de forma diferenciada, há uma unidade na experiência grupal destes/as no espaço. Essa unidade é a cultura juvenil própria de um mundo urbano, própria do espaço metropolitano. Essa cultura não se situa apenas em gostos, em modos de falar ou em relações fortuitas. É, de fato, parte considerável do que esse jovem aluno é junto ao que ele faz com a sua vida e o sentido que ele dá à escola e à educação.

Longe de ser algo apenas do jovem aluno, a cultura juvenil é parte importante da sociedade capitalista com características urbanas. Por este motivo, pode-se indagar o que essa sociedade de aceleradas mudanças nos últimos anos reserva aos jovens da periferia proletárias das metrópoles?

No caso específico dessa pesquisa, a pergunta é: como as trajetórias socioespaciais desses jovens são limitadas por processos sociais complexos que se alteram conforme os espaços, tempos e contextos políticos em que estão inseridos? Percebe-se que os diferentes segmentos juvenis explicitam demandas e constroem caminhos diferenciados em suas vidas. Sendo assim, a categoria “jovem” e “juventude” não são homogêneas.

3.2 Os sujeitos e suas histórias de vida

Neste trabalho foram pesquisados duzentos e trinta e dois (232) jovens, sendo sessenta e dois (62) jovens diretamente inquiridos. Foram analisados cento e setenta (170) textos de histórias de vida de jovens que vivem, moram e estudam na região noroeste de Goiânia. Foram selecionados vinte (20) entrevistados e oito (08) redações sobre história de vida.

Essa escolha foi feita primando pelos aspectos que julgamos serem importantes no desenvolvimento da pesquisa, como: faixa etária, tempo de moradia, gênero, percepções e representações dos lugares que frequentam, o que fazem nos momentos de lazer e a sua proximidade com a cultura juvenil metropolitana.

Compreende-se que a história de vida é um elemento importante na interpretação qualitativa das subjetividades e simbolismos presentes na vida dos jovens. Assim é possível captar pela história de vida os percursos vividos pelos indivíduos e como eles interagem socialmente, como também compreender aspectos ligados a existência da cultura juvenil e seus modos de vida na região noroeste de Goiânia.

Os aspectos da cultura são apresentados, no ato da investigação, por meio da entrevista. Outro método importante usado nesta pesquisa foi a observação sistemática, usada para se obter dados ou informações de determinados aspectos da realidade. De modo que foram feitas observações no contexto social em que se encontram esses jovens, registrando suas vivências que caracterizam suas identidades dentro da cultura juvenil.

Abaixo seguem as entrevistas dos jovens alunos da região noroeste de Goiânia:

3.2.1 IHS

Meu nome é I. H. S, tenho 14 anos, faço o 9º ano do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Professor Genesco Ferreira Bretas, nasci em Goiânia, moro aqui no setor (Recanto do Bosque), antes morei em Abadiânia, Morada do sol e no Urias Magalhães,

estudei antes no Colégio Pequeno Aprendiz e na Escola municipal Recanto do Bosque moro com meu pai ele se chama J. A. S. J e minha mãe ela se chama E. S. S, meu pai é açougueiro, minha mãe é costureira, gosto de jogar bola, vou à lan house, principalmente para jogar vídeo game, às vezes pesquisar trabalho de escola, brinco na rua de casa de soltar pipa, jogar bola, e nos finais de semana saio para dançar na casa de colegas ou festas, vou ao cinema, na feira lá é onde todo mundo se encontra, na pracinha aqui do setor, gosto muito de andar de skate lá no terminal de ônibus. O que mais gosto no meu setor é a praça, a escola e o terminal de ônibus. Aqui no setor falta lazer, circo, posto de saúde, aqui é muito violento tem muito “mala”. O que mais gosto na escola é do lanche, da educação física e de ciências, e não gosto das aulas de matemática. Quero me formar e ser advogado ou juiz. O que eu faço para cuidar do meu corpo é Educação Física na escola e andar de skate, jogar bola. Acho que é isso. Na escola a gente quase não faz nada fora da sala, só na aula de educação física, e agora não está tendo professor, estamos sem aula. O lugar que a galera mais se encontra é com certeza a feira, a praça e o colégio.

3.2.2 M. A. F. P

Eu me chamo M. A. F. P, tenho 15 anos, estou no 9º ano do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Genesco Ferreira Bretas, nasci em Goiânia, fui criada pela minha mãe, com ajuda de minha avó e minhas tias, não conheci meu pai, minha mãe se chama L. F. P, ela é diarista, tenho dois irmãos, um de 23 anos e outro de 12 anos, moro aqui no Recanto do Bosque há 13 anos, mas antes morei no Jardim Balneário Meia Ponte, já estudei em muitas escolas, uma dela foi o Colégio Marcos Antônio, lá comecei a estudar tinha 6 anos, eu odiava aquela escola, estudei lá um ano, depois fui para a Escola Municipal Recanto do Bosque, gostei muito da escola fiz muitos amigos que até hoje estudam comigo, lá estudei 6 anos, depois fui para a Escola Cenecista no Balneário Meia Ponte, lá foi bonzinho, posso dizer que até gostei. No ano passado (2009), inaugurou essa escola, no bairro onde moro e minha mãe conseguiu uma vaga para mim. Entro na escola 7 horas da manhã e saio às 5 horas da tarde eu amo estudar o dia inteiro. Nos meus momentos de lazer, gosto de conversar na porta de casa, andar de bicicleta, ir à feirinha (é bom de mais, comer pastel...), vou ao cinema de vez enquanto, ir à igreja, na praça, jogar bola. O que mais gosto na minha região, é das pessoas, o que não gosto é da violência e das drogas, aqui tem muito isso. O que mais gosto na escola, é dos professores, das aulas e do lanche. Quero ser no futuro cantora ou professora de matemática. O que faço para melhorar meu corpo é educação física na escola, andar de

bicicleta e comer na hora certa. O lugar onde os jovens se encontram é a feira e na escola, na feira a gente fica mais a vontade, dá até para namorar, vê as meninas e conversamos muito entre nós, já na escola não tem tanta liberdade, mas conversamos muito também.

3.2.3 M. R. S

Eu me chamo M. R. S, tenho 14 anos faço o 9º ano do Ensino Fundamental no Colégio Professor Genesco Ferreira Bretas, moro no Setor Recanto do Bosque, mas antes morei no Setor Finsocial, no fundo da casa da minha avó, meus pais são da Bahia, eles vieram para Brasília, onde meu irmão mais velho nasceu depois eles vieram para Goiânia, meu irmão chama L. aqui eles foram morar na casa da minha avó, aí nasceu minha irmã, ela se chama L., meu pai é autônomo, ele se chama N. J. S, e minha mãe é manicure, ela se chama G. R. O. S, mas no memento não trabalha, meu pai separou da minha mãe, quando estavam construindo no lote aqui no Recanto, aí eu fui morar com minha avó e estudei no colégio Finsocial, depois meu pai voltou com minha mãe e agora estudo nesse colégio (Prof. Genesco). Nos meus momentos de lazer eu adoro jogar bola na rua de casa e no campinho, gosto muito de assistir televisão, também gosto de andar de bicicleta, também gosto de estudar, tenho só nota boa, vou a igreja (igreja de Cristo), vou ao clube (clube do povo no Finsocial). Aqui no setor não tem nada de bom prá jovem. Aqui tem muito bandido, falta posto de saúde. O que mais gosto na escola é das aulas de informática, da educação física, das aulas de arte, do recreio e das aulas de matemática. O que não gosto é das aulas de português. Quando me formar quero ser Engenheiro Civil. O que eu faço para melhorar meu corpo é educação física na escola e jogar bola, o lugar que encontro com meus amigos é sempre na feira e na pracinha.

3.2.4 M. B. S

Meu nome é M. B. S, tenho 14 anos, estudo no Colégio Estadual Geneco Ferreira Bretas, estou cursando o 9º ano do Ensino Fundamental, minha escola é de tempo integral, entro as 07h00min e vou embora só as 17:00, moro aqui no Setor Recanto do Bosque, mas antes morei no Urias Magalhães, nasci em Goiânia, meu pai V. A. B é de Rubiataba, ele é lanterneiro de carro, minha mãe M. R. S é dona de casa. Antes de estudar aqui no Genesco estudei no Colégio Pequeno Aprendiz, depois fui para o Projeto Didático e agora estudo aqui (Col. Genesco). O que mais gosto de fazer quando estou de folga é jogar

bola na rua e na quadra que tem aqui no setor (Recanto do Bosque), andar de bicicleta pela nossa região, jogar vídeo game mexer no computador (internet e jogos), às vezes fico muito tempo no computador, ir à feira (comer pastel, ver as meninas e encontrar com os amigos), vou ao cinema, a igreja (evangélica), ao Shopping Araguaia. O que eu mais gosto no meu setor e da quadra de esportes e da praça, e lá que encontro meus amigos e nos divertimos. O que não gosta aqui no setor é do barulho, aqui tem muito som de carro e das casas, faz muito barulho. Na escola o que eu mais gosto é jogar bola nas aulas de educação física, e não gosto das aulas de português e história. Quando crescer e me formar, quero ser vendedor de autopeças, ou ser jogador de futebol. O que eu mais faço para melhorar meu corpo é jogar bola e andar de bicicleta. O lugar que eu encontro meus amigos é na feira e na pracinha do setor.

3.2.5 J. M. I. L

Eu me chamo J. M. I. L tenho 11 anos, estou no 6º ano do Ensino Fundamental do Colégio Estadual Professor Genesco Ferreira Bretas, nasci em Goiânia, meu pai é policial militar, ele se chama C. P. L, minha mãe se chama M. C. I. L, ela é costureira, antes de morar aqui no Recanto do Bosque, eu morei no setor Norte Ferroviário, perto da rodoviária, quando comecei a estudar sofri muito por ser muito magra, eu tinha vergonha, e era até humilhada pelas minhas colegas, daí meus pais me tiraram dessa escola e me trouxeram para este colégio (Prof. Genesco). Nos meus momentos de lazer gosto muito de assistir televisão, gosto um pouco de estudar, computador, vou a feira (toda quinta-feira), gosto de ir a igreja (Assembleia de Deus), a sorveteria, de viajar, ir ao Shopping (Portal Shopping e Araguaia Shopping). O que eu mais gosto no meu setor é da minha casa e da escola. E o que eu não gosto no setor é da falta de asfalto em algumas ruas, falta de mais praças, falta de creche e de um clube. Na escola o que eu mais gosto, são dos professores e do ensino, e o que eu não gosto, são as brigas que acontecem todo dia na porta da escola e no pátio da escola. Quando me formar eu quero ser uma empresária do ramo da moda. O que eu faço para cuidar do meu corpo é relaxamento e educação física. O lugar que eu mais encontro com minhas amigas é na sorveteria, na feira, na praça e na igreja. Adoro ficar conversando com minhas amigas elas são de mais.

3.2.6 T. C. L

Eu me chamo T. C. L, tenho 14 anos, moro no Setor Recanto do Bosque há oito anos, antes morei em Porangatu, onde nasci, meu pai é motorista de caminhão ele se chama S. P. L, e minha mãe é dona de casa, ela se chama R. C. S. Antes de estudar aqui no colégio Professor Genesco Ferreira Bretas, eu estudei no colégio Pequeno Aprendiz, depois no colégio Bom Jesus, não gostei desse colégio, não fazia nada, agora estou aqui no Genesco fazendo o 9º ano do Ensino Fundamental, aqui é muito bom, fico aqui o dia inteiro. Nos meus momentos de lazer gosto de jogar bola, sou bom goleiro, gosto de computador (fico muito tempo às vezes no computador), gosto de andar de bicicleta pelo setor, jogar vídeo game, ir ao Shopping (gosto do Flamboyant), ir ao cinema, ao estádio Serra Dourada, ir à igreja (de Cristo), ir à praça e na feira. O que mais gosto no setor é da praça é lá que encontro meus amigos, conversamos, brincamos e olhamos as meninas. O que não gosto no setor é a violência, aqui tem muita confusão. Na escola o que eu mais gosto, é de jogar bola e das aulas de educação física, e o que eu não gosto, das aulas de matemática. Penso que, quando eu crescer, vou me formar ser advogado, ou jogador de futebol, quero ser goleiro. Aqui no setor o lugar que nos jovens nos encontramos com mais frequência, a praça e a feira.

3.2.7 D. V. S

Meu nome é D. V. S, tenho 16 anos, estou no 2º ano do Ensino Médio, moro no setor Alto do Vale há oito anos, mas já morei no Jardim Balneário Meia Ponte e em Nova Veneza. Meu pai (padrasto) é de Formigas - Minas Gerais, ele é funcionário público, seu nome é J. N. M, Minha mãe é daqui de Goiânia, ela é auxiliar de costura, seu nome é V. V. F, moramos em casa própria, eu trabalho como auxiliar administrativo. Nos meus momentos de lazer, gosto de jogar bola no campo perto de casa, assistir TV, ir à lan house, gosto de ler gibi, gosto de festas, boate, Shopping (Flamboyant), ir ao estádio de futebol. Na escola o que é bom, são as amigas e o ensino, e o que eu não gosto no colégio é a rigidez das regras. Na nossa região não tem muita coisa boa para jovens, aqui tem muita violência, drogas, bandidagem. Estou estudando para ser advogado ou juiz de direito. O que eu faço para cuidar do meu corpo é me alimentar bem, fazer educação física e jogar bola, jogo bola o dia todo sozinho e com meus amigos. O lugar que os jovens se encontram aqui no setor, é a praça, os bares e a feira.

3.2.8 C. D. S. S

Meu nome é C. D. S. S, tenho 17 anos, estou cursando o 2º ano do Ensino Médio, aqui no colégio Genesco Ferreira Bretas, moro com meus pais, minha mãe se chama M. C. S. S, trabalha de domestica, meu pai se chama F. S. S, ele trabalha de pedreiro, moramos aqui no Recanto do Bosque, mas antes moramos no Setor Estrela Dalva, e no Ceara em Juazeiro, onde eu nasci e toda minha família. Viemos para cá em busca de melhores condições de vida, lá em Juazeiro quase não tinha emprego para as pessoas, lá era ruim. Aqui é muito bom, gosto de viver aqui em Goiás. O que eu mais gosto de fazer nos meus momentos de lazer, é assistir TV, ficar no computador (internet, bate-papo, pesquisa, emails, etc.), conversar na porta de casa com minhas amigas, brincar com meus irmãos mais novos, ir ao Shopping (Flamboyant), namorar, ir à feira, a praça, ao clube (Goiânia Park). Também trabalho em casa como cabeleireira, ajudo a cuidar da casa, lavar roupa, etc. O que mais gosto na escola, dos professores, do ensino, do ambiente e do respeito entre as pessoas. O que não é legal aqui na escola, é o horário, muita aula, todos os dias têm 6ª aula. Na região e no nosso setor o que mais atrai os jovens é a feira, é o que eu mais gosto também, e o que eu não gosto, acho que nada, aqui tudo é bom, tem problema como em todo lugar tem. Quero me formar em administração e ser cabeleireira profissional. O que faço para cuidar do corpo é me alimentar bem e na hora certa, às vezes caminhada na praça.

3.2.9 M. V. S

Meu nome é M. V. S, tenho 13 anos, nasci em Brasília no Distrito Federal, aos dois anos de idade mudei para Goiânia, fui morar no setor Urias Magalhães, nesse período minha mãe separou do meu pai, que bebia muito e batia na minha mãe e não gostava de mim, e também descobriu que eu tinha um problema sério de saúde, eu tenho “distrofia com gênese”, uma doença que me impossibilitou de andar, hoje sou cadeirante, assim minha mãe me matriculou na Fundação Pestalozzi de Goiânia, fiquei lá por muito tempo, agora estou indo toda semana no CRER, para me tratar. Moro aqui no Recanto do Bosque há dois anos, mas antes morei em Brasília-DF. e no setor Urias Magalhães aqui em Goiânia, moro com minha mãe, meus irmãos e meu padrasto, minha mãe se chama J. R. S, ela trabalha numa indústria de alimentos, meu padrasto se chama C.S, ele é servente de pedreiro, o que mais gosto de fazer nos meus momentos de lazer é ver televisão, estudar ir ao clube, ir à igreja (videira) e passear. Estudo aqui no colégio Genesco F. Bretas há dois anos, faço o 8º ano do

Ensino Fundamental, entro às 07h00min e vou embora às 17h00min. Na nossa região o que mais gosto é da quadra de esportes, da escola e do parque. E o que eu não gosto aqui são os bandidos e malas que são muitos. Na escola eu gosto de tudo é a melhor escola que já estudei, só não gosto de alguns professores que são chatos. Aqui no nosso setor falta ônibus, tem, mas são poucos nós espera muito tempo por um ônibus, asfalto ainda tem muitas ruas sem asfalto. O lugar onde tem mais jovens é a feira, a praça, a igreja, acho que são estes os locais onde os jovens mais se encontram, além dos bares e sorveteria. Penso que vou ser técnico em informática ou engenheiro de computador. O que faço para melhorar meu corpo são alongamentos nas aulas de educação física e também no tratamento no CRER, melhora muito meu corpo com alongamentos.

3.2.10 R. F. C

Eu me chamo R. F. C, tenho 13 anos, moro no setor Parque Tremendão há nove anos, mas antes morei no setor Jardim Balneário Meia Ponte, moro com meus pais, estudo no Colégio Estadual Professor Genesco Ferreira, onde faço o 8º ano do Ensino Fundamental, essa escola é de tempo integral, onde nós entramos às 07 horas da manhã e saímos às 17 horas da tarde. Meu pai se chama E. O. C, ele trabalha em uma transportadora, onde ele é motorista, ele veio da Bahia para trabalhar aqui em Goiânia, conheceu minha mãe, namoraram e se casaram, minha mãe se chama C. F. B, ela é dona de casa, as coisas que eu, mas gosto de fazer nos meus momentos de lazer é jogar bola (eu adoro jogar bola), dormir, assistir televisão, mexer no computador, brincar na rua de casa, estudar, ir ao cinema, a feira, a sorveteria e a festas. Na escola o que eu mais gosto são os amigos que tenho das aulas e dos professores. O que não gosto na escola é a quadra que não tem cobertura, quando não tem sol, tem chuva. Aqui na nossa região o que eu mais gosto é do comércio, aqui tem tudo que a gente precisa, e o que eu não gosto são os ladrões e do mato alto nos lotes e nas ruas, deixa o setor muito feio. O lugar onde os jovens mais se encontram é a feira e a pracinha do setor. Quero ser jogadora de futebol profissional ou engenheira civil. O que faço para melhorar e cuidar do meu corpo são educação física na escola e jogar bola na rua e às vezes no campo.

3.2.11 Y. S. A

Eu me chamo Y. S. A, tenho 14 anos, estudo no Colégio Estadual Professor Genesco Ferreira Bretas, faço o 8º ano do Ensino Fundamental, moro no setor Brisas da Mata,

há mais de 9 anos, antes não me lembro onde morei, moro com minha mãe, ela é separada do meu pai, desde quando eu tinha 10 meses de vida, ele arrumou outra mulher e foi viver com ela, minha mãe se chama M. L. S, ela é diarista, veio do Paraná para Goiânia há muito tempo, conheceu meu pai se casaram, mas depois meu pai saiu de casa, assim só tenho minha mãe. Conheço meu pai, mas ele não gosta de mim, não me liga, não escreve, às vezes eu ligo peço a ele dinheiro por que às vezes falta, ele não me dá e ainda me xinga. Não tenho mais avós, nem parentes aqui em Goiânia. Nos meus momentos de lazer eu gosto de passear, principalmente ir ao Shopping Center, ir ao cinema, ir a clubes, assistir televisão, brincar e bater papo no computador, andar de bicicleta, brincar na rua com meus amigos, ir à praça, ir à feira e também viajar. Na região o que mais gosto, são as pizzarias, as lanchonetes, a feira e o colégio. E o que eu não gosto é a falta de lugar para nós jovens nos divertir, falta de escolas e de praças. No Colégio Genesco o que mais gosto, é os professores, meus amigos e da estrutura do colégio. E o que eu não gosto no colégio é a falta de cobertura na quadra de esportes, não poder sair da sala nos intervalos de aula, da bagunça que às vezes passa do limite e das oficinas. O que pretendo ser quando me formar, ainda estou em dúvida, mas deve ser entre ser médica ou advogada. O que faço para cuidar e melhorar meu corpo são participar das aulas de educação física, andar de bicicleta e me alimentar bem e na hora certa.

3.2.12 L. F. A

Eu me chamo L. F. A, tenho 13 anos, estou cursando o 8º ano do Ensino Fundamental, no Colégio Estadual Professor Genesco Ferreira Bretas, já tem dois anos que estudo aqui, gosto muito desse Colégio, que é de tempo integral, tenho 3 irmãs, moro com minha avó no setor Recanto do Bosque, há 3 anos , antes morei no setor Urias Magalhães, sou filha de M. meu pai e de O. minha mãe, mas eu moro com minha avó, que se chama I. F. S, que é aposentada e gosta muito de mim. O que eu mais gosto de fazer quando estou em casa nos meus momentos de lazer é assistir televisão, passear, fazer caminhadas, andar de skate, ir ao Shopping Center, ir ao cinema, ao clube, mas também tenho que cuidar da casa (lavar pratos, arrumar a casa, tirar poeira dos móveis, etc.). O que eu mais gosto na escola é do lanche, do almoço (é muito bem feito e gostoso), dos professores e dos meus amigos. Na região o que é ruim, são a falta de praças e de escolas, e o que é melhor são a feira e a minha casa. O local onde a maioria dos jovens se encontra é a feira, também a praça e as lanchonetes. Quero ser médica ou engenheira civil quando me formar. E o que eu faço para cuidar e melhorar meu corpo são a educação física na escola, andar de skate e de bicicleta.

3.2.13 F. S. V

Eu me chamo F. S. V, tenho 19 anos, estou no 3º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual Professor Genesco Ferreira Bretas, moro aqui no Setor Recanto do Bosque há mais de três anos, mas antes morei no Setor Urias Magalhães por 3 anos e também no Setor Gentil Meirelles, sou filha de E. S. V, meu pai, que é feirante, e de N. S. C, minha mãe que é babá, moramos em casa própria, estou namorando há 10 meses, tenho motocicleta. Nos meus momentos de lazer gosto de assistir televisão (novela, jornal, filmes e desenhos), ir ao cinema, ir à igreja, ir ao shopping, ir ao clube (Sinte-UFG e Goiânia Park), ir a pizzaria, ir a sorveteria, ir a festa na igreja, ir a feira, ir passear na praça e a ler a bíblia. Mas também tenho minhas obrigações em casa como cuidar da casa, ajudar minha mãe e ajudar na igreja. O que mais gosto no Colégio é dos professores e dos meus amigos, e o que eu não gosto no colégio são as normas muito rígidas e do ensino acho fraco para passar no vestibular. O que eu mais gosto na região onde moro é a igreja e das praças, e o que eu não gosto na região é a falta de segurança, o tráfico de drogas e o uso de drogas. Em minha opinião o que falta na região, são área de lazer para os jovens e de segurança. O lugar onde os jovens se encontram com mais frequência é a feira, a igreja, a praça e os bares. Pretendo me formar em educação física, estou estudando para isso. O que faço para cuidar e melhorar meu corpo são jogar bola e dançar na igreja e fazer educação física no Colégio, além de me alimentar bem.

3.2.14 L. S

Eu me chamo L. S, tenho 17 anos moro aqui no Setor Recanto do Bosque há 12 anos, mas antes morei no Pará na cidade de Redenção, depois morei no Setor Norte Ferroviário, meus pais são paraenses, vieram para Goiás em busca de melhores condições de vida, meu pai se chama C. M, ele é costureiro industrial, trabalha em uma grande confecção aqui em Goiânia, minha mãe se chama R. M. S, ela também é costureira, mas trabalha em casa com facção, moramos em casa própria, meu pai possui uma motocicleta, que às vezes me leva a escola com ela, estou namorando há alguns meses. Estudo aqui no Colégio Estadual Professor Genesco Ferreira Bretas, há dois anos, estou cursando o 3º ano do Ensino Médio, no período matutino. O que faço nos meus momentos de lazer é assistir televisão (novela, filme, jornal, desenhos e minisséries), ler jornal, ir à lan house, ir ao cinema, ir ao shopping, visitar

amigos e parentes, ir à pizzaria, ir ao pit dog perto da minha casa, ir à feira (toda quarta-feira aqui no Recanto), ir à igreja (Sara Nossa Terra), ir a festas, passear e namorar na praça. Além disso, tenho minhas obrigações em casa como lavar roupa, passar roupa, limpar a casa, etc. O que eu mais gosto no colégio, são os professores, a diretora, os colegas e a estrutura do colégio. E o que eu não gosto aqui no colégio é da desorganização da secretaria, se precisar de alguma coisa da secretaria demora muito. Na nossa região o que eu mais gosto é do clube do povo no Setor Finsocial, do Cais do Setor Curitiba, e do Bosque no Setor Brisas da Mata. E o que eu não gosto na região é a falta de sinalização nas ruas e avenidas, falta de policiamento, falta de praças, falta de área para a prática de esportes e de lazer. Gosto muito de comprar roupas, sapatos, perfumes e acessórios para uso pessoal, sou consumista assumida. Pretendo me formar em direito e ser policial federal. O local que os jovens mais se reúnem é com certeza a feira e a praça. Cuido do meu corpo fazendo a educação física e me alimentando bem e na hora certa.

3.2.15 D. B

Eu me chamo D. B, tenho 19 anos, moro no Residencial Brisas da Mata apenas há seis meses, antes morei no Setor Estrela Dalva por quatro anos, morei no Setor Criméia Leste por um ano, morei no Setor dos Afonsos em Aparecida de Goiânia por seis anos, morei em Correntina na Bahia por um ano, morei por quatro anos no Jardim America, e por fim em Miranorte no Estado do Tocantins por 2 anos. Estudo no Colégio Estadual Professor Genesco Ferreira Bretas, onde curso o 3º ano do Ensino Médio. Meus pais são Mato-grossense e baiana, meu pai se chama R. L. S, ele é vendedor e nasceu em Pochoreu-MT. e minha mãe se chama D. B. S, ela é dona de casa, nasceu em Correntina BA., moramos em casa alugada, trabalho em almoxarifado de uma empresa. O que eu faço nos meus momentos de lazer é estudar, jogar futebol, faço academia (todos os dias), assistir televisão (filmes e jornal apenas), dormir, ler jornal, ler revista (isto é), ir ao cinema, ir ao shopping, sair prá balada, ir boates, ir a shows, ir a festas e tocar violão. O que eu mais gosto no Colégio, são dos professores, da direção e da estrutura física do colégio. O que eu mais gosto na nossa região é a feira (rola muita paquera), a mata daqui do setor e o campo de futebol. O que eu não gosto na região é a falta de uma pista de caminhada e corrida e de áreas de lazer principalmente para os jovens. O lugar que a maioria dos jovens se encontra é a feira e o colégio. Pretendo ser engenheiro eletricista ou fazer engenharia mecatrônica. Cuido do meu corpo na escola com educação física e nas oficinas de música, e fora da escola faço academia e me alimento bem.

3.2.16 A. A. S. F

Eu me chamo A. A. S. F, tenho 15 anos, estudo no Colégio Estadual Professor Genesco Ferreira Bretas estou cursando o 1º ano do Ensino Médio, estudo no período matutino, moro com meus pais, no Setor Parque Tremendão, há mais de dois anos, antes morei em Trindade Goiás, moramos em casa própria, meu pai se chama A. A. S, ele trabalha como motorista, minha mãe se chama A. A. C, ela é dona de casa. Nos meus momentos de lazer o que eu mais gosto de fazer é jogar bola, jogar e bater papo no computador, ir à lan house jogar, assistir televisão (gosto de assistir filmes), ir ao shopping (Portal shopping), ir ao cinema, ir à praça (conversar com os amigos), ir à feira (ver as meninas e encontrar os amigos) e ir a festas. Na escola o que eu mais gosto, são dos professores e do recreio (encontrar com os colegas e brincar). E o que eu não gosto na escola é a falta de eventos como gincanas, festivais culturais, de passeios fora da escola e da quadra de esportes que não é coberta. Na nossa região o que eu mais gosto são as praças, o campo de futebol e a feira. E o que eu não gosto na região é a falta de segurança (aqui tem muita violência) e também falta áreas de lazer, principalmente para nós jovens (aqui não tem nada pra fazer é só a praça e a feira, mais nada). O lugar que todo mundo da nossa idade se encontra é a feira, a praça, o campo de futebol e os bares da região. Pretendo me formar em medicina quero ser médico (cirurgião cardíaco). O que eu faço para cuidar e desenvolver meu corpo é educação física na escola e jogar bola no campo de futebol.

3.2.17 K. E. S. C

Eu me chamo K. E. S. C, tenho 16 anos, moro no Residencial Parque Tremendão há mais de seis anos, antes morei no Setor Finsocial, nossa casa é própria, meu pai é de Minas Gerais, veio para Goiânia para trabalhar, conheceu minha mãe e se casaram, ele se chama M. E. C. C, ele trabalha como pedreiro, minha mãe se chama E. P. S. C, ela trabalha como merendeira, aqui mesmo no colégio. O que eu mais gosto de fazer nos meus momentos de lazer é dormir, assistir televisão, mexer no computador (estou fazendo um curso de técnico em computação), ir à igreja (aos domingos), ir ao shopping (gosto do Araguaia shopping, é mais perto), ir ao cinema, ir a boates, ir à praça do setor e à feira (lá é muito bom). O que eu mais gosto no colégio, no momento não tem nada que eu esteja gostando, aqui tá muito desorganizado, faltando aula, falta professores. E o que eu não gosto além do que eu já falei é da quadra de esportes que não é coberta, da sala de aula (quente, abafada e suja) e a

coordenação do colégio. Na nossa região o que eu mais gosto é da feira, lá encontro com meus amigos, comemos pastel, conversamos e até rola uma paquera. E o que eu não gosto na região é da violência e do tráfico de drogas que está muito por aqui. Pretendo me formar em direito e ser advogada. O que faço para cuidar do meu corpo, só educação física na escola, mais nada.

3.2.18 E. S. R

Eu me chamo E. S. R, tenho 14 anos, moro no Setor morada do Sol há mais de dez anos, mas antes morei em Sobradinho no Distrito Federal, estudo no Colégio Estadual Professor Genesco Ferreira Bretas, estou no 9º ano do Ensino Fundamental, moro em casa própria com meus pais, meu pai se chama F. E. R. C, ele é mecânico, minha mãe se chama M. A. B. S, ela é cozinheira. O que eu mais gosto de fazer nos meus momentos de lazer é assistir televisão (ver filmes, desenhos e novelas), jogar bola na rua de casa, jogar no computador (mandar e ler emails), ir à praça, ir à feira (toda quarta e sexta-feira à noite), estudar, namorar, ir ao cinema, ao Shopping (Portal Shopping e Flamboyant Shopping Center) e festas na casa de amigos e parentes. O que eu mais gosto no colégio é da minha turma, e o que eu não gosto no colégio é da quadra de esportes que não é coberta. Na minha região o que eu mais gosto, são os meus amigos, a casa da minha avó e a minha casa. O que eu não gosto na região é da bandidagem que existe por aqui e a falta de segurança. Acho que falta muita coisa aqui na região, principalmente praças, escolas e áreas de lazer. Pretendo ser jogador de futebol ou policial militar. O que eu faço para cuidar e desenvolver meu corpo são as aulas de educação física no colégio, onde eu jogo bola e faço ginástica e fora do colégio jogo futebol e me alimento bem. O local que os jovens se encontram na região é a feira e na praça.

3.2.19 E. K. C. S

Eu me chamo E. K. C. S tenho 15 anos, estudo no Colégio Estadual Professor Genesco Ferreira Bretas, onde curso o 9º ano do Ensino Fundamental, moro no Setor Recanto do Bosque há mais de 12 anos, antes morei em Itapuranga Goiás, moro em casa própria, com meus pais, meu pai se chama D. P. S, ele é eletricista, ele é de Itapuranga, minha mãe se chama V.C, ela é dona de casa, ela é de Jardim Paulista Goiás. O que eu mais gosto de fazer nas minhas horas de lazer é assistir televisão (filmes, novelas e seriados), mexer no computador, jogar vídeo game, ir ao cinema, ir ao shopping, ir à igreja, ir ao clube, ir à feira

(toda quarta-feira), ir à praça e a festas na casa de amigos e parentes. O que eu mais gosto na escola são das aulas de educação física, e o que eu não gosto é do lanche é pouco e a qualidade é ruim. Na nossa região o que eu mais gosto é da feira, lá a gente encontra as amigas, conversamos, paqueramos e até namorarmos com os meninos. O que eu não gosto é das praças que vivem cheias de “malas”, usuários de drogas, e o que falta na nossa região são lugares para diversão, para o lazer, para convivência juvenil. Pretendo me formar em ciências biológicas, quero ser bióloga. O que eu faço para cuidar e desenvolver meu corpo são as aulas de educação física no colégio mais nada. O lugar que os jovens dessa região se encontram é a feira, a igreja e os bares.

3.2.20 J. K. F

Eu me chamo J. K. F tenho 18 anos, moro aqui no Setor Recanto do Bosque há quatro anos, antes morei em Porangatu - Goiás, onde eu nasci e também em Uruaçu por seis meses. Minha família é toda de Porangatu, moro de aluguel com minha mãe, que se chama C. K. M, ela é bordadeira e faz faxina, meu pai é falecido, estudo no Colégio Estadual Professor Genesco Ferreira Bretas, onde estou cursando o 3º ano do Ensino Médio. O que eu mais gosto de fazer nos meus momentos de lazer é usar o computador (para bater papo, ver emails, pesquisar, etc.), ler (livros evangélicos), ir à igreja (igreja Deus no Brasil), namorar, passear na praça, ir ao cinema e ir ao shopping (Araguaia Shopping). Além disso, trabalho em um salão de beleza e ajudo a cuidar da casa (lavar roupa, arrumar a casa, etc.). O que eu mais gosto no colégio, são os amigos que tenho lá, dos professores e do som que tem no recreio. O que eu não gosto é do lanche (acho pouco e ruim). Na região o que eu mais gosto é da praça no Setor Morada do Sol, e o que eu não gosto é da violência, do tráfico e uso de drogas. Pretendo me formar em química, quero ser professora de química. O que eu faço para cuidar e desenvolver meu corpo são jogar futebol, voleibol e aulas de educação física. Já tive bulimia, mas agora estou ótima. Os jovens da nossa região se encontram na igreja, na feira e o colégio.

3.3 Análise das representações dos jovens alunos: a escola pública sob desafios

Após apresentar os relatos dos jovens alunos, de acordo com a proposta metodológica, desenvolver-se-á a análise de suas trajetórias. Para efeito de sistematização, as narrativas serão categorizadas conforme os temas mais relevantes que foram apresentados. Espera-se, com esse procedimento, conectar suas representações com componentes estruturais

e totalizantes que sejam capazes de revelar a construção da corporeidade juvenil no espaço da metrópole contemporânea e os desafios impetrados à escola pública. As análises serão realizadas mediante as teorias e os resultados advindos dos estudos de juventude e culturas juvenis feitos em vários autores que se ocupam com essa temática.

3.3.1 A cultura juvenil depois do muro da escola

De acordo com os relatos, a grande maioria dos jovens entrevistados nas faixas etárias de 11 aos 18 anos é atualizada quanto aos principais apetrechos da cultura juvenil: sua diversão passa pela lan house, video game e TVs. Por meio desses meios, além da diversão, se prepara para adentrar este mundo comandado pelas redes. E mais que isso: não é apenas uma nova sociabilidade ligada ao lazer, mas um modo de constituir a subjetividade.

Por isso é que Rolnik (1996) coloca a tecnofilia – o amor aos meios técnicos – como um ingrediente decisivo que constrói a subjetividade contemporânea. Ao agirem com esses meios, ao aprenderem a lidar com os programas, desenvolverem a habilidade para os jogos de vídeo game, está se formando também um modo de pensar, dando efetivação às correias neuronais e gerando condições para a percepção se constituir.

Mas esses meios não interferem apenas no funcionamento subjetivo, mas no modo de namorar, no tipo de jogos, como brigas, disputas, na organização de encontros amorosos, no processo de sedução incorporal. De fato, são suportes da sociabilidade juvenil. Soma-se a isso, a organização de comunidades e grupos de brigas, a aproximação com as figuras de representação midiáticas como símbolos de trajetos de vida.

Alves explica que,

Na outra ponta da produção – no consumo – as chamadas tecnologias de desterritorialização, nas quais as concepções universalizantes do mercado tornam-se um ponto nevrágico de referência, possibilita que o consumo se dê cada vez mais num plano mundial, descolando-se daquilo que um território específico produz. Esse deslocamento, por seu turno, determina novas formas de localização do sujeito, dando vazão à imagem do sujeito sem território, sem amarras para consumir e ser (Alves, 2006, p. 48).

Como está explicitado, mesmo num espaço denominado periférico, a profunda ligação dos jovens alunos com os novos meios faz parte de um componente totalizante: inserir o jovem no mundo a partir do mercado. Esta inserção tem na cultura um componente atrativo e decisivo, pois ela age para formar novos padrões de consumo, novos meios de fala e outros sentidos para a existência. Diante disso, não se pode crucificar apenas o jovem pelo

consumismo, mas, também, não deixar de ver como esta nova etapa do mercado interfere em sua vida.

O denominado ciber mundo, informal e imaterial, aparentemente sem fronteira, acaba por se materializar no interior do sujeito: trata-se de alavancar as estratégias de controle do capitalismo. No plano próximo da escola, trata-se de um sujeito – o aluno – que recebe uma enorme quantidade de informações e não lhe são dadas condições e tempo para refleti-las. Ficar fora dela significa afastar-se do mundo concreto das relações, dos prazeres e do entretenimento. Adentrar-se nela significa fazer parte da cultura tecnológica, cabo central do capitalismo contemporâneo. Nicolaci-da-Costa (2002, p. 193), a partir de um processo de interrogações simples, conduz a reflexão para ver o efeito dessas tecnologias:

Quem não sabe que, antes da energia elétrica, a família se reunia ao redor do piano? Quem desconhece que, depois da energia elétrica, o piano foi substituído pelo rádio e, ainda mais recentemente, pela televisão? Alguém que tenha uma geladeira que já parou de funcionar pode desconhecer as transformações que este eletro-doméstico gerou na nossa relação com o mercado de suprimentos? Quantos de nós, acostumados que estamos às calculadoras de bolso, ainda sabemos fazer contas de cabeça ou na ponta do lápis? (NICOLACI-DA-COSTA, 2002, p. 103).

Como sugere a autora, além de hábitos e de simples gostos, a força da *Lan House* ou a incorporação de determinados programas de TVs na sociabilidade do jovem aluno diz respeito à construção do ser. Está em curso um novo modo de conhecer o mundo e de estabelecer valores sobre ele; assim como um novo modo de perceber o Outro e de relacionar com Ele.

Todavia, os relatos dos jovens alunos da região noroeste apresentam outro dado: a imensa maioria deles frequenta a feira dos bairros e a Praça. Alguns mostraram a importância dos parques e outros do Shopping que atendem a região. Isso quer dizer que a vivência no lugar encontra no espaço um elemento importante que diz respeito também à cultura do mundo.

A transformação da feira popular num lugar de Encontro e a transformação das praças igualmente em lugares de brincadeiras e de encontros para diálogos mostram que o jovem da periferia proletária da metrópole, por não ter outras possibilidades de acesso, reinventa modos de construir a sua sociabilidade.

Além disso, o Colégio é representado como um dos principais espaços para a convivência e para o lazer. Como se vê, não há entusiasmo pelas aulas e pela educação – embora sinalize como um lugar do sonho –, mas há entusiasmo pelos jogos das aulas de

Educação Física, pelas brincadeiras. A transformação da escola num espaço de sociabilidade é uma operação dessa cultura e da luta pela vida.

Especialmente as feiras populares que ganham força cultural nas periferias de Goiânia acabam por mesclarem os símbolos culturais. Como espaço em que circulam símbolos da cultura popular, muitos dos quais originados do campo, juntando-se ao tom festivo e à comunicação aberta, diferente do regime de concentração individual das Lan Houses, ajudam a compor uma identidade diferenciada desse jovem se comparando às de outras metrópoles do mundo ou de caráter nacional.

A junção de elementos globais a partir de consumo, mercado, sonhos e referências midiáticas com a realidade vivida no lugar formam esse ser, ainda que jovem, como uma realidade bastante complexa. É esse ser que adentra os muros da escola, que vai para as aulas e interage com os elementos da cultura escolar. Percebe-se que gestores, educadores e coordenadores pedagógicos não podem olvidar a cultura juvenil, nem deixar de ver o mundo real do jovem aluno. Ao falar sobre isso, Bomtempo (1997, p. 3) apresenta uma reflexão mostrando que um dado sutil da vida do jovem aluno, como é o caso da tatuagem, seja olhado com atenção. Ela diz que,

A tatuagem é outro elemento da cultura juvenil que expressa uma vontade de mudança e reflete um ato de poder sobre o próprio corpo. Conota uma perspectiva estética e é também um recurso de sedução. É uma marca de identificação, de pertença. No processo de construção de identidades “o autoconhecimento – invariavelmente uma construção, não importa o quanto possa parecer uma descoberta – nunca está totalmente dissociado da necessidade de ser conhecido, de modos específicos, pelos outros”. Interagir com o grupo e o ambiente de aprendizagem é extremamente significativo neste momento de busca e consolidação de valores, comum às juventudes. Por isso, a utilização da metodologia de projetos é uma das mais favoráveis (...). (BOMTEMPO, 1997, p. 3).

Além da atenção à cultura juvenil, aos seus gostos, aos seus discursos, às suas brincadeiras, conforme menciona a autora, é importante que a escola crie projetos que reflitam criticamente os dados dessa cultura. Ou seja, se a cultura juvenil sai de fora e adentra a escola, a escola precisa sair de dentro e encontrar a cultura juvenil.

Outro dado interessante revelado pelas narrativas do jovem aluno é a sua inserção nas Igrejas Evangélicas. A quantidade de alunos que estão presentes nas igrejas é compatível com o número de adultos. Além da hibridação entre componentes tecnocêntricos com sentimentos religiosos, o fato revela o que vários autores analisam da subjetividade atual: a globalização ajunta, nos mesmos espaços, signos e corpos diferenciados que parecem, à

primeira vista, não terem nada em comum. Mas é justamente essa junção que constitui a subjetividade própria dessa etapa histórica.

Segundo Rolnik:

A globalização da economia e os avanços tecnológicos, especialmente a mídia eletrônica, aproximam universos de toda espécie, situados em qualquer ponto do planeta, numa variabilidade e numa densificação cada vez maiores. As subjetividades, independentemente de sua morada, tendem a ser povoadas por afetos desta profusão cambiante de universos; uma constante mestiçagem de forças delineia cartografias mutáveis e coloca em cheque seus habituais contornos (ROLNIK, 1996, p. 3).

O que a autora chama de “cartografias mutáveis”, “constante mestiçagem de forças” e “aproximação de universos de toda espécie” é verdadeiro no caso do jovem aluno da região noroeste de Goiânia. Percebe-se que mantêm laços culturais do lugar como ir às feiras populares e às praças; inscrevem-se nos hábitos da cultura da informação e participam das novas ofertas de símbolos metafísicos, como é o caso de sua inserção nas igrejas evangélicas. A junção dessas três ordens simbólicas mostra que esse jovem aluno é complexo, possui conflitos e é conteúdo humano dos “novos contornos da subjetividade”.

3.3.2 Família e Trabalho: o jovem aluno no contorno dos conflitos

Falar da juventude, da cultura juvenil e do sujeito metropolitano indica situar-se no plano objetivo da sociedade capitalista urbana, financeirizada, globalizada. Desta feita, não se pode pensar que componentes da subjetividade, como o afeto, o modo de pensar, a visão de mundo, a percepção etc., não têm ligação direta com componentes da economia e da política.

Sendo assim, a análise do jovem aluno da região noroeste exige pensar o plano material e objetivo de sua condição social. As suas representações destacam dois componentes importantes: o trabalho e a família. Uma vez que a análise do jovem aluno não pode e não deve separá-lo do contexto histórico convém perguntar: que mudanças impactaram esses dois segmentos sociais? Como essas mudanças repercutem na vida do jovem aluno? Mais diretamente pode se perguntar: o que fazem os pais dos jovens alunos da periferia da metrópole goianiense? Que tipo de família possui?

Duas informações são expressivas nos relatos dos jovens alunos: há uma multiplicidade de vínculos no trabalho operacionalizando o que se tem chamado “flexibilização do trabalho”, ou “abalamento no sistema fixo do trabalho”; há uma quantidade

grande de pais separados em que a mãe ou avó é que mantém as despesas da casa. Vê-se aqui o que se denominado “fragmentação da família nuclear patriarcal” ou “erupção de novas formas familiar”.

Quanto ao trabalho, a lista de vínculos é grande: diaristas, domésticas, motoristas, serventes de pedreiros, auxiliar de costura, lanterneiro, açougueiro, eletricista, babá, merendeira, motorista, manicure, policial militar. Mas no que diz respeito ao que o jovem aluno deseja e sonha esse vínculo não é tão grande: médico, advogado, moda, engenheiro e, especialmente para os homens, ser jogador de futebol.

Parece que há um conflito interessante: os sonhos e os desejos estão ligados às profissões que possuem grande status atual. Enquanto que o real é marcado por vínculos na classe que é denominado “trabalho subordinado”. Dados revelam o nível de conflito e contradição dessa informação.

De acordo com informações do IBGE-2000 existem 34 milhões de jovens no Brasil em que praticamente 85% estão radicados nas cidades. As regiões metropolitanas abarcam 10 milhões deles e os dispersam na periferia. Quando se inclui os dados de renda familiar, o fator preponderante é a desigualdade social: apenas 41,3% dos jovens viviam em famílias com renda familiar per capita de mais de 1 salário mínimo; sendo que apenas 12,2% viviam em famílias de renda per capita até $\frac{1}{4}$ do salário mínimo.

Além dos dados, a relação entre o trabalho fragmentado e a família em crise assinala um impacto na vida do jovem aluno. Alves Abeche & Rodrigues dizem que:

Sennet (2001) aponta que ‘a apreensão com o emprego se impôs em toda parte, diluindo a auto-estima, rachando famílias, fragmentando comunidade, alterando a química dos locais de trabalho’. A inquietação e angústia com o presente se dão pelo clima que enfatiza o risco constante (principalmente da perda do emprego), esta aumenta quando as experiências passadas parecem não servirem de guia para o presente. Da mesma forma, não há padrões de autoridade e responsabilidade em que o indivíduo se paute e assim sente que não tem por quem ser reconhecido. Os indivíduos sentem falta de relações humanas constantes e objetivos duráveis, a isto Sennet denominou ‘superficialidade degradante’ (Alves Abeche & Rodrigues, 2000, p.08).

Conforme disseram os autores, os componentes objetivos e reais da fragmentação da família e do trabalho impactam a juventude em diversos aspectos: insegurança, angústia, falta de autoridade. Essa condição cria uma contradição: os meios que formam a subjetividade ou as referências midiáticas para a juventude os tornam narcísicos, mas o mundo real os constitui como carentes e medrosos.

O que se vê, também, é a intromissão das mudanças criando distanciados os mundos de sujeitos, tais como o mundo mental do professor e o do jovem aluno, o mundo dos pais e dos filhos. Sobre esses aspectos Chaveiro & Silva esclarecem que,

Desde os símbolos estranhos às raízes culturais dos pais, que povoam o lar pela via dos novos objetos técnicos, como internet, mídia, etc, incluindo a necessidade de a mãe ter que acumular funções dentro e fora da casa; o tempo fragmentado do pai e da necessidade de os filhos saírem cedo do lar em nome da formação intelectual ou do trabalho em lugares diferenciados de seus pais, o que se desenha é uma diáspora dos entes da família recriando fronteiras entre si. Essas fronteiras distanciam um membro do outro, recolocam os componentes da tradição no lume da sociedade contemporânea – e de suas contradições. Se antes havia um afeto respaldado na coerção de valores e na confiança, agora, o estremecimento da confiança pode fazer par com outro dispositivo afetivo, por exemplo, de filhos e pais livres da coerção, deslocar seus afetos para as madrastas, para os padrastos ou para entes adotivos (Chaveiro & Silva, 2009, p.181).

Conforme está explicado, há uma circulação de símbolos que criam estranhamentos entre figuras de origem tradicional e os jovens alunos ou os filhos criados em espaços metropolitanos. Esse estranhamento se torna vivo na escola como se viu nos relatos: há dificuldade do professor compreender o jovem aluno na mesma condição que o jovem aluno possui dificuldades em compreender o professor.

3.3.3 A saga do corpo: olhos e músculos do jovem aluno da região noroeste de Goiânia

Se o espaço contemporâneo, especialmente a metrópole, é marcado pela aceleração do tempo, duas situações brotam: os sujeitos mais enrijecidos que não se moldam às rápidas mudanças podem perder o bonde do tempo; os jovens que aceitam e se adaptam à aceleração servem o seu corpo ao processo vertiginoso da alienação.

Os relatos dos jovens alunos apresentam características que comprovam isso. Muitos são migrantes de outros estados da federação brasileira, como Minas Gerais, Tocantins, Pará e especialmente Bahia. Há outros que possuem origem em municípios de cidades pequenas de Goiás.

Além da mobilidade espacial, como se viu, há uma grande mobilidade de escolas. Quase todos mudaram várias vezes de escola, possivelmente seguindo a trajetória da recriação da periferia. O processo migratório que testemunha a fluidez do espaço repercute não apenas na memória, no estranhamento de um indivíduo com um lugar, mas no sentimento de instabilidade.

Num trânsito contínuo, obrigados a se adaptarem em novas situações, a instabilidade cria dificuldades para que o jovem aluno tenha uma participação consistente na

construção de seu lugar. Sempre como um estranho num novo lugar, a formação de sentidos coletivos é dificultada. Para se pensar o jovem como ator de mudança, a experiência de participação é decisiva. Tanto é que o Relatório sobre Juventude e Desenvolvimento, seminário realizado em Salvador em 2008, apregoa que,

A participação dos jovens deve ser substancial nas políticas e propostas que decida-se impulsionar. Estas devem mostrar-se desde o início, a partir dos interesses, experiências e idéias dos próprios jovens. Também cabe considerar o apoio à abertura de novos espaços de participação política e social dos jovens através de suas associações e organizações, afirmando assim sua contribuição à democracia e seu sentido de pertencer a um projeto comum. A Cúpula Ibero-Americana deveria realizar-se com os jovens, desde suas inquietudes e contando com sua criatividade.

Mais que contaminar a participação, a migração forçada em muitos casos serve para propósitos de preconceitos espaciais. A região noroeste de Goiânia, tida como espaço de migrantes, sofre desse tipo de preconceito que pesa sobre a juventude. Na escola muitos jovens sofrem “gozações” pelos seus sotaques. O chamado corpo intensivo desse jovem aluno que é obrigado a entrar no ritmo da metrópole, tal como foi enunciado nos relatos, necessita de outras defesas.

Como vários entrevistados disseram, há dois perigos que lhes rondam: a violência e o perigo da drogadição. Embora exista ligação estreita entre ambas, no caso da juventude há uma complexificação. Ora, o que se tem chamado “comércio do medo” é um apelativo de vários programas de TVs, assim como de filmes que são jogados para o gosto em formação da juventude. A disseminação de informações, imagens e símbolos de violência, de um lado cria medo do Outro, o que vai dificultar aproximações afetivas e políticas. Por outro lado, chamam-lhes para serem atores da violência.

O caso da drogadição também cria uma situação embaraçosa para a gestão escolar. Para conter as vendas e os usos internos de droga muitas vezes apela-se para a militarização escolar; outras vezes, alunos que não conseguem assistir às aulas se apropriam da escola para criar cumplicidades no vício.

Mas, como constatado nos relatos, os jovens alunos têm consciência dos dois fenômenos. Ainda que haja uma propagação negativa da droga e da violência, a sua voz nos relatos preconizando que “são grandes problemas da região” é importante. Porém, o mais importante é a sua identificação com os esportes. O que foi ressaltado como positivo na escola são as aulas de Educação Física. Vê-se que o corpo do jovem aluno entra na aceleração do tempo e nos perigos da metrópole, mas se dispõe ao lúdico, aos exercícios físicos e ao esporte. A pergunta que se faz é: a escola tem sabido ler e interpretar os corpos dos alunos?

Hábitos notívagos, experiências com trabalhos informais, novos costumes alimentares, dificuldades para concentrar, mais capacidade de perceber múltiplas vozes e sons, inquietação e ansiedade, todavia menor preconceito com o Outro são textos corporais do jovem aluno. É com esse corpo que se trabalha a educação, é com ele que se faz a vida. O corpo é ferramenta para a própria construção do corpo.

3.4 Análises de textos dos jovens estudantes da região noroeste de Goiânia

Neste tópico buscamos compreender as histórias de vida dos sujeitos a partir de textos produzidos por eles mesmos. Os textos são narrativas das histórias de vida desses jovens que tentam expressar a sua trajetória do nascimento até os dias atuais relatando os acontecimentos mais marcantes. Constituíram-se, então, na verdade do sujeito pesquisado; ou seja, é a versão que o narrador oferece. Em muitas situações as narrativas podem omitir e revelar fatos e dados não procedentes, mas pode revelar muitas coisas que são importantes para essa pesquisa.

Segue abaixo as narrativas das histórias de vida dos sujeitos da pesquisa

3.4.1 T. A

Minha história de vida

Nasci em Goiânia, numa madrugada chuvosa do dia 16 de maio de 1996, na maternidade Modelo, de parto normal.

Meu pai se chama E. e minha mãe se chama M. H. eram super protetores, creio eu, pelo fato de ser eu a primogênita da família.

Iniciei meus estudos no Colégio Professor Pardal, situado no Setor Coimbra em Goiânia, e lá permaneci até o 7º ano do Ensino Fundamental, depois fui obrigada a mudar de setor pelo motivo de que meu pai comprou um novo estabelecimento e uma nova casa.

Éramos estabilizados financeiramente falando, até então, contudo entramos em declínio, assim que vendemos a panificadora no Setor Campinas, e por ambição e em busca de melhores condições de vida (enriquecimento), meu pai comprou outra firma, aderindo a um novo ramo de atividade, materiais de construção.

Inicialmente o dinheiro até sobrava. Após alguns meses só dava para suprir as necessidades básicas. Por fim estávamos passando fome.

Desesperadamente meus pais venderam a loja por um valor péssimo, 30 mil reais, quando compraram pagaram 220 mil reais. Que prejuízo!

Minha tia V. deu-nos uma para morar, enquanto nos estabilizamos, mudamos para o bairro Morada do Sol, minha mãe virou assalariada e meu pai caminhoneiro. Quanto a mim, fui obrigada a estudar em um colégio de tempo integral, onde estou tentando me adaptar, entretanto, creio ser muito difícil prá mim essa nova estrada da vida.

As notas altas, o bom desempenho escolar, a busca por conseguir ir além do 4º, o 3º lugares nas olimpíadas de matemática de Goiás, a redação do concurso do Detran ou Goiás na ponta do lápis, já se tornaram lembranças, mas ainda uma esperança de um futuro melhor.

Estou no 9º ano do Ensino Fundamental, aqui no Colégio Genesco Ferreira Brito, gosto muito de estudar, passear, ir ao shopping, ao cinema, e aqui no setor ir à feira.

3.4.2 J. R. S.

Minha História

Eu nasci no Mirador no Maranhão, depois eu me mudei para São João dos Pastos e fiquei morando por lá por um bom tempo. Passando uns tempos meu pai morreu então nós voltamos para Mirador prá ficar mais perto da minha avó, isso eu tinha uns cinco anos de idade.

Alguns anos se passaram e eu entrei na escola, minha mãe se apaixonou de novo por um homem, e resolveu se casar novamente aqui em Goiânia, pois o homem morava aqui em Goiânia, só porque não tinha como eu e o meu irmão viajar, pois ainda estava estudando. Minha mãe veio primeiro para Goiânia, para se casar, depois eu e meu irmão fomos. Quando cheguei aqui eu tinha uns sete anos de idade, fiz muitas amizades, eu morava no Setor Jardim Guanabara II de aluguel.

Meu padrasto resolveu comprar um lote, ele comprou no Setor Brisas da Mata, eu e o meu irmão fomos estudar na Escola Municipal Hebert José de Souza, onde ficamos estudando lá quatro anos, fizemos muitos amigos por lá, foi quando minha mãe ficou sabendo do Colégio Estadual Professor Genesco Ferreira Bretas uma escola de tempo integral, quando começou a abrir as vagas, minha mãe veio e conseguiu uma vaga pra mim.

Hoje eu tenho quatorze anos, moro no Setor Brisas da Mata, estudo no Colégio Estadual Professor Ferreira Bretas, estou no 9º ano do Ensino Fundamental, tenho sete super amigas que eu amo muito, minha mãe trabalha em um centro radiológico aqui em Goiânia, e o meu pai (padrasto), que eu hoje considero meu pai, trabalha em uma empresa de embalagens.

Gosto muito da região que eu moro, gosto de ir à feira, passear no shopping, ir ao cinema, brincar na rua da minha casa, fazer caminhada, passear na praça, andar de bicicleta e ir à igreja. Sou muito feliz morando no meu novo setor, com as minhas novas amizades e com minha nova escola.

3.4.3 A. R. P

Minha Vida

Meu pai é do Pará e minha mãe é do Tocantins, minha mãe foi para o Pará e conheceu meu pai, na cidade de Conceição do Araguaia-Pará, ficaram juntos e em 1995, no dia 18 de maio eu nasci. Os anos se passaram e eu já estava com sete anos, quando eu vim para Goiânia, porque eu nasci em Conceição do Araguaia.

Minha família toda veio para Goiânia passear, e quando todos resolveram ir embora, eu resolvi ficar morando com minha avó. Eu ia fazer oito anos já, morei dois anos mais a minha avó, nesses dois anos eu estudei, fiz balé, fiz natação, eu não aguentava mais morar com a minha avó, com saudades de minha mãe, então resolvi ir embora, morei em Conceição do Araguaia um ano e voltei para casa de minha avó.

Ficava viajando de lá prá cá o tempo todo, todo meio do ano lá e meio do ano aqui, até que um dia eu reprovei no colégio.

Fiquei mais um tempo onde nasci aí vim morar de vez com a minha avó. Eu já estava com treze anos, meu sonho era que minha mãe e meu pai viessem morar aqui em Goiânia e eu consegui, eu já morava aqui em Goiânia há dois anos e meio, eu amo Goiânia, é minha cidade predileta, não gosto do lugar onde nasci.

Hoje tenho quinze anos, há dois anos eu estudo aqui no Colégio Estadual Professor Genesco Ferreira Bretas, onde estou cursando o 9º ano do Ensino Fundamental, eu gosto muito daqui.

Eu estudo integral de segunda a sexta-feira, e no sábado eu faço curso de dança e no domingo eu faço outro curso da Marinha do Brasil, daqui a dois anos eu vou fazer prova e vou passar se Deus quiser, eu estudo completamente de domingo a domingo, no sábado sempre estudo antes de ir para meu curso de dança.

Quando eu venho para o colégio eu presto muita atenção na aula não dou trabalho a professor nenhum. Eu quero me formar na Marinha do Brasil e quero fazer faculdade de arquitetura em decoração.

Eu moro no Setor Recanto do Bosque e pretendo algum dia morar perto do centro da cidade.

3.4.4 M. S

Minha História de Vida

Nasci em Nerópolis – Goiás, uma cidade pequena, no dia 19 de fevereiro de 1999, no hospital Coração de Jesus. Comecei a estudar a partir dos três anos de idade, mas na cidade que morava não deu certo de eu morar, pois meu pai trabalhava em caminhões, e viajava muito, e aí minha mãe resolveu mudar para Goiânia, pois tenho muitos parentes em Goiânia.

Quando chegamos a Goiânia mudamos para o centro, conheci muitas pessoas, tive muitos amigos e gostava muito da escola e dos professores onde eu estudava.

Depois de cinco anos mudei para o Bairro da Vitória, e deixei todas as pessoas que conheci pra trás, conheci outra escola e novos amigos e a partir disso não mudei mais.

Quando minha mãe ficou sabendo que ia ter uma nova escola de tempo integral no Setor Recanto do Bosque, nós mudamos para o Recanto do Bosque, só que enquanto construía eu estudava em um Colégio chamado Projeto Didático, lá era muito bom.

Quando terminou a construção do Colégio minha mãe veio na escola por fim ver se tinha vaga para mim, consegui, e a diretora falou que ia ser bom o ensino, que iríamos almoçar ter oficinas à tarde e tudo mais.

Comecei estudar no Colégio Estadual Professor Genesco Ferreira Bretas, onde estudo no 6º ano do Ensino Fundamental, onde estou até hoje, 26 de outubro de 2010 estudando, tenho muitos amigos, professores educados que nos ensinam na dificuldade, uma diretora rigorosa, mais muito legal. Gosto muito daqui.

Passo a maioria do meu tempo no colégio, quando chego em casa descanso. Mas eu também gosto de passear, ir à feira, ir à praça, ir ao cinema, ao shopping e brincar na rua da minha casa.

Essa é minha história de vida.

3.4.5 I. C. L. S

Minha História de Vida

Minha história começa quando meus pais se conheceram, eles moravam no mesmo setor então eles começaram a namorar e então depois de muito tempo de namoro fizeram uma grande bagunça e surgiu meu irmão e logo depois eu nasci, no dia 29 de abril de 1996. Minha mãe se chama A. e meu pai se chama E. F.

Até os meus quatro anos de idade eu morava no Setor Jardim Balneário Meia Ponte aqui em Goiânia, depois meus pais se separaram e fui com minha mãe e meu irmão morar com a

minha avó no Setor Garavelo em Aparecida de Goiânia, lá fiz várias amizades e estudei em vários colégios. Meus pais voltaram e se casaram de novo, mais mesmo assim continuei morando com minha avó.

No ano de 2008, decidimos comprar um terreno no Setor Estrela Dalva, e começamos a construir, mais enquanto ficamos morando na casa da minha avó no Balneário Meia Ponte eu comecei a estudar no Colégio Municipal Hebert José de Souza, gostava de tudo lá, mais no ano de 2009, mudamos definitivamente para o Setor Estrela Dalva, no ano de 2010 decidimos mudar de colégio para ficar mais perto de casa, então comecei a estudar no Colégio Estadual Professor Genesco Ferreira Bretas, onde hoje estou cursando o 9º ano do Ensino Fundamental, e conheci muitas pessoas e fiz várias amizades boas e ruins também.

Acordo 05 horas e 55 minutos da manhã para arrumar para ir ao Colégio, às 06 horas e 30 minutos saio de casa a caminho do colégio, chego lá em cima da hora e perto do colégio encontro com a Letícia e a Mikaelly, e começamos a conversar falar sobre o dia anterior e contar altas fofocas. O professor chega entra para a sala às 08 horas, chego pego o lanche e me sento e lanchinho às 09 horas bate o sino para o recreio fico sentada conversando com a Thais, 12 horas, meio dia é hora do almoço, e vamos almoçar, depois volto a estudar.

Esse é o meu dia-a-dia no Colégio Professor Genesco Ferreira Bretas. No meu Setor Gosto muito de brincar na rua de casa, andar de bicicleta, ir à feira, passear na praça, ir à casa de minhas amigas e ir à sorveteria.

3.4.6 A. A. P

Detalhes da Minha Vida

Meu nome é A. A. P., Tenho 14 anos e nasci em 1996, na cidade de Aparecida de Goiânia, eu morava no Setor Vila Nova em Goiânia, depois eu me mudei para o Setor Recanto do Bosque na cidade de Goiânia.

No dia em que eu ia nascer todos os hospitais de Goiânia estavam fechados, o único hospital que minha mãe encontrou foi em Aparecida de Goiânia, mas fui registrado em Goiânia-Goiás. Meu pai conheceu minha mãe quando ele tinha 16 anos e minha mãe tinha 14 anos, eles se casaram quando eram bem mais velhos porque o pai dela não permitiu então ela fugiu de casa e depois que eu nasci nós fomos morar no Setor Vila Nova em Goiânia, eu tinha muitos amigos, com cinco anos eu me mudei para o Setor Recanto do Bosque, e comecei a estudar no Colégio Municipal Recanto do Bosque. Lá fiquei por sete anos.

Depois me mudei para o Colégio Estadual Jardim Balneário Meia Ponte e fiquei por lá um ano, depois houve uma boa opção para quem morava no Setor Recanto do Bosque. Tinha inaugurado o Colégio Estadual Professor Genesco Ferreira Bretas, aí minha mãe me colocou nesse colégio, tive muita coisa boa no começo mais depois ficou ruim e muitos alunos saíram do colégio por falta de cumprir as promessas de inauguração do colégio.

Mas porque eu tenho somente esse colégio perto da minha casa eu vou estudar aqui até o 3º ano do Ensino Médio.

Eu acordo 06 horas e 20 minutos da manhã tomo banho, escovo os dentes, tomo café da manhã e visto minha roupa e vou para o colégio 06 horas e 55 minutos, o sinal bate às 07 horas, mas é permitido entrar até as 07 horas e 15 minutos, a primeira aula é das 07 horas até as 07 horas e 50 minutos, a segunda aula até 08 horas e 40 minutos e a terceira aula até 09 horas e 30 minutos.

Na segunda aula nós recebemos o lanche e depois da terceira aula vamos para o recreio e depois voltamos para a sala de aula às 10 horas e temos aula até as 11 horas e 20 minutos, e ao meio dia vamos almoçar depois às 13 horas e 10 minutos começa as oficinas que vão até as 17 horas.

Esse é o meu cotidiano todos os dias repetindo a mesma coisa, mas é bom, pois tenho muitos amigos e me dou bem com todos.

Estou cursando o 9º ano do Ensino Fundamental, pretendo me formar em direito, gosto muito do meu setor, principalmente da feira onde encontro com meus amigos e vejo as meninas, do campo de futebol, da pracinha, das pizzarias e das lanchonetes.

3.4.7 R. A. C

Minha História de Vida

Meu nome é R. A. C. tenho 15 anos, nasci em Miracema no Tocantins, morei durante 18 dias, quando era apenas um bebê, em Rio dos Bois no Tocantins. Também já morei em Campos Verdes aqui em Goiás, em Santa Terezinha de Goiás, em Santa Helena de Goiás e atualmente estou morando em Goiânia, no Residencial Recanto do Bosque. Tenho quatro irmãs, morro com minha mãe e duas de minhas irmãs (Samara de 16 anos e Wenila de 12 anos), as outras, uma mora com o marido, pois ela é casada (Mayara de 18 anos), já tem uma filha, e a outra mora com meu pai (Emy Lee de 2 anos) e a nova esposa dele, ele separou da minha mãe eu era pequena. Já estudei em duas escolas aqui em Goiânia, a Escola Municipal Recanto do

Bosque e o Colégio Estadual Professor Genesco Ferrera Bretas, onde estou estudando no 8º ano do Ensino Fundamental.

Gosto de cantar e ouvir música, as minhas cantoras preferidas são: Emy Le, Pity, Arvil Lavine, NX Zero, Gustavo Lima e Luan Santana, entre outros.

Os hobbies da minha família nos finais de semana são: ir ao cinema, ir a shows, ir aos parques da cidade, de vez em quando fazer churrasco, ficar em casa ouvindo música, ir ao shopping e vários outros mais.

Gosto também de estudar e as matérias que eu mais gosto são: Matemática, Ciências, História e Geografia.

No meu setor gosto de ir à feira, na praça, brincar na rua com minhas amigas e minhas irmãs, de ir à lanchonete, ir às pizzarias, de andar de bicicleta e do meu colégio.

Não gosto no meu setor é dá violência, da falta de ônibus, das brigas e do tráfico de drogas que está muito em todo lugar.

3.4.8 I. C. S

Minha Vida

Eu me chamo I. C. tenho 15 anos e faço o 8º ano do Ensino Fundamental no Colégio Estadual Professor Genesco Ferreira Bretas.

Minha vida é muito grande, não devo, nem posso resumi-la em pequenas ou grandes palavras, pois tudo que senti e sinto é algo que pode ser expressado em minutos e segundos pois a vida é agora.

Até hoje minha vida foi dividida em fases, caí e levantei, chorei e sorri, enfim foi feita de altos e baixos, como qualquer outra.

Há! Já mudei bastante de colégio, por esse motivo perdi dois anos de escola, foi muito difícil para eu superar, mas com o passar do tempo pude compreender que a vida é feita de superação, e devemos superar os desafios que surgem na nossa vida.

Por todos os colégios que passei, o que mais me marcou foi o colégio estadual Vitor José de Araujo, foi lá que pude compreender o verdadeiro sentido da amizade, nunca vou esquecer as pessoas que passaram em minha vida, pois deixaram marcas profundas que nem o tempo pode apagar.

Graças a Deus, estou vivendo hoje um período em minha vida muito bom, estou evoluindo e acredito em minha capacidade, acredito que com a ajuda de Deus e das pessoas que eu amo vou conseguir superar meus maiores desafios.

Hoje moro em Goiânia, mas já morei em várias cidades do interior de Goiás, como Doverlândia, Goianira, Inhumas, etc.

Acredito que devemos deixar o nosso brilho, devemos ser estrelas em todos os lugares, em todas as escolas, em casa, enfim, devemos fazer de nossa vida um exemplo de superação, a qual os outros possam se espelhar.

Moro no Setor Recanto do Bosque, um lugar bom de viver, gosto de tudo aqui, tem tudo que se precisa para viver bem, o que eu mais gosto são da feira, das praças, dos bares, das lanchonetes, do comércio, da igreja e das áreas verde da região. E o que eu não gosto é da violência, dos traficantes e usuários de drogas (que são muitos pela região) e da falta de segurança na região.

Nos meus momentos livres gosto de ler, ver televisão, mexer no computador, estudar, jogar bola, andar de bicicleta, ouvir música e conversar com meus amigos na porta da minha casa.

3.5 Passeando nas representações do jovem sobre si mesmo

A leitura das cartas desenvolvidas para o fim específico dessa pesquisa, feitas com liberdade, surgiu de um preceito bastante usado nas pesquisas atuais sobre a juventude, ou seja, ver como ela representa a si mesma. O que se viu, apesar da boa disposição em colaborar, foi a expressão da história de vida com certa pressa.

Mas mesmo assim as cartas nos dão meios para apresentar uma síntese: a escola coloca-se como fundamental na vida de quem tem de 11 a 17 anos, especialmente a escola de regime integral. O mundo da escola lhes aparece como possibilidade de encontro, de efetivação de amizades, de elaboração de sonhos ainda que distantes, de namoro, de jogos e brincadeiras, merenda etc.

Todavia, quando o pensamento inclina a interpretar o interior das aulas, fora as de Educação Física, ela aparece como um peso. Se não um peso, pelo menos não se declara na memória a sua importância. Por que o jovem aluno não comenta livremente sobre as aulas? O texto de uma aluna pode nos ajudar. Ela diz que,

“Até hoje minha vida foi dividida em fases, caí e levantei, chorei e sorri, enfim foi feita de altos e baixos, como qualquer outra. Há! Já mudei bastante de colégio, por esse motivo perdi dois anos de escola, foi muito difícil para mim superar, mas com o passar do tempo pude compreender que a vida é feita de superação, e devemos superar os desafios que surgem na nossa vida”.

Outro relato constata:

“Tenho quatro irmãs, morro com minha mãe e duas de minhas irmãs (Samara de 16 anos e Wenila de 12 anos), as outras, uma mora com o marido, pois ela é casada (Mayara de 18 anos), já tem uma filha, e a outra mora com meu pai (Emy Lee de 2 anos) e a nova esposa dele, ele separou da minha mãe eu era pequena”.

Vê-se que o mundo fora da escola pesa na representação da vida para o jovem. E isso aparece como um paradoxo: a escola se lhe apresenta como um veículo para superar, mudar de condição de vida, mas o que ocorre fora lhe chama mais atenção. Quando se avança para ver as listas de problemas externos dos jovens alunos isso é comprovado.

Os problemas são falência da família, mortes, violência, mudança forçada, separação dos pais, desemprego etc. Vê-se que, de fato, há cada vez mais uma relação intrínseca entre a escola e a comunidade. Ou entre o sujeito que participa das aulas e esse que fora dela leva o seu mundo para dentro. Mas tem dificuldade em levar o mundo da escola para fora.

Além dessa situação, durante o processo de observação foram anotados vários aspectos importantes que expressam o conteúdo do jovem aluno.

3.6 O que falam os jovens alunos no colégio?

No processo de observação gestado pela metodologia observação participante, além de contar com a contribuição da gestão da escola contou-se com a colaboração dos jovens alunos. A tática metodológica consistiu em aproximar-se dos grupos sem fazer perguntas diretas, à medida que a nossa presença tornou-se corriqueira foi possível ouvir relatos sutis de sua vida que no texto escrito não foram narrados.

Tentamos, inicialmente, anotar no momento o que se ouviu, mas esta ação foi executada principalmente depois, em caderno de campo. Após, junto com o orientador, esboçou-se uma sistematização das informações. Para efeito da pesquisa enfatizamos numa escuta emprestada a partir do que o jovem aluno fala com o Outro.

Há dois assuntos que tomam conta da verve juvenil: namoro e correlato; e violência e correlatos. No primeiro grupo encontram-se atitudes como o hábito de se falar com quem ficou, as anotações em cadernos dos rapazes que foram “pegados”, as brigas por terem colocado no Orkut a fotografia “da mina que pegou” ou brigas porque “fulana é fofoqueira”, que se juntam a assuntos sobre sexo, eventos como a revista pornográfica

escondida e a disputa de alunos pelos professores, cujos alunos recebem o aviso: “você está dando de cima do professor...”. Acrescenta-se a estratégia de ir de short curto para seduzir tal professor, deixar os bilhetes nos cadernos de alunos ou professores e também as rodas de meninos que comentam “quem pegou no final de semana”.

Esses assuntos têm uma ligação com o hábito de usar a Net e também o celular que, segundo uma professora, praticamente todos os alunos possuem embora não tenha dinheiro para comprar livros. Vê-se que o modo de falar, o que falam e como falam possuem estreita ligação com os meios que produzem a subjetividade.

Quanto ao assunto violência, geralmente os homens falam das tragédias do bairro, da cidade ou que ganharam grandes contornos na mídia nacional. Muitos comentam, falam com orgulho, colocam-se no lugar do bandido e recebem a negativa de outros. Há também o hábito de apelidar. Um é chamado de Avatar, que em seguida recebe o apelido de Macaco; daí logo surgem brigas. Alguns levam Vodka escondida em garrafa de refrigerantes, outros filmam no celular as brigas e mostram disfarçadamente em uma espécie de cineminha.

Há alunos e alunas que assumem uma liderança por não deixarem tal professor ou professora dar aulas. E há os que são chamados de “avioãzinhos”, pois, dentro da Escola, vendem drogas numa proporção pequena. O lucro é recebido como droga para uso próprio.

Os fatos – como a aluna que foi estuprada pelo tio, a outra pelo avô, os que levaram bombinhas, a menina que mostrou os peitos, o menino que desmaiou por fome, o outro que mostrou o pinto, a outra que está chorando porque não consegue esconder a gravidez, o que está sendo procurado pela polícia – são do colégio. A escola, além de chamar a polícia chama o conselho tutelar. De alguma maneira, a escola fala dos eventos, mas não sistematiza a fala.

Na aula há uma grande dispersão, embora haja alunos e alunas interessados. Há professores jovens que se sentem decepcionados. Embora possuam um bom conteúdo e conheçam as propostas metodológicas veem-se perplexos. Muitos se aproximam dos alunos e conversam sobre futebol. Nos intervalos saem da sala de professores, misturam-se aos alunos, fazem e recebem gozações.

O mundo da escola é agitado; a cultura juvenil traça a sua cor em todos os lugares, na sala de aula, nas reuniões com a direção, no encontro com os colegas, nos banheiros, nas quadras, no momento que vem para o colégio e depois que saem. Muitos rostos são feridos, outros alegres e há os que estão sempre em fuga. Há alunos que reclamam dos próprios alunos por não deixarem as aulas acontecer; e há os pequenos heróis de força, de graça, de beleza como há as heroínas pela coragem, porque com 15 anos já moram com o

namorado. Pouco se falam de ideias, livros e conceitos, mas muita energia é demonstrada. Como relatou um aluno: “entendê eu não entendo, não, mas venho todo dia cagoetá todo mundo”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No término relativo dessa longa jornada, além da aprendizagem e do que conseguimos elaborar em termos de produção acadêmica ficou a descoberta de que os estudos sobre juventude em qualquer uma de suas faces são muito importantes. A primeira importância diz respeito à própria construção da nação. Embora não concordamos com o slogan “o jovem é o futuro da nação” – pois o indivíduo participa da vida social e dos afetos da família desde o seu nascimento – temos certeza do dever do Estado. Todas as instituições que possuem poder de comando precisam avaliar o que se faz com a juventude, aproveitando positivamente a sua grande energia e potência criadora.

Em muitos casos há mesmo uma perplexidade da escola em relação aos comportamentos da juventude. E em muitos casos, em razão desse susto e dessa perplexidade, a solução é a “militarização da escola”, a defesa de mecanismos tradicionais ou a desilusão pedagógica. Em muitos casos chegamos à conclusão que a escola não sabe o que fazer com o jovem atual.

É fácil uma instituição como a escola trabalhar com o jovem a partir da cultura juvenil urbana e metropolitana? Não é fácil. A inquietação, as feridas, os traumas, os medos, a sua insegurança, a sua desconfiança com a educação, os seus hábitos fazem com que ele seja um testemunho das sociedades desiguais, especialmente o jovem da periferia proletária.

Como foi visto na pesquisa realizada, além de serem filho de pais separados, muitos jovens são migrantes, sofrem vários impulsos simbólicos, vivem num espaço cheio de violência e são convidados a fazer outra apropriação da escola por meio da ideologia consumista, sexista, hedonista etc. Todas essas características são levadas para a escola a partir de seu comportamento diante das aulas, das tarefas, dos colegas, das brincadeiras, do que falam etc.

Os estudos realizados na orientação, a participação direta na disciplina “Juventude e audiovisual”, a inserção em eventos, o levantamento bibliográfico, os seminários proferidos e o resultado da pesquisa feita nos deram vários elementos que devem ser sintetizados:

- A juventude como segmento social, categoria ou como identidade não é homogênea. A sua heterogeneidade quase nos leva a mencioná-la como “grupos juvenis”, “juventudes” ou “identidades juvenis”. Esses grupos são diferenciados a partir da renda, da classe social, da etnia-raça, do gênero e também dos vínculos culturais como religião, gostos e hábitos.

- Mas ao investigar a ligação dos vários grupos com a denominada “cultura juvenil”, enxergamos que, embora haja especificidade, todos os grupos estão, atualmente, lançados nas redes globais. Essas redes inserem os jovens em práticas sociais, em modos de comunicação, em formas de sentir, amar etc.

- A análise geográfica da juventude coloca mais uma especificidade: todo grupo jovem e a sua inserção no mundo é mediada pelo espaço. Sendo assim, pode-se falar numa juventude metropolitana que é diferente de uma juventude da cidade pequena ou da zona rural.

- Na metrópole cada segmento jovem, no caso específico a juventude da periferia proletária da região noroeste de Goiânia, desenvolve trajetórias socioespaciais. Essas trajetórias decorrem de sua estrutura social e também definem a construção de sua corporeidade.

- Como a metrópole é fragmentada, os jovens da região noroeste de Goiânia, também fragmentados, desenvolvem a sua corporeidade ligada às redes como Lan House, *Shopping Centers*, TVs, mas não deixam de usar os meios do Lugar como a praça, a feira, as religiosidades etc.

- A inserção nas redes globais, bem como a ligação cotidiana com os lugares das metrópoles cria impulsos aos jovens exigindo-lhes que consumam símbolos e coisas que, muitas vezes, não possuem condições de obter.

- A partir dos símbolos, o jovem constrói a sua subjetividade muito diferente dos signos que os pais receberam de sua família e de sua tradição;

- As mesmas redes que inserem os jovens em suas tramas tentam aliciá-los e aliená-los, obrigando-os a terem maior autonomia e decisão com o seu corpo, com o seu futuro e com as suas escolhas;

Essas considerações foram acrescidas na pesquisa mostrando que há dois grandes impactos estruturais que repercutem na vida e na construção da corporeidade juvenil: as mudanças da família e a reorganização do mundo do trabalho. As novas formas de família, a luta contra a violência doméstica, os altos índices de separação e tantas outras mudanças implicam na formação do jovem, em sua estabilidade e também na sua subjetividade.

Como vimos, há casos em que os filhos não conhecem os pais ou que as mães são alcoólatras. E há casos de muita violência doméstica ou em que as mães são obrigadas a sustentarem a casa com trabalhos domésticos e com renda mínima, inclusive com a ajuda de programa do governo federal.

Quanto às mudanças no mundo do trabalho, o jovem vive a insegurança do desemprego, o medo de não conseguir ter renda suficiente para a sobrevivência, a necessidade de mudar de um local para outro para não ter muita despesa com o transporte. Mesmo que o jovem não tenha condições de fazer uma leitura teórica das mudanças do mundo do trabalho na sociedade global, ele recebe as influências de viver a sua vida no mundo da instabilidade financeira, das crises econômicas mundiais e do desemprego estrutural.

Percebe-se também que a alteração na estrutura da família e no mundo do trabalho repercute em seu comportamento diante da escola. Aliás, há um elogio ao colégio como lugar de encontro, mas, não há menção às aulas. A transformação da escola como lugar de sociabilidade e a fragilidade em criar meios para gerar interesse de aprendizagem nos jovens alunos tem a ver com o empobrecimento das famílias e com a desconfiança na escola em garantir a sobrevivência econômica no futuro.

Constata-se também que a chamada juvenilização do mundo juntamente com a ideologia da eterna juventude atrai o jovem para, precocemente, adultizar-se em forma de hábitos de beber cerveja, consumir telefone celular etc. E, transforma o adulto, pela mesma juvenilização, em ser infantilizado que não quer amadurecer, aceitar a sua condição etária. Essa contradição pode ser esclarecida assim: vive-se hoje o elogio às faculdades da juventude como força, energia, sexo. Mas o jovem é criticado como nunca.

Essas contradições participam da construção da corporeidade da juventude no plano concreto de sua vida. Esse jovem, ao ser chamado para consumir, não tem condições para comprar o que é oferecido pela propaganda, pela publicidade e pelo marketing como a salvação da felicidade. Ao crer na felicidade a partir do mercado sem ter condições para realizar os gostos de consumo, torna-se um ser angustiado, revoltado, que procura linhas de fuga constantemente.

Os que são carentes procuram as igrejas evangélicas ou mesmo diferentes tipos de drogas; há os que se agrupam em forma de turma de briga, torcida organizada, grupo de rock etc. E os que ligados às partes externas do corpo como a beleza vive num espaço que lhe faz ansioso e doente.

Enfim, os estudos, a pesquisa de campo, a ligação com os estudiosos de metrópole e juventude fizeram com que nós, de agora em diante, tenhamos mais respeito pelo jovem. Como falou Arroyo (2009), o jovem, por ser produto de densas trajetórias sociais, é mais complexo e, também, mais criativo.

Além de percebermos a dificuldade que a escola tem em interpretar a juventude fora de padrões superficiais e preconceituosos, vimos que fora o campo legal há poucos

projetos para a juventude. Como foi narrado por vários alunos do Colégio Estadual Professor Genesco Ferreira Bretas, o jovem gosta das aulas de educação física e de atividades culturais, e, podem também, gostar de uma geografia feita com novos meios e novas metodologias, como o uso da máquina fotográfica, de filmadoras e de sites.

O desafio é fazer mais pesquisas e publicá-las para que os sujeitos-pesquisas se informem delas. Como também, levar o professor a se interessar pelo jovem não o comparando com a sua juventude. Dessa maneira, uma forma de enxergar o jovem em sua dimensão concreta é percebê-lo como determinação histórica e como determinação espacial.

Ligado ao espaço/tempo cada jovem ou grupo traça trajetórias socioespaciais a partir de suas condições e de seus conteúdos sociais. Com essas trajetórias constroem a sua corporeidade e ajudam a produzir os lugares. Nas praças, nos parques, nas feiras, nos bares e nos shopping da região noroeste, lá estão eles mostrando o seu jeito, criando o seu habitus, desenvolvendo os seus símbolos, fazendo a sua graça.

No procedimento de observação participante que utilizamos e também nas várias conversas informais com professores, vimos que o jovem apresenta também gestos de solidariedade, capacidade de organizar festas e eventos, coragem para enfrentar pais que querem bater nas mãos. E muitos ajudam os pais em feiras, como servente de pedreiro, ou irmãs mais velhas que cuidam das irmãs mais novas para a mãe ir trabalhar; há os que limpam a casa, fazem comida etc. O fato é que sutilmente ajudam no cotidiano da família.

Um dado interessante demonstrado pela pesquisa é que a maioria dos jovens sempre sonha em ter no futuro profissões que não são as dos pais. Mas mesmo sonhando e sabendo que a realização do sonho passa pela formação na escola, o seu interesse e a sua consciência da importância da formação é diluída e frágil. Vimos que embora haja esforço das escolas atuais e das universidades são poucos os que sabem o que é uma universidade.

Vimos também o grande poder de comunicação. Nos intervalos sempre fazem círculos de conversa. Além de falarem sobre futebol, namoradas ou namorados, falam de futebol e falam especialmente de fatos violentos que ganham prestígio na TV. Fora as influências da mídia estão sempre dispostos para as atividades corporais e culturais. Uns dizem que “desejam arrumar um trampo”, outros falam “não nasceram para ser escravos” e há os que repetem que “Jesus salva”.

Em síntese, mesmo na periferia proletária da metrópole a subjetividade juvenil é fragmentada e diferenciada de um para outro. É essa subjetividade que coloca as mãos no caderno e nos livros, apronta os ouvidos para ouvir as aulas e dá direção ao corpo para relacionar neste mundo complexo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES ABEICHE, Regina Peres Christofoll & RODRIGUES, Alexandra Arnold. **Família contemporânea, reflexo de um individualismo exacerbado?** In: Grupo de Trabalho – Estados Gerais. IV Encontro Latino Americano dos Estados Gerais da Psicanálise. 2005.

ARROYO Miguel D. **Imagens Quebradas** – trajetórias e tempos de alunos e mestres, Petrópolis: Vozes, 2009.

BARCELOS, T. Maia. **Re-quebras da subjetividade e o poder transformador do samba.** Tese de doutorado, São Paulo: PUC-SP, 2006.

BOMTEMPO, Luzia et al. **Os alunos investigadores**, mimeo, 1997

BOURDIEU, Pierre. **A juventude é apenas uma palavra.** In BOURDIEU, P. Questões de sociologia. Trad. de Jeni Vaistsn. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BOURDIEU, Pierre. **As estruturas sociais da economia.** Lisboa: Piaget, 2000.

_____. **A gênese dos conceitos de habitus e de campo.** In: _____. O poder simbólico. 7 ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2004.

_____. **Campo intelectual e projeto criador.** In: POUILLON, Jean (Org.). **Problemas do estruturalismo**, Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

_____. **Escritos de educação.** (seleção, organização, introdução e notas: NOGUEIRA, Maria A. e CATANI, Afrânio M.). Petrópolis: Vozes, 1998 (5ª ed.: 2003).

_____. **O mercado de bens simbólicos.** In: MICELI, Sergio (Org.). **A economia das trocas simbólicas**, São Paulo: Perspectiva, 1974.

_____. **Razões práticas: sobre a teoria da ação.** Campinas: Papirus, 1996.

BRANDÃO, Elaine Reis. **Gravidez na adolescência nas camadas médias: um olhar alternativo.** In: Culturas Jovens: novos mapas do afeto. (Orgs.) ALMEIDA, I. M. de; EUGENIO, Fernanda. Rio Janeiro: Zahar, (2004), pp.79-91.

BRUHNS, Heloisa Turini. (Org.). **Conversando sobre o corpo.** 5ª ed. - Campinas: Papirus, 1994.

CERTEAU, Michel de. **L'écriture de l'histoire.** Paris, Gallimard, 1984

CHAVEIRO, Eguimar Felício. **O Corpo, uma categoria demográfica.** Goiânia: UFG, 2008 (mimeografado).

_____. **Geografia e Sujeito: a corporeidade.** Goiânia, 2009.

CHAVEIRO, Eguimar Felício & SILVA, Mônica Cristina. Boletim goiano de geografia, Goiânia, v. 29, n. 2, p. 171-183, 2009

CIRQUEIRA, Diogo Marçal. **Trajetórias Sócio-espacial de estudantes negros e negras da UFG**. Monografia defendida no Instituto de Estudos Sócio-Ambientais/UFG, 2008.

DAYRELL, Juarez e REIS, Juliana Batista. **Juventude e Escola**: Reflexões sobre o Ensino da Sociologia no ensino médio. Anais do XIII Congresso Brasileiro de Sociologia. Recife, 2007.

DELEUZE, G & PARNET. C. **Diálogos**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Escuta, 1998.

ELIAS, Norbet. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FERREIRA, I. M. **Bioma cerrado – Um estudo das paisagens do Cerrado**. Tese de Doutorado em Geografia – Universidade Estadual Paulista. Rio Claro, SP. 2003.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**, vol. 1 – A vontade de saber. 18ª edição, Rio de Janeiro: Graal, 2007.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Juventude, trabalho e educação no Brasil**: perplexidades, desafios e perspectivas. In: Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação / (organizadores) Regina Novaes e Paulo Vannuchi. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

GOMES, Rui Rocha. **Goiânia desigual e segregadora**. In PAULA, Flavia Maria Assis e CAVALCANTI, Lana de Souza (org). **A cidade e seus lugares**. Goiânia: Vieira, 2007, p.29-52.

GUATTARI, F. & ROLNIK, S. **Micropolítica**: Cartografias do desejo. Petrópolis-RJ: Vozes, 1986.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade** / StuartHall; tradução Tomaz Tadeu da Silva, GuaraciraLopes Louro – 5. Ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HARVEY, David. **Espaços de Esperança**. Tradução de Adail U. Sobral e Maria S. Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2004, pp.135-159.

KEHL, M. R. **A fratria órfã: conversas sobre a juventude**. São Paulo: Ed. Olho d'Água, 2008.

LE BRETON, D. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Campinas/SP: Papirus, 2003.

LUDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E.D.A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas – Temas básico de educação e ensino. São Paulo: EPU, 1986.

MAIA, Carlos E.S. Ensaio **Interpretativo da Dimensão Espacial das festas Populares**. In: ROSENDAHL, Z. e CORRÊA, R. Lobato. (Orgs) Manifestação da cultura no espaço. Rio de Janeiro: Eduerj, 1996.

MARX, Karl. **O Capital**. São Paulo: Difel, 1982 (6 vols.).

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço** - uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MEDEIROS, Mara. **Didática e prática de ensino da educação física: para além de uma abordagem formal**. Goiânia: UFG, 1998.

MEIHY, José Carlos S. **Bom. Manual da história oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**; tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. -3ª ed. - São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MONTEL, Dil, Uma estudante de “Educação Física” minha vida um começo de história. Guarulhos: Phorte Editora, 2003.

MOYSES, Aristides. **Espaço e urbanização: conflitos sociais na Região Noroeste de Goiânia**. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: PUC, 1996.

_____. **Territórios Segregados em Goiânia: leitura sociopolítica da região Noroeste**. In OLIVERIA, Adão Francisco. NASCIMENTO, Claudemiro Godoy. Org. Coletânea, **Cidades sustentáveis políticas públicas para o desenvolvimento**. Goiânia: UCG, 2006. Pág. 121-144.

_____. **Goiânia: metrópole não planejada**. Goiânia: Editora da UCG, 2004.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. **Revoluções tecnológicas e transformações subjetivas**. In: Teoria e Pesquisa, Maio-agosto/2002: Vol. 18, n02, p. 193-202.

ROLNIK, Raquel. **A Cidade e a Lei: Legislação, Política Urbana e Territórios na Cidade de São Paulo**. São Paulo: FAPESP/Studio Nobel, 1997.

ROLNIK, Suely. **A multiplicação da subjetividade**, artigo publicado no caderno “Mais!”, Folha de São Paulo. São Paulo, 1996; p. 3/5.

SAFADI, Sandro de Oliveira. **No ataque às dicotomias, nasce a integração duvidosa: apontamentos limites**. Goiânia, 2009.

SANT’ANNA, D. B. **Políticas do corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

-----, **A natureza do espaço: espaço e tempo: razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1999.

-----, **Por uma epistemologia existencial**. In: Questões territoriais na América Latina. (Orgs.) LEMOS, Amália Inês Geraiges de. et. al. São Paulo: Clacso Livros, 2006, pp.19-26.

SILVA, A. M., **Corpo, ciência e mercado**. Campinas: Autores Associados, 2001.

SILVEIRA, Maria Laura. **O Espaço Geográfico:** da perspectiva geométrica à perspectiva existencial. In: revista GEOUSP – Espaço e Tempo. São Paulo, nº 19, pp. 81-91, 2006.

SOARES, C.(org). **Corpo e História.** Campinas: Autores Associados, 2006 – 3ª Ed.

SOUZA, Lorena Francisco. **Corpos negros femininos em movimento:** trajetórias socioespaciais de professoras negras em Escolas Públicas. Dissertação de Mestrado em Geografia – Universidade Federal de Goiás, 2007.

TAKEUTI, Norma. **Subjetividades e Vínculos Sociais.** In: Café Filosófico: filosofia, cultura, subjetividade. (Org.). SOUSA, Ilza Matias de. Natal: EDUFRN, 2004, pp.262-273.

TOURAINÉ, Allan. **Crítica da Modernidade.** 5.ed. Petrópolis: Vozes, 1998.